



Jonas dos Santos Ferreira

A Ceia do Senhor.
Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes.

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
Abril de 2015



Jonas dos Santos Ferreira

A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana
Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profª. Rosemary Fernandes da Costa
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dorival Souza Barreto Júnior
UNIMONTES

Profª. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro
de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de abril de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jonas dos Santos Ferreira

Graduou-se em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro em 2012. É leigo e atua como professor nas Escolas de Fé e Catequese “Mater Ecclesiae” vinculada a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Desenvolve trabalho de formação Teológica, de modo particular na área de Teologia Litúrgica em diversas Paróquias da Arquidiocese.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Jonas dos Santos

A Ceia dos Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes / Jonas dos Santos Ferreira;
orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. –2015.

107 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Teologia – Teses. 2. Ceia do Senhor. 3. Patrística. 4. Teologia bíblica. 5. Liturgia. 6. Celebração. 7. Mistagogia. 8. Memorial. 9. Aliança. 10. Culto I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

A Deus fonte de toda sabedoria, que através do estudo da Teologia me concede a graça de investigar os Mistérios Sagrados. A Ele todo louvor e ação de graças.

Dedico este trabalho de modo todo especial aos meus pais Acyr e Doralice, por todo apoio, carinho, paciência, atenção e oração a mim prestado no processo de execução deste trabalho. Que o bom Deus os retribua.

Ao orientador, Professor Padre Luiz Fernando Ribeiro Santana pelo estímulo, e pelo acompanhamento paciente em todas as etapas de desenvolvimento desta dissertação.

A CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Teologia pelos ensinamentos e pela ajuda.

A minha noiva Natália Claudino, por ser rosto vivo do Mistério na minha vida. Agradeço toda paciência, encorajamento e estímulo durante este período de formação. És para mim manifestação clara do humano amor de Deus.

A todas as comunidades por onde passei ao longo desses anos e que me ensinaram a vivência dos Mistérios de Cristo através das ações litúrgicas. De modo particular dedico este trabalho aos irmãos e amigos da Paróquia Nossa Senhora de Fátima no Alto da Boa Vista, que comigo são companheiros da mesma mesa, do mesmo pão e do mesmo cálice.

Aos professores Amanda Cividini e Jefferson Evaristo pela prontidão e atenção prestados na correção deste trabalho.

A minha amiga Michele Amaral por toda generosidade e dedicação concedidos a este trabalho.

Aos que foram e são meus alunos na Escola *Mater Ecclesiae*, por compartilharem comigo a vontade de saber e irem além das palavras e das coisas

De modo especial ao Padre José Tiúba (*In memoriam*) sacerdote Barnabita e meu grande mistagogo que durante sua peregrinação nesta terra, me ensinou a viver da Liturgia.

A todos os meus amigos e familiares, os mais diversos, que compartilham comigo a essência da vida feita celebração

Muito obrigado. Deus nos abençoe!

Resumo

Ferreira, Jonas dos Santos; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes.** Rio de Janeiro, 2015. 107p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

À luz da teologia bíblica e patrística, a presente pesquisa sobre o tema da Ceia do Senhor, busca nas suas origens as pistas para a compreensão de tal mistério, que constitui a fonte e o ápice de toda a vida cristã. O presente trabalho tem por objetivo colaborar com o crescimento da pesquisa no âmbito da teologia litúrgica, bem como, estimular e nutrir a vida do povo de Deus em sua experiência de fé por meio da vivência litúrgica, levando a compreensão mistagógica da Ceia do Senhor ao seio da comunidade eclesial.

Palavras-chave

Ceia do Senhor; Patrística; Teologia bíblica; Liturgia; Celebração; Mistagogia; Memorial; Aliança; Culto.

Resumen

Ferreira, Jonas dos Santos; Santana, Luis Fernando Ribeiro (Tutor). **La Cena del Señor. Um enfoque bíblico y retorno a las fuentes.** Rio de Janeiro, 2015. 107p. MSc. Disertación – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A la luz de la teología bíblica y patristica, la presente investigación sobre el tema de la cena del Señor, busca en sus orígenes las pistas a la comprensión de este misterio, que es la fuente y culmen de la vida cristiana entera. El presente trabajo pretende contribuir al crecimiento de la investigación dentro de la teología litúrgica así, estimular y nutrir la vida del pueblo de Dios en su fe a través de la experiencia litúrgica, e conducir a comprensión mistagógica de la cena del Señor en el seno de la comunidad eclesial.

Palabras clave

La Cena del Señor; patristica; La teología bíblica; Liturgia; Celebración; mistagogia; Memorial; Alianza; Culto.

Sumário

1 Introdução	10
2 A Ceia judaica como prefiguração da Ceia do Senhor	14
2.1 A Ceia Pascal	14
2.2 O pão, o vinho e o cordeiro	18
2.3 O Maná e a aliança	23
3 A Ceia do Senhor como acontecimento	28
3.1 As refeições de Jesus	28
3.2 A Ceia de Jesus: a nova e eterna aliança	37
3.3 A práxis da Ceia do Senhor na Comunidade Primitiva	46
3.4 A Ceia do Senhor na teologia Paulina	49
4 Aspectos da Ceia do Senhor na reflexão teológica dos Padres da Igreja	54
4.1 Reflexões Introdutórias	54
4.2 A Ceia segundo o testemunho dos principais autores do século I, II e III	56
4.3 A Ceia do Senhor na reflexão dos Padres Orientais e Ocidentais	65
5 A Ceia do Senhor a luz do Concílio Vaticano II	73
5.1 O Concílio Vaticano II: um resgate a teologia da ceia	73
5.2 O Domingo: dia da experiência pascal em torno da Ceia do Senhor	86
5.3 “Até que Ele venha”: uma visão escatológica da Ceia do Senhor	92
6 Conclusão	99
7 Referências Bibliográficas	102
7.1 Documentos do Magistério	102
7.2 Fontes	102
7.3 Livros	103
7.4 Artigos	107

Abreviaturas

AL	Antologia litúrgica
DD	Dies Domini
DV	Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina
IGMR	Instrução Geral sobre o Missal Romano
LG	Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja
SC	Constituição Sacrosanctum Concilium

Por um pedaço de pão e pouco de vinho. Deus se tornou refeição e se fez o caminho.

Pe. Zezinho

1

Introdução

Deus vem ao encontro do homem e a ele se revela dentro do contexto de uma história concreta, a qual, a partir do seu objeto e meta, é designada como *historia salutis*. Seu conteúdo está repleto de intervenções divinas, que consistem na obra de Deus realizadas de maneira *ad extra*, ou seja, para fora de Si em favor de seu povo. Como será visto na presente pesquisa, o tema da Ceia do Senhor faz parte constitutiva desta história, e torna-se o centro e o vértice deste plano divino.

Na história da salvação, a Ceia do Senhor encontra-se presente em três diferentes etapas: a primeira, no Antigo Testamento, como prefiguração; a segunda, no Novo Testamento, como acontecimento, e, finalmente, ocupa lugar como celebração sacramental e central da Igreja, constituindo o objeto principal de toda ação litúrgica. Esta não tem por finalidade a celebração de um acontecimento humano pretérito, mas sim celebrar uma história divino-humana de salvação, cujo acontecimento essencial é o Cristo. Portanto, na liturgia da Ceia, celebra-se a obra de salvação, e nela se torna presente, no simbolismo dos ritos e elementos, o acontecimento salvífico que é o Mistério Pascal.

A presente pesquisa será desenvolvida em cinco capítulos, cada qual subdividido em itens relacionados com o tema proposto. No primeiro capítulo, apresenta-se uma visão veterotestamentária da Ceia judaica considerando que já no Antigo Testamento existia a noção de que as refeições tinham um caráter sacro.

Desde então, o povo de Israel celebra a festa da Páscoa, como uma celebração rica de sentidos políticos, sociais, pedagógicos e culturais. Por isso, não indevidamente, ela tornou-se o coração de toda a liturgia de Israel, uma vez que, conforme será visto, os atos de comer e beber possuem uma verdadeira harmonia entre o transcendente e o humano, e são sinais evidentes da fidelidade à aliança estabelecida por Deus com os patriarcas. Nas celebrações da ceia, ressaltamos, ainda, a simbologia do pão, alimento sagrado, do vinho, sinal de alegria e ação de graças em reconhecimento ao criador, e a figura do cordeiro, simbolismo da

inocência e da mansidão, vítima sacrificial que se deixa conduzir ao matadouro sem hesitar.

O segundo capítulo está fundamentado no estudo da Ceia a partir da presença histórica de Jesus, que vem para inaugurar um novo tempo e uma nova aliança com os seres humanos. No passado havia para o povo uma prefiguração das intervenções de Deus através de sinais, contudo, a partir daquele momento haverá a plenitude dos tempos, ou seja, a figuração passava ao acontecimento de Deus, a sua presença encarnada entre os homens. O evento Cristo é, por si mesmo, uma epifania do amor de Deus para com os homens.

Também em Cristo, a figura da ceia se mantém como local privilegiado da ação de Deus. É através dela que Jesus inicia sua ação evangelizadora, dando a conhecer aos homens seu mistério e a sua pessoa. Tal realidade, simultaneamente simbólica e concreta, é o início do estabelecimento da nova e definitiva aliança. Enquanto os banquetes de Israel evocavam a libertação do povo do Egito, os de Cristo remetem à salvação eterna e ao mistério do reino de Deus. Assim como no Antigo Testamento, há diversas narrativas sobre ceias no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, com o Cristo servindo-se delas para dar-se a conhecer a si mesmo e ao seu reino.

Ademais, as ceias de Jesus expressam a pertença do reino de Deus aos pobres e pequenos. Seus convidados, frequentemente, eram pecadores, publicanos, cegos, coxos, pobres e excluídos da elite religiosa da época. Definindo-os como os “primeiros convidados” para a ceia, ou seja, os primeiros destinatários de Sua mensagem salvífica, o Messias dá às suas refeições um caráter próprio, de entrega e doação de si pelos outros. Doação voluntária, antecipando profeticamente a entrega que fará mediante sua morte e ressurreição, como exposto nos relatos da última ceia em Mt 26,26-29, Mc 14,22-25, Lc 22,14-20 e 1Cor 11,23-25.

Na última ceia, Jesus antecipa de maneira sacramental o seu sacrifício redentor, mostrando que seu corpo e sangue oferecidos, constituem os sinais da nova e definitiva aliança, realizada nele e com ele em prol de toda humanidade. Será efetivamente no memorial do Mistério Pascal que os primeiros cristãos vão encontrar sua identidade e o alimento para o fortalecimento da fé. Na fração do pão e no memorial da Ceia, os cristãos primitivos vão continuar a encontrar-se com o ressuscitado, sendo a refeição eucarística o local da celebração deste acontecimento, pois, celebrar a Ceia, significa rememorar o mistério sponsal da

aliança definitiva estabelecida, desde sempre, pelo Pai, no dom do Filho e do seu Espírito à Igreja.

A terceira parte da dissertação irá apresentar a reflexão sobre o modo como os primeiros escritores eclesiásticos compreendiam em sua reflexão teológica o mistério da Ceia do Senhor. Os assim chamados “Padres da Igreja” contribuíram efetivamente para o fortalecimento da fé cristã. Tendo em vista seus escritos sobre os sacramentos – e aqui em especial, a Ceia, sempre compreendida a partir da vivência do mistério e da práxis litúrgica em especial –, é possível perceber uma preocupação constante acerca do entendimento deste tema em seus escritos. Já na *Didaqué*, encontramos os relatos de uma ceia dos primeiros cristãos com orações de ação de graças pelo vinho e pelo pão, numa introdução daquilo que seria, definitivamente, a Ceia Eucarística, como entendida no cristianismo. É, portanto, uma das narrativas mais antigas acerca da práxis ritual da Ceia.

Nesse sentido, diversos padres da Igreja desenvolverão escritos abordando a fenomenologia do mistério da Ceia do Senhor. Será na patrística, portanto, que começará a se desenvolver uma primeira teologia, enquanto tentativa de explicação dos mistérios do transcendente. Das contribuições de Inácio de Antioquia às de Justino de Roma, das de Irineu de Lião às de Hipólito de Roma, muitos foram os escritores que se devotaram a compreender o mistério da Ceia do Senhor como memorial, sacrifício salvífico, culto de ação de graças, fortalecimento e vivência da fé. A Ceia deixa definitivamente de ser entendida apenas como uma mera refeição realizada no seio familiar, para assumir a característica de refeição Eucarística, tornando-se assim o lugar de central da vivência da fé e do culto cristão.

Somam-se a estes, os relatos vindos do ocidente, quer seja por Cirilo de Alexandria, quer seja por São Cipriano ou São João Crisóstomo. Por um lado buscava-se entender a Eucaristia a partir da práxis e da vivência do sacramento dentro da Igreja, e cuidava-se para que não houvesse o descuido da Sagrada Escritura nem o esquecimento do caráter pedagógico-catequético dos escritos. São, de fato, as primeiras narrativas que sustentarão os conceitos centrais da fé cristã e motivarão uma atitude contemplativa por parte dos primeiros cristãos, mantendo a centralidade do culto no mistério pascal de Cristo.

Muitos séculos separam as experiências dos Padres da Igreja do Concílio Vaticano II. Embora pareçam, a princípio, pertencer a momentos históricos absolutamente diversos, é possível encontrar muitos pontos de convergência entre

eles. A começar pela visão de que a Ceia do Senhor constitui o centro de todo o mistério eclesial e é, por si só, fonte e ápice de toda a vida cristã, como será dito em seus documentos.

Assim sendo, na quinta parte, iremos compreender como o Concílio Vaticano II concretizou um longo percurso de desejo de mudanças na liturgia, incidindo, sobretudo numa renovação da liturgia da Ceia do Senhor. O retorno da expressão “Ceia do Senhor”, até então em desuso na Igreja, bem como a redescoberta da teologia do Domingo como dia da Celebração por excelência e o enfoque dado através da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* à dimensão escatológica da Liturgia, foram alguns dos marcos conquistados pela reflexão dos Padres Conciliares, com o intuito de tornar as celebrações da Igreja, sobretudo, à da Ceia Eucarística, mais participativa, compreensível e mistagógica.

Ainda no clima de ação de graças por ocasião do jubileu de ouro do Concílio Vaticano II e da publicação da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* é que encontramos a razão desta pesquisa, que impulsionada pelo espírito de “volta às fontes” tem por primazia ajudar o povo de Deus em sua caminhada pastoral a redescobrir a dimensão mistagógica da Ceia. É nosso desejo que esta pesquisa produza frutos, levando cada vez mais as comunidades cristãs a buscar através da teologia da Ceia as pistas para a reta compreensão de tal mistério, que constitui a fonte e o ápice de toda a vida cristã.

2

A Ceia judaica como prefiguração da Ceia do Senhor

2.1

A Ceia Pascal

O livro do Êxodo relata uma experiência viva, fundadora e concreta do povo de Israel com Deus. Essa experiência é rica do memorial¹, ou seja, da recordação constante das maravilhas de Deus em favor daqueles que Ele escolheu para fazer parte do seu plano de salvação. O Êxodo passa a ser uma espécie de “Evangelho” de todo o Antigo Testamento, pois mostra a face de um Deus que salva o seu povo dentro de uma história concreta e que conduzirá esse mesmo povo para uma nova realidade que será desmembrada na nova e definitiva aliança.

A palavra Páscoa é a tradução do vocábulo hebraico *pesách*, a qual significa “passagem” ou “passagem de Deus”², conforme nos certifica o relato bíblico de Êxodo 12,12: “E naquela noite eu passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais; e eu, Iahweh, farei justiça sobre todos os deuses do Egito”.

A solenidade da Páscoa judaica provém de origem popular de pastores nômades que ofertavam a Deus as primícias do seu rebanho. A festa ganha um

¹ Esta memória de Deus não é um simples ‘recordar-se’, porém é antes um comportamento de Deus que leva o próprio Deus a intervir de novo na realidade histórica e que, portanto, extravasa na ação. De modo semelhante, quando é o homem o sujeito desta memória, deste *zkr*, não se trata de um simples recordar. A memória tende sempre a trazer as consequências da recordação, da lembrança, tanto em relação ao cumprimento das promessas feitas, quanto ao propósito da conversão e da volta a Deus. Isto se reveste de particular importância nas passagens em que *zkr* exprime a obrigação que Israel tem de se dedicar à memória cultural, à celebração cultural em geral. A instituição cultural de Deus, que para o homem é um memorial, na lembrança dos homens se torna por assim dizer uma perenização da ação salvífica realizada uma vez por Deus, perenização que põe à disposição dos homens a salvação todas as vezes que eles celebrem o memorial de tal ação salvífica. Cf. NEUNHEUSER, B. “Memorial” In SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, pp. 727 -728.

² Páscoa é decalcado do grego *pascha*, derivado do aramaico *pasha* e do hebraico *pesah*. A origem desse nome é discutida. Alguns lhe atribuem uma etimologia estrangeira, assíria (*pasahu*, apaziguar) ou egípcia (*pa-sh*, a recordação; *pesah*, o golpe); mas nenhuma de tais hipóteses se impõe. A Bíblia liga *pesah* ao verbo *pasah*, que significa ou coxear ou executar uma dança ritual em torno de um sacrifício (1 Rs 18,21.26) ou, no sentido figurado, “saltar”; “passar”, poupar. A Páscoa é a *Passagem* de Javé que passou por cima das casas dos israelitas, ao passo que atingia as dos egípcios (Ex 12,13.23.27; cf. Is 31,5). Cf. BONNARD, P. E. “Páscoa” In LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 735.

caráter litúrgico-celebrativo quando o povo hebreu passa a comemorar nela a sua libertação do jugo do Egito e da opressão do Faraó. Esta celebração, portanto, marca o começo de uma nova realidade para Israel, iniciando, assim, o tempo de uma vida nova e de liberdade, em que o povo pode cultivar o seu Deus. É por esta razão que a Ceia Pascal adquire um destaque proeminente dentre as comemorações religiosas do povo hebreu, tornando-se, assim, o coração de toda liturgia de Israel³.

A Páscoa era provavelmente uma festa pré-israelita. A dos Ázimos talvez fosse de origem canaanita, mas tornou-se israelita. Ambas eram celebradas na primavera. Em certa primavera deu-se uma esplêndida intervenção de Deus, e se concluiu com sua instalação na terra prometida. As festas da Páscoa e dos Ázimos serviram de comemoração deste acontecimento dominante da salvação. Este significado uniu-se muito rapidamente às duas festas, a cada uma de modo independente, segundo as mais antigas tradições; mas este valor comum tornava quase inevitável no futuro a união de ambas⁴.

A festa da Páscoa não se pode reduzir apenas a um memorial de libertação. Essa celebração realizada pelo povo hebreu na noite de sua saída do Egito está carregada também de uma profunda dimensão de futuro: “Esse dia será para vós um memorial permanente que haveis de celebrar por todas as gerações, como instituição perpétua” (cf. Ex 12,14). A força salvadora de Deus, manifestada no passado, é a garantia de que o povo hebreu poderá ir ao encontro do futuro, vivenciando cada etapa do presente como lugar favorável do encontro com o Senhor. A celebração da Páscoa é a certeza de um futuro messiânico que está por vir, pois a verdadeira passagem constitui o começo de uma nova criação, de um novo êxodo, logo o Enviado de Iahweh irá estabelecer um reino de justiça e paz. Por essa razão é que a cada ano os hebreus esperam nessa noite a vinda do Messias e o advento deste novo tempo de libertação.

O ato de celebrar está presente na fundação e na constituição do povo⁵. Toda ação cultural tem por finalidade estabelecer a comunhão entre Deus e o povo de Israel. É a partir da Ceia judaica que o povo de Israel será constituído oficialmente como um povo livre e esta liberdade tem como finalidade prestar culto a Deus. A Ceia judaica constitui, portanto, uma espécie de síntese da fé e do culto hebraico.

³ Cf. Cf. SANTI, D.C. *Liturgia Judaica: Fontes, estrutura, orações e festas*. Paulus, 2012, p. 218.

⁴ Cf. Ibid., p. 217.

⁵ Por meio da historização, a Páscoa se tornou a grande festa nacional de Israel, que celebrava sua constituição como povo de Iahweh. A festa é um reviver do Êxodo. Cf. McKENZIE, JOHN L. “Páscoa” In Id. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 636.

Israel celebra na medida em que vai tomando consciência de sua pertença ao Senhor. A celebração anual da Páscoa é a expressão máxima da aliança e sua celebração consiste no desejo de responder a Deus que convoca o ser humano à comunhão de vida e amor. Somente na noite da libertação, Israel pode celebrar a Páscoa. Somente o homem livre, interior e socialmente, pode ser verdadeiramente religioso⁶.

Para os judeus, a festa e, sobretudo, a Ceia pascal é o autêntico ‘sacramento’, o sinal e a celebração da salvação que Deus operou com eles, e converteu-se no ponto máximo de referência de toda a sua teologia e espiritualidade: um resumo de sua fé e de seu culto⁷.

A importância dessa refeição requer que cada parte seja atentamente prevista, descrita e motivada⁸, tendo em vista seu rico significado. Os elementos que a compõem estão relacionados à libertação do Egito, que ela atualiza. Assim, permite aos judeus reviverem a libertação como se estes tivessem vivido na época dos seus pais. Ainda, mantém acesa no povo hebreu a esperança escatológica da chegada do Messias que nesta noite haveria de libertá-los. Portanto, é de grande interesse o estudo de alguns pormenores da refeição pascal, tais como:

- a) A abundância da Ceia e sua comemoração festiva: para o povo hebreu, a Ceia pascal deveria ser farta de iguarias, pois ela marcava o fim do tempo de indigência e penúria sofrido pelo povo na terra do Egito. Libertos da escravidão o povo pode saciar-se dos bens da criação.
- b) A ritualidade e o simbolismo dos elementos que procedem à refeição. A Ceia pascal é constituída de quatro partes fundamentais, subdivididas em quatorze ritos, a saber: a benção do vinho (*Qaddesh*); a loção das mãos (*Urhas*); comer uma verdura (*karpas*); quebra da *matzá* (*pão sem fermento*) ao meio; o afiqoman (*Yahas*); a história da Páscoa (*maggid*); loção das mãos (*Rohsah*); benção dos ázimos (*Mohsi' massah*); comer a erva amarga (*Maror*); manducar a erva amarga com um pedaço de pão ázimo (*Kork*); a refeição pascal (*Shukhan*

⁶ Cf. RAVASI, G. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 65.

⁷ Cf. ALDAZÁBAL, J. “Eucaristia” In BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1993, p. 165.

⁸ Cf. Cf. SANTI, D.C. *Op.cit.*, p. 178.

'*Orek*); o afiqoman (*Safun*); a ação de graças após a refeição pascal (*Baek*), recitação dos salmos (*Hallel*) e a conclusão do seder (*Nirsah*).

- c) A ação de graças e o louvor (*Beraká e Hallel*): a expressão hebraica *berakah* significa louvor, benção e ação de graças. Este gesto é bastante corriqueiro entre o povo hebreu que, constantemente, rendia louvores e ações de graças a Deus por tudo o que Ele realizava. Israel é chamado a bendizer a Deus até mesmo diante das situações penosas e conflitantes da vida. Esta atitude do louvor em todas as circunstâncias significa absoluta confiança no Senhor. Toda vida de oração do povo hebreu consistia em fazer memória das maravilhas de Deus. Como vimos, toda Ceia pascal tem por finalidade recordar o tempo de sofrimento e escravidão que o povo de Israel viveu no Egito, bem como a sua libertação. Contudo, podemos afirmar que toda celebração pascal da Ceia constitui uma verdadeira refeição de ação de graças, pois nela atualiza-se a salvação de Deus para o seu povo. O *hallel* é o hino de louvor que os hebreus entoam a Deus pela refeição pascal realizada, através da qual se reviveu a libertação. Na recitação do *hallel*, no término da Ceia pascal, a *beraká* transforma-se em um profundo hino de ação de louvor.

Cada um dos detalhes da Ceia acima mencionados possui uma rica finalidade pedagógica. Os ritos e gestos ajudam a comunidade de Israel a renovar sua fé e a recordar a certeza da manifestação poderosa de Deus em seu favor. Sendo assim, a Ceia pascal judaica tem na espiritualidade do povo de Israel a finalidade recordar toda a história da salvação.

Como visto, o cerne de toda celebração anual da Páscoa hebraica consiste na realização de banquete comunitário. A cultura judaica é testemunha de que os atos de comer e beber possuem uma verdadeira harmonia entre o transcendente e o humano⁹ e sua práxis faz parte da história do povo de Israel. Esta realidade é de tal

⁹ Para os judeus são consideradas sagradas as seguintes refeições: as refeições sacrificais nas quais os comensais participam dos manjares que são oferecidos a Deus. Os sacrifícios de comunhão ou de paz, no quais a oferenda – um animal ou os dízimos das colheitas – é dividido em duas porções: uma se oferece a Deus (reserva-lhe, sobretudo o sangue e a gordura) e a outra é partilhada numa refeição em comum “na presença de Deus”. Esses alimentos estão relacionados com a “*todah*” ou confissão de louvor (cf. Lv 3,7.10. 22). Esses sacrifícios supõem um grau de espiritualização dos sacrifícios materiais, em direção ao sacrifício interior do louvor a Deus, mas com o gesto simbólico da participação em forma de alimento diante de Deus dos grupos ofertantes. Cf. ALDAZABAL. J. “Eucaristia” In BOROBIO, D. (Org.). *A Celebração na Igreja*. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1993, p. 159.

forma encarnada em sua cultura, que os hebreus compreendem o rito da refeição como *locus* favorável onde, mediante a revelação, Deus se comunica ao homem convidando-o a participar deste encontro de vida que produz uma aliança de comunhão. No ato da refeição, Deus se relaciona de modo amoroso com o homem.

Portanto, podemos afirmar que a Ceia pascal constitui um sinal evidente da fidelidade e da aliança outrora estabelecida por Deus com os patriarcas e agora visibilizada na libertação do povo das amarras do Egito. Ao reunir-se para comer, o povo faz memória das maravilhas que Deus realizou em seu favor. O Senhor dá de comer aos que tem fome, pois Ele não se esquece jamais daqueles que, em seu desígnio e amor, destinou para serem sua propriedade particular. Ao alimentar os seus filhos e filhas, Deus revela sua paternidade, cuidado e afeição, ao contrário dos deuses do Egito que apenas davam as sobras como alimento ao povo. Como um pai, Deus não deixa faltar o alimento necessário para o sustento dos seus filhos e com amor dá de comer a todos os que se aproximam da mesa de seus comensais. Deus permanece fiel ao seu povo e com carinho prepara na terra prometida um grande banquete para aqueles que outrora eram pobres e excluídos¹⁰, que dependem única e exclusivamente de sua providência. A Páscoa é, por isso, a manifestação máxima da adesão única ao Deus vivo, abandonando a escravidão e a idolatria; é a manifestação máxima da fé e do amor livre pelo Deus da liberdade¹¹.

2.2

O pão, o vinho e o cordeiro

O núcleo de toda liturgia da Ceia judaica está na recitação do *haggadah*. Esse rito constitui a narração dos eventos salvíficos realizados por Iahweh e que tiveram a sua concretização na festa da libertação.

Dentre os elementos constitutivos da Ceia, merecem um destaque particular os sinais do pão, do vinho e do cordeiro. A cultura hebraica considera esses sinais, como alimentos básicos de todas as suas refeições, especialmente da refeição

¹⁰ Os pobres se consideravam como pertencendo a Deus, não por causa dos seus méritos, mas por causa da benevolência que Ele sente com eles. Iahweh empobrece e enriquece; abaixa e também exalta”, reza o cântico de Ana (cf. 1Sm 2,7). Em todo o Antigo Testamento, porém, os pobres não são simplesmente pobres; eles são “os pobres de Deus” (Sl 34,19; Is 29,19; 61,1ss), que pedem libertação e alegria. Cf. BAUER. Dicionário Bíblico-Teológico. São Paulo: Loyola, 2004, p. 330.

¹¹ Cf. RAVASI, G. *Op. cit.*, p. 65.

pascal. Cada uma dessas realidades traz consigo um rico valor teológico e pedagógico que tem por finalidade manter viva na memória do povo os feitos do Senhor pelos seus escolhidos.

A tradição religiosa do povo judeu, em um determinado momento, fundiu em uma única comemoração a festa dos Ázimos e a solenidade pascal, embora na sua origem as duas festividades não pertencessem originalmente a Israel. Páscoa e Ázimos se unem como uma festa que visa recordar a ação libertadora do Senhor em favor do seu povo.

O pão é apresentado como alimento capaz de nutrir a vida e sua confecção possui uma intrínseca relação com a existência humana. O grão de trigo que aparentemente está morto no seio da terra, na verdade, está sendo fecundado, passando por esse processo de amadurecimento e transformação que terá como fim o alimento que sustentará o homem.

O pão para os hebreus é também um sinal sagrado, pois esse vem das mãos de Deus para o sustento e fortaleza do homem. Com humildade, o homem deve todos os dias suplicar ao Senhor que lhe conceda o pão necessário para sua subsistência. Uma vez que ele recebe de Deus esta graça, resta-lhe a ação de graças, pois o Senhor dá de seu pão a quem o pede com humildade e confiança. “Agradecer a Deus pelo pão, significa, portanto, expressar-lhe a gratidão e o reconhecimento por todos os frutos da terra, graças aos quais os homens se alimentam e se alegram”¹². Reconhecer o pão como dom de Deus significa reviver a cada momento a unidade entre o Criador, o cosmos e a criatura.

No contexto da Ceia pascal, o pão ázimo (*matzá*) aparece como sinal da pertença de Israel ao Senhor¹³. Usar o pão sem fermento simboliza o rompimento de uma velha realidade e o surgimento de uma nova. Esta é a ideia de que o velho fermento (escravidão no Egito) deve desaparecer¹⁴ para dar lugar à libertação e à renovação que virá mediante a posse da terra prometida. “O ázimo, um pão sem fermento, realizava em metáfora aquilo que a primavera realizava naturalmente: o fim do velho, portador da morte, e o início do *novum*, portador de vida”¹⁵.

¹² Cf. SANTI, D.C. *Liturgia Judaica.*, p. 162.

¹³ Cf. FUGLISTER, N. *Il valore salvifico della pasqua*. Brescia: Paideia, 1976, p. 125.

¹⁴ SESBOUSE, D. “Pão” In LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica.*, p. 727.

¹⁵ Cf. SANTI, D.C. *Op.cit.*, p. 180.

O pão ázimo significa também o pão da aflição e da indigência. Sua manducação, juntamente com as ervas amargas no momento da Ceia, representa os sofrimentos e dificuldades que os hebreus tiveram que enfrentar enquanto eram escravos no Egito. Enfim, associada à imagem do pão está a ideia da “plenitude messiânica”, que significa a abundância de bens que virão mediante a chegada do Escolhido de Iahweh. O pão passa a ser sinal da esperança, ou seja, dom supremo do tempo escatológico e da realização das promessas divinas que culminarão nas núpcias do Messias.

Desde tempos bem remotos, as imagens da videira e do vinho tornaram-se um dos principais símbolos sagrados de inúmeras religiões. Na cultura judaica, ambas imagens recebem um especial significado: a vinha expressa a predileção de Deus por Israel e o vinho seria o fruto desta predileção, que se traduz no amor de Deus para com o seu povo. O salmista faz referência ao povo judeu como uma vinha trazida do Egito e plantada por Deus na terra de Israel, onde esse mesmo povo criou raízes, cresceu e deu frutos: “Ele era uma vinha: tu a tirastes do Egito, expulsastes nações para plantá-la; preparaste o terreno à tua frente e, lançando raízes, ela encheu a terra” (cf. Sl 80, 9-10).

Na primitiva aliança, a oferta do vinho durante uma oblação¹⁶ significava o reconhecimento do homem para com o seu Criador, em ação de graças pelas maravilhas e dádivas da criação: “Bendito és tu Senhor, nosso Deus, rei do mundo, pela vinha e pelo fruto da videira, pela colheita do campo e pela alegria de possuir um país bom e generoso que destes a nossos pais”¹⁷. Por esta razão a imagem do vinho está ligada à fecundidade e à fartura. Na mesma cultura, o vinho simboliza também a alegria e o prazer pela vida.

A Ceia pascal (em sua primeira parte) é marcada pela oferta de um cálice cheio de vinho. O presidente da celebração, erguendo o cálice, pronuncia a seguinte oração de louvor: “Bendito és tu, Senhor nosso Deus, Soberano do universo, Criador do fruto da vinha”. Com esta oração recorda-se a riqueza e a abundância de dons que Deus, em seu amor, concede ao seu povo. Este gesto é a parte mais importante da Ceia, pois antes de beber do cálice, narra-se a libertação do povo de

¹⁶ O vinho exprime a fecundidade da vinha (o “sangue da vinha”): sob tal alegação, engrandece o poder da criação. É usado nos sacrifícios, sobretudo, quando se trata de sacrifícios “pacíficos” (de plenitude, de paz, de contentamento) feitos com os produtos da terra. Cf. ROUET. A. *A Missa na História*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 29.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 27.

Israel do Egito, explicando mediante a recitação de textos bíblicos, de cânticos e salmos a atualização e o sentido real desta libertação¹⁸. Em outras palavras, abençoar e beber do cálice no momento da Ceia significa recordar a aliança que Deus estabeleceu com o seu povo e ao mesmo tempo a renovação desse pacto de comunhão com o Senhor por parte dos filhos de Israel.

(...) Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que nos santificaste com os mandamentos, e puseste em nós a tua complacência e, por amor e benevolência, nos deste como herança o sábado de tua santidade, memorial da obra da criação: porque aqui está a origem do dia da santa assembleia, memorial do êxodo do Egito. Porque nos elegestes e nos santificastes entre todos os povos e, por amor e benevolência, nos destes como herança o sábado de tua santidade. Bendito és tu, Senhor, que santificas o sábado¹⁹.

Em suma, tanto no âmbito da Ceia pascal, como na própria concepção teológica do povo de Israel, o vinho está ligado também à alegria por ocasião do surgimento da era messiânica. Assim, como o simbolismo do pão ázimo afirma o rompimento de uma realidade e o começo de um novo tempo, a imagem do vinho marca o surgimento da vinda do Messias e o começo de um tempo novo. Todos os povos poderão satisfazer-se de maneira copiosa das dádivas da terra prometida, conforme nos atesta a profecia bíblica: “Naquele dia, as montanhas gotejarão vinho novo, e das colinas escorrerá leite, e os ribeiros de Judá conduzirão água” (cf. Jl 4,18).

A figura do cordeiro é também muito querida pelo povo hebreu. Sua imagem apresenta o simbolismo da inocência e da mansidão. Os cordeiros eram os mais frequentes animais de sacrifício no Oriente antigo e nas regiões do Mar Mediterrâneo²⁰. Em aramaico, o termo *talya* designa tanto “cordeiro” como “servo”, isso porque o cordeiro, diferente dos outros animais, deixa-se conduzir ao matadouro sem hesitar²¹.

¹⁸ Neste momento recita-se a primeira parte do Hallel, constituída dos Salmos 113: “Louvai, ó servos do Senhor” e do Salmo 114,1-8: “Quando o povo de Israel saiu do Egito...” Cf. GOPEGUI, R. J. *Eukharistia: Verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 56.

¹⁹ Benção do vinho durante a realização do Qiddush. Cf. Id. *Eukharistia: Verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 47.

²⁰ Cf. LURKER, M. “Cordeiro e Ariete”. In Id. *Dicionário de símbolos e figuras bíblicas*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 65.

²¹ A imagem do cordeiro foi aplicada ao Servo de Javé, que, morrendo para expiar os pecados de seu povo, aparece “como um cordeiro levado ao matadouro, e como uma ovelha muda diante de quem a tosquia nem abriu a boca” (Is 53,7). Esse texto, que ressalta a humildade e resignação do Servo, anunciava de melhor forma o destino de Cristo. A ele fazem referência os evangelistas quando destacam que Cristo “se calava” diante do sinédrio (Mt 26,63) e nada respondia a Pilatos (Jo

Por ser a Páscoa o memorial vivo da força de Deus, todos os anos à tarde do dia 14 do mês de nissã, os chefes de família ofereciam no pátio do templo de Jerusalém, um cordeiro macho, sem defeito e de um ano. Esta oferta representava o sinal salvífico, da aliança, da liberdade e da reconciliação entre Iahweh e os israelitas.

A noite da vigília pascal hebraica era marcada pela imolação e manducação da carne do cordeiro. Com o sangue da vítima pascal, eram marcadas as casas dos filhos de Israel. Tal simbolismo designava o sinal da salvação e a proteção de Iahweh para com os seus escolhidos. O sangue do cordeiro não era apenas um meio de expiação para afastar a ira de Deus, mas também sinal dos fiéis, que na Ceia pascal tinham se reunido numa comunidade sacramental²². Graças ao sinal do sangue do cordeiro pascal, é que o povo hebreu foi libertado da escravidão, tornando-se assim um povo livre, um reino de sacerdotes e uma nação santa (cf. Ex 19,6).

A Ceia pascal é sinal de unidade profunda da comunidade dos hebreus que se encontram reunidos ao redor da mesa para comer o cordeiro imolado. Portanto, este ritual, unido à refeição do cordeiro, além de ser memorial salvífico, torna-se também uma Ceia de comunhão e de solidariedade, conforme nos atesta Ex 12,4: “Mas se a família for pequena para um cordeiro, então se ajuntará com o vizinho mais próximo da sua casa, conforme o número de pessoas”.

O simbolismo do cordeiro está ligado também ao caráter sacrificial. Diariamente os cordeiros eram sacrificados no templo com o intuito de expiar os pecados do povo para obter a salvação divina. Estes animais sacrificados no Antigo Testamento prefiguram o sacrifício do único e definitivo cordeiro da nova aliança, que se imolará uma única vez em prol de toda humanidade²³.

19,9). Cf. BOISMARD, M.E “Cordeiro de Deus” In LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica.*, p. 183.

²² Cf. LURKER, M., “Cordeiro” In Id. *Op. cit.*

²³ Segundo Aldazábal, o aspecto sacrificial ou expiatório, embora presente na literatura judaica, não parece primordial no contexto da Páscoa; a nós cristãos, o tema do cordeiro, embora seja uma chave importante para entender a missão de Cristo e seu mistério redentor, não nos ajuda diretamente a entender a Eucaristia; os textos nunca relacionam o cordeiro da Páscoa com o Cristo que se nos dá na Eucaristia, mas sim com o Cristo que se entrega na cruz, a partir do quarto cântico do Servo (Is 53). Cf. ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 47.

2.3

O Maná e a aliança

O livro do Êxodo desenvolve um dos grandes temas do Pentateuco: a caminhada do povo pelo deserto e a constituição de Israel como povo da aliança. Neste local árido e precário, os hebreus são chamados por Deus a realizar com Ele a experiência da paternidade divina. Os israelitas conheciam apenas o Faraó como senhor e agora necessitavam saber quem verdadeiramente era Iahweh. O tempo do deserto foi marcado por um período rico de intervenções salvíficas por parte do Senhor.

Libertos da escravidão do Egito, Israel passa a viver agora uma nova realidade. O deserto não é a finalidade da libertação, mas apenas uma etapa pela qual o povo necessitava passar. As duras provas passadas pelo povo, não se comparam à abundância da terra que Iahweh lhes prometera “por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que emana leite e mel” (cf. Ex 3,8).

Os capítulos 15, 22 – 18, 27 narram o período da primeira parte da peregrinação do povo pelo deserto²⁴. A perícope 16 nos situa neste preâmbulo que vai desde a passagem do mar até a chegada ao Monte Sinai. Nesta parte aparece o tema do Maná.

Marcado pela fadiga da caminhada, o povo começa a murmurar contra Moisés e Aarão a respeito das dificuldades encontradas no percurso da viagem. Os israelitas começam a acusar Iahweh e o culpam por estarem vivendo esta situação de desconforto: “Antes fôssemos mortos pela mão de Iahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados juntos à panela de carne e comíamos pão com fartura! Certamente nos trouxestes a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome” (cf. Ex 16,3). Repletos de ingratidão, a comunidade dos filhos de Israel se volta contra o Senhor, sentindo saudade do Egito, do Faraó e do “pão da aflição” que estes comiam na terra da opressão.

²⁴ Ao todo as etapas do Êxodo são compostas de quatro partes: A primeira etapa é o caminho do grupo do Egito, que não é muito grande, e chega até o Sinai, com Moisés. A segunda etapa é a caminhada do Sinai até Madiã, onde o primeiro grupo se associa com o grupo de pastores nômades. A terceira etapa é a caminhada destes dois grupos até o miolo do deserto na localidade de Cadesh Barnéa e associa-se AP grupo das montanhas, os hapirus. A quarta etapa é a marcha desses três grupos, passando por Moab, o lado oriental do Mar Morto, entrando por Jericó, engrossando o grupo com muitos lavradores e pastores. Cf. MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012, p. 26.

Embora fossem descomedidas as queixas do povo, Iahweh intervém em favor deles, manifestando a sua glória e concedendo-lhes a cada manhã o Maná²⁵. Este alimento que Deus deu a Israel durante a caminhada pelo deserto carrega em si um rico valor espiritual. Deus aparece assim como um servo, sempre disposto a atender às súplicas do seu povo, concedendo a cada um o alimento necessário para a subsistência: “Eu ouvi as murmurações dos israelitas; dissei-lhes: ao crepúsculo comereis carne, e pela manhã vos fartareis de pão; e sabereis que eu sou Iahweh, vosso Deus” (cf. Ex 16,12). Este alimento passa a ser então uma recordação da maravilhosa ação de Deus para o seu povo. Moisés como representante de Deus no meio do povo explica à comunidade dos israelitas que o Maná é pão do céu, que o Senhor deu a eles como alimento (Ex 16,15).

Através deste sinal, Israel se assegura da presença de Iahweh que caminha com os seus. O sinal do pão descido do céu não consiste apenas no aspecto de que Deus queira saciar a fome material do povo. Atrás desta intervenção divina esconde-se uma realidade superior. O dom do Maná vem da parte de Iahweh como um sinal de estímulo para o povo. Ele é o meio pelo qual Israel deve cultivar a fé na providência divina, pois o fato de não poder acumular o alimento para o dia seguinte significa esta absoluta confiança em Deus. Maná e cordonizes²⁶ são dons de Deus que devem conduzir o homem à profissão de fé: “e assim sabereis que eu sou Iahweh, vosso Deus”²⁷.

O Maná não consiste apenas em Iahweh se limitar apenas em saciar a fome material do seu povo. Atrás desta intervenção do Senhor, esconde-se uma

²⁵ Alimento que os israelitas comeram durante sua estada no deserto, entre o Egito e Canaã (...) O maná, é descrito como caído na terra como a geada, branco e doce. Caía e se mantinha durante a noite; aos sábados, não caía. Derretia-se quando o calor do sol o alcançava pela manhã. Segundo Nm 11,7-8, podia ser moído ou pulverizado como farinha, sendo então cozido e transformado em pão. O maná continuou a cair até que os israelitas alcançaram as fronteiras de Canaã (Ex 16,38), chamadas Guilgal. Um vaso cheio de maná devia ser mantido na arca da aliança (Ex 16,38); mas esse vaso não é mencionado em 1Rs 8,9 e provavelmente nunca existiu (...) A recordação desse alimento, encontrado e comido durante certo tempo no deserto, se difundiu na tradição a ponto de se transformar no alimento normal de Israel, manipulado como o cereal e não disponível aos sábados. Em Sl 78,24, o maná é chamado “pão do céu” e “pão dos fortes”. Cf. MCKENZIE, L.J. “Maná” In Id. *Dicionário Bíblico.*, p. 524.

²⁶ Pássaro migratório (embora alguns permaneçam na Palestina e na Síria durante todo ano). A codorniz migra através da Palestina, Síria e Egito, chegando ao limite norte no começo de março e ao limite sul em novembro. Ela voa principalmente à noite. O pássaro é extremamente pesado e mantém os longos voos com dificuldade, algumas vezes caindo de fadiga. Ela sempre voa a favor do vento e cruza do Mediterrâneo nos pontos mais estreitos. Há dois relatos da queda de codornizes, provavelmente duplicatas, durante a passagem dos israelitas pelo deserto (Ex 16,13; Nm 11,31-32; cf. Sl 105,40). A breve descrição está inteiramente de acordo com os hábitos das codornizes. Cf. MCKENZIE, L.J. “Codorniz” In Id. *Op.cit.*, p. 160.

²⁷ Cf. RAVASI, G. *Êxodo.*, p. 87.

pedagogia divina. Deus ao alimentar seu povo com o Maná quer conduzi-lo a compreensão de que “não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai de sua boca” (cf. Dt 8, 2-3). Comê-lo significa acreditar na Palavra de Iahweh, aceitando todo o projeto de vida traçado por Ele nos seus mandamentos. A finalidade desta refeição realizada no deserto terá sua concretização na ratificação da aliança no Sinai.

O tema da aliança é fundamental para compreendermos o mistério da Ceia do Senhor no decurso da história da salvação, pois mediante este pacto, Deus continua a operar a sua libertação no *hoje* da história.

Com efeito, os acontecimentos do Êxodo, a aliança do Sinai, são realidades permanentes e duráveis. Fazem parte do ser de Israel e do povo de Deus. Seu alcance é profético, seu conteúdo sempre atual. Por certo, são fatos do passado na sua manifestação ou expressão²⁸.

No Antigo Testamento, o termo “Berit”²⁹ era usado para designar a união entre duas partes ou a relação de adesão entre dois partidos com todos os deveres provenientes de tal pacto. A dinâmica da aliança está vinculada ao projeto salvífico de Deus realizado ao longo da história do povo. Jamais podemos desvincular a aliança do plano de salvação desejado por Deus para todo o ser humano. Toda dinâmica de pacto entre Deus e o seu povo tem por finalidade a oferta como dom gratuito da parte de Deus para os homens e a amizade dos seres humanos entre si.

A perícopes bíblica de Êxodo 24,1-11 nos apresenta uma espécie de ratificação da aliança, outrora iniciada no capítulo 20 com a promulgação do Decálogo e do Código da Aliança. Moisés assume, agora, sua função sacerdotal aproximando-se de Iahweh com a finalidade de selar este pacto amoroso (24,2). A confirmação desta aliança, em Êxodo 24,1-11, apresenta-nos duas conclusões: A primeira está descrita em 24,8, quando o autor sagrado apresenta Moisés aspergindo o povo com o sangue de vítimas oferecidas. Este gesto é rico em toda teologia bíblica, pois o sangue é sinal de vida e quando este é aspergido sobre duas partes que contraem uma aliança cria uma espécie de comunhão física entre elas, que as

²⁸ Cf. JOHANNY, R. *A Eucaristia*, caminho de ressurreição. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 43.

²⁹ O conceito de “aliança” (berît), de etimologia incerta é de origem sociológico-jurídica. Exprime o relacionamento de dois (ou mais) contratantes que se ligam por um acordo bilateral, que os une solidamente no sentido de uma comunidade condicional, que inclui direitos e deveres, e também o mesmo pacto. Cf. J. HASPECKER. “Aliança” In FRIRES, H. *Dicionário de Teologia*., p. 57.

compromete radicalmente a ser fiéis uma a outra³⁰. A segunda conclusão está descrita nos versículos 9 e 11, em que o autor sagrado apresenta Moisés, Aarão, Nadab, Abiú juntamente com os outros setenta anciões aos pés da montanha sagrada, contemplando a majestosa presença de Deus. O texto descreve que após tal epifania, os que estavam ali selaram a aliança comendo e bebendo.

Segundo Childs, em seu comentário ao Livro do Êxodo, esta refeição realizada por Moisés, Aarão e os demais setenta anciãos, simboliza uma “refeição de aliança” celebrada após certificarem que verdadeiramente Deus estabeleceu com eles o seu pacto de salvação³¹. Este é, portanto, o sinal e o gesto que, juntamente com a aspersão do sangue da aliança, selam o pacto de amizade entre Deus e os homens.

O texto de Êxodo 24,11 descreve esta celebração litúrgica em forma de banquete realizada por Moisés diante da presença do Deus da Aliança aos pés do Sinai. Esta cena simples traz escondida em si um profundo significado. Por meio desta refeição realizada aos pés do lugar onde fora selada a aliança, Deus aceita como sua família e propriedade particular todo o povo de Israel, representado pelos anciãos que governavam a comunidade³². Israel representado por meio de Moisés e os chefes dos clãs, responde ao desejo de Deus comendo e bebendo. No banquete, os anciãos entram em comunhão de vida com Deus, alimentando-se de imortalidade (v. 9-11)³³.

Segundo Aldazábal, esta refeição realizada aos pés do Sinai representa o louvor e a ação de graças do povo a Deus pelas maravilhas que Ele outrora realizou em favor daqueles que escolheu por sua herança. Comer e beber, neste sentido, ganham então a forma de culto³⁴. Este gesto passa a expressar o modo com o qual Israel irá constantemente recordar a aliança estabelecida com o seu Senhor.

Da mesma forma que o Maná é uma recordação da presença de Iahweh, o gesto da refeição também está vinculado a este cuidado paterno. Mais uma vez aparece a ideia da refeição vinculada ao memorial. A esta recordação podemos

³⁰Cf. ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 296.

³¹ Cf. CHILDES, S.B. *Pentateuco*. El Libro del Éxodo: Comentario crítico y teológico. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003.

³² Cf. BERGAMINI, D.; KARRIS, J. R. *Comentário Bíblico I: Introdução, Pentateuco e Profetas Anteriores*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Comentário a perícopes de Êxodo 24,1-11.

³³ Cf. ROSSO, S. “Elementos naturais” In SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*, p. 343.

³⁴ Cf. ALDAZÁBAL, J. A *Eucaristia*, p. 41.

atribuir os movimentos de descida e subida³⁵. É movimento de descida, porque Deus vem ao encontro do seu povo para celebrar com ele este pacto de amor e de vida. Ao revelar-se, Deus quer dar a conhecer aos homens o mistério de sua vontade e os convida à participação neste desígnio salvífico. Por outro lado, o memorial é movimento de subida, pois o povo, uma vez consciente de sua vocação e pertença, rende louvores a Deus por tamanha graça. O memorial unido ao louvor torna atual e constante a intervenção salvífica de Deus na vida do seu povo. É a força do Espírito do próprio Deus que desperta no homem a necessidade de render graças e de renovar constantemente a aliança outrora selada. A comunidade entra na dinâmica deste memorial, sentindo-se contemporânea dos fatos passados e destinatária dos bens futuros. O memorial ritual, cútico, perpetua a presença do acontecimento salvífico na história³⁶.

Celebrar a páscoa (...) é tornar nossos acontecimentos vivos no passado, atualizá-los no seu significado, revivê-los. Trata-se, de certa forma, de ressuscitar a história, de viver a saída do Egito não como um fato passado, como uma lembrança, mas como um fato presente, atual. É hoje que se opera, em verdade, nossa libertação: é hoje que Deus conclui conosco uma aliança, e que nós damos o nosso assentimento; é hoje a Páscoa³⁷.

Toda a história do povo hebreu, desde a noite de sua libertação do Egito até a ratificação da aliança aos pés do Sinai, constitui um convite de Deus para que todos tomem lugar na mesa do seu banquete. É desejo de Deus que todos os seus filhos e filhas estejam reunidos em volta desta mesa para celebrarem o memorial da aliança e do amor que é visualizado por meio da reunião desta assembleia festiva. Os comensais fazem parte deste ato de culto que tem por finalidade introduzir o homem na participação deste mistério salvífico.

³⁵ Cf. BERGAMINI, D.; KARRIS, J. R. *Op.cit.*, p. 4

³⁶ Cf. ALDAZÁBAL, J. *Op.cit.*, p. 44.

³⁷ Cf. JOHANNY, R. *Op.cit.*, pp. 46-47.

3

A Ceia do Senhor como acontecimento

3.1

As refeições de Jesus

Deus tem o seu olhar voltado para o homem. Desde o princípio da história da salvação, esta realidade é comprovada mediante as inúmeras alianças³⁸ que Deus estabelece como pacto de comunhão entre si e o seu povo. Todo o Antigo Testamento tem consciência deste desígnio de salvação, e, o rumo da história nos aponta para uma realidade nova que há de vir. A “Palavra” e a “Sabedoria”, outrora personificadas na primitiva aliança, ganham, no Mistério da Encarnação, um rosto concreto. O mistério de Deus que vem ao nosso encontro é uma epifania, ou seja, uma manifestação clara de amor. É o começo de uma nova experiência que cada homem é chamado a fazer com o Deus-Comunhão que Jesus Cristo nos veio comunicar. Somente em Cristo o homem é capaz de realizar esta verdadeira experiência de comunhão³⁹. O evento Cristo marca o começo da plenitude dos tempos em que os sinais do Antigo Testamento passam da figura ao acontecimento.

De fato, toda Encarnação é o fecho da abóbada que comanda e sustenta todo o resto. Ela é a realidade que dá sentido ao universo, à história, ao tempo, ao homem. Tudo, de um lado, nas *mirabilia Dei* do Antigo Testamento, na evolução dos

³⁸ Como vimos anteriormente, o termo “aliança” na Bíblia indica a iniciativa de Deus de fazer um pacto com indivíduos ou com o povo eleito. É bastante comum denominar o Antigo Testamento de “a aliança de Javé com o povo hebreu”. Podemos constatar diversos exemplos desses pactos com pessoas nos seguintes textos do Antigo Testamento: aliança com Adão: Gn 1,3.26-30; aliança com Noé: Gn 6, 18; aliança com Abrão/Abraão: Gn 12,1-3; 15,7-21; 17,2-22; aliança com Moisés e o povo de Israel: Ex 2,24; 6,4-5; 19,5-6; 24,1-11; 34, 10,27; Dt 4,23; 7,9-10; 1Cr 16,15-16; aliança com Fineias: Nm 25,12-13; aliança com Davi: 2 Sm 7,16; 2 Rs 8,19; 2 Cr 21,7; Sl 88, 4-5. Cf. Verbete “Aliança” In VV.AA. *Chave Bíblica Católica*. São Paulo: Ave Maria, 2013, p. 18.

³⁹ “Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (...) Em virtude desta Revelação, Deus invisível, no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos e conversa com eles, para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão. Esta “economia” da Revelação executa-se por meio de ações, palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam-se e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido”. CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina”. In: KLOPPENBURG, B. – VIER, F. (orgs.). *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 2. (A partir daqui usaremos a sigla DV para citar nos referir a este documento).

acontecimentos, estruturava-se em função da Encarnação e a preparava. Tudo, de outro lado, tira doravante sua consistência e orientação deste fato central. Deus, caso fosse possível, “arrisca” sua divindade para permitir ao homem tornar-se o lugar desta divindade, onde exercerá a ação transfigurante do Ressuscitado⁴⁰.

Portanto, a Encarnação consiste neste projeto de iniciativa divina, que tem por finalidade essencial estabelecer o encontro entre o divino e o humano, entre o eterno e o temporal. O objetivo de todo este desígnio é fazer com que os seres humanos participem da vida do próprio Deus. O apogeu do Mistério da Encarnação tem como finalidade conduzir o homem ao Mistério Pascal.

Para realizar, portanto, de modo pleno, a vontade do Pai, Cristo estabeleceu o reino dos céus na terra. Por esta razão, todo o cerne da vida de Jesus de Nazaré consiste em anunciar esta Boa Notícia, convidando todos a ingressarem neste projeto de salvação e de vida em abundância. (cf.: Mc 1,14; Jo 10,10). Com sua pregação do Reino, Jesus não diz apenas algo para o futuro, mas em sua Pessoa o Reino está presente, já irrompeu na história⁴¹.

Os Evangelhos nos certificam que as refeições fazem parte da práxis evangelizadora de Jesus. Neles, o tema do banquete assume um destaque importante, tornando-se assim uma realidade simbólica e concreta, rica de uma densidade teológica. As refeições têm um aspecto real, porque Jesus delas se serve para revelar aos seres humanos sua Pessoa e seu mistério. Tornam-se também realidades simbólicas, pois apontam, de maneira discreta e silenciosa, para o mistério da Ceia, em que se realizará o estabelecimento da nova e definitiva aliança. Tais refeições se transformam em anúncio do mistério da Ceia e, ao mesmo tempo, já são em si momentos sacramentais, através do qual Cristo comunica aos homens o mistério da salvação⁴². Jesus convida homens e mulheres a participarem do banquete de seu Reino, anunciando com alegria a presença da salvação.

Convém aqui recordar algumas das refeições realizadas durante a vida pública de Jesus como sinal da salvação que Ele veio comunicar e alguns aspectos teológicos desta práxis do Cristo.

⁴⁰ Cf. JOHANNY, R. *A Eucaristia*, caminho de ressurreição. São Paulo: Paulinas, 1977, p.58.

⁴¹ TABORDA, F. *O Memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos e teológicos sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 267.

⁴² Cf. ROSSO. S. “Elementos naturais” In SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 344.

Em Mt 9,10-13, encontramos o relato da conversão de Levi. Jesus se dirige a Mateus, que está sentado na coletoria de impostos, e convida-o a segui-lo. Em seguida, a cena desemboca para o cenário de um banquete. Conforme o autor em 9,10, Jesus custeia um jantar. Nesta refeição, em vez de ser recebido, é o próprio Jesus quem acolhe e prepara o festim. Seu intento é o de reunir em torno de si os filhos de Israel (cf.: Mt 23, 37-39). A finalidade desta reunião é a de introduzir a todos no mistério de sua Ceia. Cada vez que Cristo se reveste da figura de “reunidor”, ele dirige especialmente sua convocação a todas as categorias afastadas da assembleia judaica⁴³. O convite à Ceia é fruto da iniciativa de Deus, que visa, por meio da ação de Jesus, reunir em si todas as coisas. Com efeito, o mistério da Encarnação tem a finalidade divino-pedagógica de reunir todas as coisas no Cristo (cf.: Ef 1,10), pois nisto está o cerne de toda história da salvação. Em Cristo, a reunião tem a finalidade exclusiva de estabelecer o desígnio divino da Ceia de comunhão. A convocação da assembleia para a participação na Ceia não se limita apenas a uma reunião de pecadores. Sua finalidade primordial consiste em revestir os participantes com a veste nupcial da salvação. Por isso, Jesus vai ao encontro daqueles que eram considerados excluídos das reuniões celebrativas do povo de Israel.

Jesus de Nazaré senta-se à mesa com seus discípulos, mas também com pecadores e publicanos. Ele faz as vezes de anfitrião e demonstra que Deus se interessa pelos que descambam no mal⁴⁴. Ao reunir-se para comer com os pecadores, Jesus manifesta a acolhida, a solidariedade e a comunhão para com aqueles que são excluídos. Comendo e bebendo com estes, Ele proclama que o reino de Deus é uma realidade concreta e que, como Esposo, encontra-se presente a fim de convidar a todos a participarem do festim das núpcias que deseja consumir com todos os homens. Jesus eleva a refeição ao simbolismo da acolhida. Ao sentar-se à mesa com Mateus e com os pecadores ali presentes, Jesus está decretando o fim dos sistemas religiosos de seu tempo, que preconizavam a exclusão das pessoas consideradas indignas de participar da comunhão com Deus. Para Jesus, o importante não é a observância dos rituais religiosos, mas a solidariedade para com

⁴³ Cf. MAERTENS, T. *Reúne o meu povo*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 49.

⁴⁴ Cf. BETZ, J. *Mysterium Salutis*: Compêndio de Dogmática Histórico-salvífica. Vol: IV/5: “A Igreja: Eucaristia: Mistério central”. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 82.

os desprezados, precisamente, pela religião⁴⁵. Com esta práxis, Jesus indica que ninguém está excluído da misericórdia de Deus.

Consideremos outro trecho bíblico: Lc 7,35-50. Esta narração é uma pequena obra-prima da arte narrativa lucana a serviço de um tema muito caro ao evangelista: o de Jesus que acolhe, perdoa os pecadores⁴⁶ e os convida a participar do seu banquete, como veremos em 14,7-24.

Lucas nos apresenta neste trecho o episódio de Jesus na casa de Simão, o fariseu. Os papéis se invertem neste relato e diferenciam-se. Conforme anteriormente visto, Jesus é quem prepara a refeição para os pecadores e os reúne para a partilha da mesa e da comunhão consigo. Embora proporcione os custos desta refeição, Jesus não se apresenta como o anfitrião, os anfitriões desta Ceia são os pecadores, os cobradores de impostos e todos aqueles que não possuíam um lugar na sociedade e na esfera religiosa de Israel.

O relato de Lucas apresenta Jesus como convidado por Simão para um banquete em sua casa. Por um lado temos a figura do fariseu. Simão pertence à elite dos fariseus. Ele tem um nome, uma identidade, tanto social como religiosa. Ele conhecia as normas culturais e sabia que quando se recebia em casa um hóspede, a primeira coisa que se oferecia era água para lavar as mãos, o rosto e os pés. No caso específico da refeição, o rito de ablução das mãos era um gesto sagrado para os judeus⁴⁷. Simão conhecia a sacralidade do sentar-se à mesa. Sabia que, segundo a cultura judaica, acolher um peregrino ou um amigo para uma refeição era uma atitude de fé, pois quem acolhe uma pessoa na intimidade de sua casa está acolhendo o próprio Deus. Embora ciente de todo o conteúdo da Lei, Simão não felicita Jesus com os simbolismos próprios do acolhimento ao redor da mesa.

Por outro lado, temos a pessoa da mulher. Sem identidade (pois o autor sagrado não revela seu nome), sem pertencer a uma classe dominante ou elite religiosa e sem ter sido convidada para o banquete, mas sem constrangimento algum, ela entra na sala do banquete, provocando o espanto de todos. Aproxima-se de Jesus e presta-lhe o tratamento devido, oferecendo-lhe generosidade, acolhimento e amor. Aquela mulher mundana e acostumada com as leis do trato

⁴⁵ Cf. CASTILHO, M. J. "Eucaristia" In SAMANES, F.C. – ACOSTA, T. J.J (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, 1999, p. 253.

⁴⁶ Cf. FABRIS, R. MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1992, p. 87.

⁴⁷ Cf. MAZZAROLO, I. *Lucas em João: Uma nova leitura dos Evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo editor, 2004, p. 181.

social pôde notar facilmente que naquela casa Jesus não havia sido recebido segundo os princípios básicos da hospitalidade.

Começa aqui o conflito do relato bíblico. Simão, ao ver a cena da mulher que toca, beija e unge os pés de Jesus, escandaliza-se profundamente, esquece dos seus próprios pecados e ainda coloca em dúvida a identidade do Cristo como profeta⁴⁸ (v. 39). Por sua vez, a mulher demonstra muito amor, realizando, segundo o próprio Jesus, uma atitude de fé que a conduziu ao perdão dos seus pecados (cf. v.48:50).

O encontro de Jesus com a mulher pecadora na casa de Simão evidencia a Ceia como o lugar do encontro concreto com o Senhor, como o lugar do amor, da acolhida e da misericórdia. Na refeição na casa de Mateus, rodeado de pecadores, Jesus se declara como médico e faz da Ceia e da partilha com os pecadores o lugar de encontro com a novidade do reino de Deus. Em sua práxis messiânica, Jesus elimina toda espécie de barreira discriminatória e aponta a Ceia como lugar favorável para a reconciliação e a conversão. O escândalo está na imagem de Deus que veio revelar: Aquele que se rebaixa para comer com os pecadores. Esta é, portanto, a novidade da revelação trazida por Jesus e que se torna evidente em suas ações. Graças ao mistério da Encarnação, o amor, a graça e a indulgência de Deus vêm ao encontro do ser humano para lhe apresentar um novo percurso, que visa unicamente a relação amorosa entre o Criador e a criatura. Jesus rompe com todo esquema religioso que impede o homem de entrar em comunhão com Deus, vivo e verdadeiro. Em Jesus, dá-se o início de uma nova práxis religiosa geradora de inclusão e à participação do homem no projeto salvífico e amoroso de Deus.

A religião judaica, perfeitamente estruturada e regulamentada, criava um sistema de desigualdade, de marginalização e de exclusão de acordo com o qual os homens não criavam comunhão nem entre eles nem com Deus. Era apenas o “esboço dos bens futuros, e não a expressão mesma das realidades” (Hb 10,1). A realidade é trazida por Cristo, que abre o caminho novo rumo a Deus, porque Deus iniciou nossa busca. Se o ponto de partida da religião é diferente (não o homem em busca de Deus, mas Deus em busca do homem), o esquema religioso também deve ser diferente. Ele é introduzido por Cristo ao vir até nós em nossa carne⁴⁹.

A perícopes bíblica de Lucas 14,1-24 nos apresenta o tema do Reino de Deus tendo como sua natureza a imagem do banquete. O texto nos apresenta, numa

⁴⁸ STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 227.

⁴⁹ Cf. MATEOS, D. M. *O Sacramento do Pão*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 29.

primeira cena, Jesus sentado à mesa na casa de um dos chefes dos fariseus. Mais uma vez constatamos Jesus em uma reunião e a sua participação em uma refeição patrocinada por um dos chefes da elite religiosa de seu tempo. A cena inicial do relato apresenta a cura de um hidrópico⁵⁰ no momento de uma refeição sagrada, realizada em um dia de sábado. De maneira desafiante, Jesus pergunta aos magistrados da Lei se é lícito ou não curar em dia de sábado, colocando em questão a concepção de Lei. (v. 3). Os fariseus silenciam, não tendo uma resposta razoável para o questionamento de Jesus.

Jesus sendo convidado para a refeição na casa do fariseu coloca em questão a própria concepção de Lei. O fariseu, preocupado apenas com as práticas externas da Lei, se omite em fazer o bem em favor daqueles que necessitam. Nessa refeição Jesus mostra que a verdadeira prática da Lei consiste em optar por atitudes que sejam de amor fraterno, misericórdia e justiça, mostrando que as normas cúlitas e as do cumprimento da Lei têm como objetivo fundamental a vida do ser humano (Ex 20,1-17). Jesus não conhece limites quando se trata de intervir pelo bem. Agindo desta forma, Jesus rejeita toda prática externa da Lei, denunciando a maneira errônea segundo a qual se procura obedecer aos mandamentos. Dessa forma, Ele que age para além de qualquer forma de legalismo, superando assim, as expressões religiosas que não considerem o bem do homem, o ser humano em sua totalidade. Se o sábado é o dia de louvar ao Senhor (particularmente com a voz, o instrumento e a assembleia), quanto mais se pode louvá-lo fazendo o bem⁵¹.

No caso presente, Jesus faz entender que realiza verdadeiramente a vontade de Deus aquele que se aproxima do homem necessitado, assim como ele é, sem sutilezas ou distinções casuísticas. A intenção da lei do repouso sabático é proteger a dignidade do homem e sua liberdade (cf.: Ex 20,11; Dt 5,15)⁵².

O segundo bloco da perícopa (v. 7–11) nos apresenta o tema da escolha dos primeiros lugares na sala da reunião, da Ceia. Jesus começa a introduzir a questão sobre os destinatários do Reino, tema que será desenvolvido nos versículos seguintes. Neste trecho, descrito em forma de parábola, Jesus continua a criticar o

⁵⁰ A hidropisia ou edema é a doença que faz o corpo reter líquido demais, acarretando problemas de inchaço e má circulação do sangue, é conhecida nas sociedades ocidentais, onde é geralmente causada pelo consumo excessivo de sal. Cf. BROWN, E.; FITZMYER, A. J.; MURPHY, E. R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

⁵¹ Cf. MAZZAROLO, I. *Lucas.*, p.193.

⁵² Cf. FABRIS, R. MAGGIONI, B. *Op.cit.*, p. 153.

legalismo cego dos fariseus e a postura que assumem como juízes do próximo. Jesus se serve do exemplo da escolha dos primeiros lugares na festa de casamento, para dele extrair uma lição religiosa. Os escribas e os notáveis fariseus, por serem “guardiões da Lei”, acreditavam que pelo simples exercício dos mandamentos e pela prática externa do culto poderiam comover a Deus a tal ponto de poder reivindicar-lhe certos direitos e privilégios, como, por exemplo, ocupar os primeiros lugares da sala do banquete, no Reino. Esta falsa pretensão gerava a exclusão dos pobres e dos menos favorecidos, impedindo o acesso ao projeto salvífico de Deus, destinado a todo o ser humano.

A lógica de Deus apresentada pela práxis de Jesus é completamente oposta àquela mentalidade religiosa dos fariseus e legistas. É o que a terceira parte da perícope vem revelar. Jesus apresenta aos participantes daquela refeição quem são os verdadeiros destinatários do Reino:

Em seguida disse àquele que o convidara: ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo. Pelo contrário, quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos (Lc 14, 12-14).

Este versículo é o coração do texto e resume toda a prática da ação evangelizadora de Jesus.

O Reino e o banquete pertencem, sobretudo, aos pobres, aos pequenos e aos excluídos, pois estes são capazes de acolher com o coração humilde a mensagem de Jesus. Em outro trecho de seu Evangelho, Lucas afirma que Jesus foi enviado pelo Senhor para anunciar a Boa Nova aos pobres e proclamar a libertação aos presos, aos cegos e oprimidos, inaugurando, assim, o Ano da Graça do Senhor (cf.: Lc 4,18-19). É por isso que o Reino é apresentado em forma de banquete, pois Jesus conhece a fome existente dentro do coração do homem e lhe indica o caminho da salvação. O que Jesus está proclamando é que o Reino de Deus se faz presente onde as pessoas são capazes de sentar à mesma mesa para compartilhar o pão⁵³.

Em outra passagem da Escritura, Jesus se identifica com os pobres, excluídos e rejeitados e ressalta que a escolha dos menos favorecidos não se limita apenas a uma questão social. A escolha dos pobres não deve ser feita com base

⁵³ Cf. MATEOS, D. M. *Op.cit.*, p. 126.

numa tática astuciosa ou hábil demagogia. Escolher os pobres, os que não contam, significa assumir plenamente a sua causa⁵⁴, ou seja, a causa do Reino, pois na imagem do pobre, Cristo se revela (cf.: Mt 25,35-40). O amor é, portanto, a condição necessária para ocupar o primeiro lugar na mesa e para adentrar no Reino preparado para aqueles que observam esta prática; a recompensa é a posse do próprio Reino.

A práxis de Jesus de comer com os pecadores escandaliza (cf.: Lc 5,33; Lc 7,33-34; Mt 11,19), pois seu comportamento é novo e também revolucionário do ponto de vista judaico. Os versículos de 15–24 são um desdobramento do tema dos convidados para a refeição e ratificam novamente a preferência de Jesus por aqueles que são excluídos e rejeitados.

A parábola dos convidados para o banquete soa como uma advertência à pretensão religiosa, dos judeus em relação ao projeto salvífico de Deus. Os hebreus são os “primeiros convidados” para o festim, ou seja, são os primeiros destinatários da mensagem do Reino. Eles conheciam a Lei e a Escritura mediante a revelação de *Iahweh*. Os judeus, portanto, não sentem a necessidade de participar de tal refeição, rejeitando o convite do Senhor.

Diante da rejeição dos convidados para a Ceia, o dono da casa, que tinha preparado uma farta recepção, pede para que seus servos saiam e busquem todos os que encontrarem pelo caminho. Diante da indiferença dos primeiros destinatários, o dono da festa faz entrar em sua morada todos os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos; pessoas consideradas rejeitadas pela elite religiosa da época. O desejo deste senhor é que sua casa esteja cheia, e aqueles que rejeitarem este convite ficarão definitivamente excluídos da participação no banquete.

Jesus é o dono da festa e seu desejo é que todos, sem exceção, participem da alegria do seu Reino. O escândalo dos judeus consiste exatamente no fato de que Jesus admitia a todos no convívio e na festa do Reino. A opção de Jesus pelas pessoas difamadas, excluídas, renegadas, reflete a finalidade da sua missão. Ele veio salvar os que estavam perdidos, concedendo a todos o acesso à salvação que Ele veio trazer ao mundo.

Os companheiros de mesa de Jesus consistiam predominantemente em pessoas difamadas, em pessoas que gozavam de baixa reputação e estima, os incultos e

⁵⁴ Cf. FABRIS, R. MAGGIONI, B. *Os Evangelhos.*, p. 155.

ignorantes cuja ignorância religiosa e comportamento religioso fechavam, segundo a convicção da época, a porta de acesso à salvação⁵⁵.

O festim se destina, a partir de agora, aos que estão perdidos nas encruzilhadas, ruas e praças. O Reino de Deus, tendo como simbolismo a Ceia, quer justamente mostrar que a salvação está aberta aos homens que respondem de maneira positiva ao convite que Cristo lhes faz para participarem de suas bodas. O convite para o banquete da salvação não é uma coisa da qual se possa fazer pouco caso⁵⁶. É desejo de Deus que o homem participe deste encontro que gera a vida e comunhão, e Ele não se cansa jamais de convidar seus filhos e filhas para este festim nupcial; neste, Ele renova o seu amor e a sua aliança com os que escolheu. O Senhor convida todos para tomarem parte em sua mesa. Esta é a grande lição que Jesus dá mediante o seu comportamento, apresentado nos detalhes da perícopes bíblica de Lucas 14,1-24.

Merece uma consideração especial no conjunto das refeições de Jesus, a Ceia que lhe fora oferecida em Betânia, por ocasião da ressurreição de Lázaro. A partir da luz do texto de Jo 12,1-11, daremos um enfoque ao tema da refeição da mesa à luz da antropologia.

O relato bíblico situa Jesus em Betânia. Já se aproximava a celebração da páscoa judaica, aquela que seria a última da vida pública de Jesus. Neste quadro, a refeição de Betânia, segundo Xavier Léon-Dufour, exprime a alegria dos convivas com a presença de Jesus e de Lázaro, que reviveu da morte⁵⁷. Esta refeição, portanto, designa a alegria da ressurreição.

O ato de comer está totalmente carregado de um profundo caráter antropológico, uma vez que o alimento é fonte de vida para o homem, permitindo, assim, a sua sobrevivência. É por isso que em Betânia é oferecido a Jesus um banquete, pois o fato de comer designa a alegria e o gosto pela vida. Nesta refeição encontra-se uma alusão à vida que estava perdida e foi reencontrada. A refeição, no sentido próprio da palavra, é antropológicamente mais que um saciar-se no nível da necessidade básica de refazer as energias⁵⁸. Por esta razão, a Ceia de Betânia identifica-se com uma verdadeira celebração de ação de graças pelo dom da vida.

⁵⁵ Cf. MATEOS, D. M. *O Sacramento do Pão*, p. 127.

⁵⁶ Cf. STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*, p.27.

⁵⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo São João*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 307.

⁵⁸ Cf. TABORDA, F. *O Memorial da Páscoa do Senhor*, p. 264.

Diversamente dos animais, o ser humano come em comunidade. Mesmo quando encontra-se só, o homem procura uma companhia que o possa acompanhar durante o momento da refeição. Este momento é rico de contato, proximidade, fraternidade e comunhão. Dessa forma, comer em comunidade significa nutrir-se da vida dos outros. Participar de uma refeição significa partilhar a vida, estabelecendo, portanto, uma comunhão não só com o anfitrião, mas entre os participantes que dela tomam parte. A presença dos comensais é mais importante do que a quantidade de alimentos.

A melhor imagem para designar a refeição é a imagem da festa, pois esta constitui uma celebração comunitária, ocasião em que seus participantes trocam experiências e regozijam-se com a vida de quem celebra. A festa rompe com toda monotonia, transformando todo fracasso, desilusão e drama em alegria, partilha, participação e encontro. É a própria vida, despojada do cotidiano e vivida em plenitude como expressão simbólica da aspiração à felicidade e à vida que há no coração do ser humano⁵⁹. Em Betânia, a comunidade dos discípulos de Jesus celebra a vida que vence a morte, que rompe os sepulcros da existência humana e que transforma o luto em festa e celebração. Esta celebração da comunidade substitui o banquete fúnebre que era realizado em lembrança ao falecido. Superado o luto e a tristeza, a comunidade se regozija nesta Ceia, transformando o banquete de pesar em solene refeição de ação de graças.

3.2

A Ceia de Jesus: a nova e eterna aliança

A última refeição realizada por Jesus deve ser entendida no horizonte cultural de Israel em torno da Ceia e do anúncio pascal que Jesus realiza nela. A Última Ceia é uma espécie de síntese e, ao mesmo tempo, ápice de toda atividade messiânica de Jesus. Sua missão neste mundo consistia em tornar presente o Reino de Deus e em reconduzir o homem à aliança original. Por essa razão, cada uma das refeições realizada por Jesus tinha a finalidade pedagógica de introduzir o ser humano no projeto salvífico de Deus e que agora, às vésperas de sua Paixão, está por se concretizar. A Ceia do Senhor é, portanto, banquete em que se celebra o mistério da Páscoa, renova-se a Aliança e se atualiza o sacrifício da salvação. Estas

⁵⁹ Cf. Cf. MATEOS, D. M. *Op.cit.*, p. 119.

realidades estão estreitamente ligadas à economia salvífica do Antigo Testamento, que tem seu cumprimento no advento do Novo Testamento.

Vimos no capítulo anterior que a páscoa hebraica celebrada por ocasião da libertação do povo do Egito e a renovação da aliança já consistiam em sua natureza as realidades de banquete e sacrifício (cf.: Ex 24,11). A Ceia de Jesus possui, portanto, esses dois significados: ela é uma Ceia de entrega e de doação. Todos os atos, gestos e palavras de Jesus durante a Ceia dão a ideia de uma entrega voluntária e antecipada do próprio Senhor aos seus discípulos. Podemos afirmar que esta refeição vespertina antecipa de maneira profética e sacramental a obra de redenção que será realizada por Jesus mediante sua morte e ressurreição. Este é, portanto, o cerne de toda a teologia da Ceia do Senhor nos Evangelhos Sinóticos. Podemos dizer que a Ceia nos Sinóticos antecipa e já contém o acontecimento da imolação de Cristo, como a ação simbólica, às vezes antecipada nos profetas⁶⁰.

São quatro os testemunhos bíblicos do Novo Testamento que relatam a Ceia realizada por Jesus juntamente com os seus discípulos, às vésperas de sua paixão. As passagens de Mt 26,26-29, Mc 14,22-25, Lc 22,14-20 e 1Cor 11,23-25 nos relatam em um conjunto, de maneira unânime, os ritos e as palavras de Jesus durante a Ceia: durante uma refeição, Jesus tomou o pão e o cálice com vinho, distribuiu a seus discípulos, pronunciando sobre esses elementos um benção. Além disso, ele formula um discurso de despedida que faz supor a proximidade de sua morte.

A Ceia realizada por Jesus é uma Ceia judaica. Nesta refeição, Jesus utiliza o ambiente cultural e religioso de seu povo para revelar o mistério da nova e derradeira Páscoa, levando a termo a aliança outrora estabelecida entre Deus e seu povo. Segundo o testemunho dos Sinóticos, cada gesto, palavra e ação de Cristo, realizados na última Ceia, têm uma profunda relação com os rituais do banquete judaico, os quais, nesta Ceia, Jesus eleva ao seu significado pleno, novo e definitivo⁶¹.

⁶⁰ Cf. CANTALAMESSA, R. *O Mistério da Ceia*. Aparecida: Santuário, 2003, p. 12.

⁶¹ Segundo Carlo Rocchetta, não é necessário supor que Jesus tenha modificado o que constituía o rito da Ceia pascal judaica: com efeito, a Ceia descrita nos evangelhos espelha fundamentalmente o desenvolvimento daquela Ceia. Os sinóticos concordam em dizer que, “enquanto ceavam”, Jesus tomou o pão e “*deu graças (eucharistias)*...”, o que corresponde à benção sobre o pão no início da Ceia. E, “depois da Ceia”, tomou o cálice e “*disse a benção...*” (“*kos sel berakah*” ou “*posterior tes eulogias*” em 1 Cor 10,16), o que corresponde ao último cálice, que se enchia depois de terminar de comer. Mas à *benção do pão* (“Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do mundo, criador do fruto da terra, que nos ordenastes comer os ázimos”) Jesus acrescentou, enquanto o partia segundo a prescrição ritual, a afirmação fundamental: “*Tomai e comei, isto é o meu corpo*”. E à *benção final do vinho*, enquanto se fazia circular o cálice, acrescentou: “*Este é o sangue da nova aliança, que é*

Uma simples abordagem nos permite verificar que os relatos da Ceia se classificam em duas tradições distintas: a tradição de Mateus e Marcos, e, a de Lucas e Paulo. Vejamos a reprodução dos relatos da instituição no quadro abaixo. Em seguida à leitura das perícopes, pretendemos realizar uma análise bíblico-teológica da Ceia do Senhor à luz dos textos mencionados.

Mateus 26, 26-29	Marcos 14,22-25	Lucas 22,14-20
Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles dizendo: “Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, sangue da Aliança, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados. Eu vos digo: Não bebereis mais deste fruto da videira até o dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai”.	Enquanto comiam, ele tomou um pão, abençoou, partiu-o e lhes deu, dizendo: “Tomai, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice, rendeu graças, deu a eles, e todos beberam. E disse-lhes: “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos. Em verdade eu vos digo, já não bebereis do fruto da videira até aquele dia em que bebereis o vinho novo no Reino de Deus”.	Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”. Então tomando uma taça, deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”. E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: “Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós”.

O Evangelho de Mateus tem como destinatários os judeus convertidos ao cristianismo. Sua finalidade teológica é mostrar-lhes que Jesus é verdadeiramente o Messias e que em sua Pessoa acontece o cumprimento das profecias veterotestamentárias. A versão mateana do relato da Ceia é a mais sintética em relação aos outros textos e também oferece uma perspectiva diversa.

Em seu relato sobre a Ceia, Mateus apresenta no versículo 28 o tema da remissão dos pecados. Mateus, ao tratar deste assunto, remonta ao livro do Levítico

derramado por vós. Fazei isto em minha memória”. Cf. ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da Fé.*, p. 308.

(17,11) para relacionar o rito da Ceia à morte iminente de Cristo na cruz, como significado salvífico e expiatório, conforme os textos veterotestamentários de Ex 24,8 e Jr 31,31-34, que certificam a ratificação da aliança estabelecida. Segundo Léon-Dufour, o perdão dos pecados é intrínseco à nova aliança prometida, depois das contínuas transgressões da Lei⁶². Com este intuito, Mateus quer apresentar, e ao mesmo tempo reforçar, a natureza pactual da Ceia do Senhor, vinculando, desta forma, o mistério da Ceia ao evento da cruz.

A Sagrada Escritura atribui ao sangue um significado especial. O sangue é compreendido no mundo bíblico como sede de toda vida. No sangue está a força vital da criatura, seja ela humana ou animal e, por isso, merece respeito e sacralidade. Por esta razão, entende-se que o derramamento de sangue é sinônimo de assassinato, ato este que o próprio Deus rejeita, ameaçando com pena de morte quem realiza tal coisa (cf.: Lv 3,17; 7,26; Dt 12,16.33; 15,23). O assassinato ofende profundamente a harmonia da criação e a vontade do Criador.

Este é o motivo pelo qual Deus rejeita o sacrifício de seres humanos. Mediante a rejeição de tal prática, está o amor de Deus para com os homens, obras de suas mãos. No âmbito do culto, o uso do sangue tem uma finalidade especial, pois seu uso expressa o rito sacrificial⁶³. Usado para o culto, o sangue aspergido sobre o povo significa a purificação e ao mesmo tempo a íntima relação de comunhão com Deus. O sangue da vítima oferecida em sacrifício separado do corpo supõe a imolação, mas só se torna uma oferenda sacrificial se esta tiver sido oferecida mediante o culto.

Cristo leva a bom termo sua obra alcançando para os pecadores o perdão de Deus. Derramando seu sangue, Jesus, verdadeiro Servo de Iahweh, reconcilia e justifica mediante a oferta de si mesmo a multidão dos pecadores, cujas faltas Ele mesmo carrega (cf.: 1Pd 2,24; Mc 10,45; Is 53,11 s). Jesus é, portanto, o Cordeiro de Deus, oferecido na Ceia e na cruz como vítima de reconciliação; e ao derramar seu sangue, reconcilia com Deus toda criação, restabelecendo novamente a aliança

⁶² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *O Pão da Vida: Um estudo sobre a Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 93.

⁶³ Nos sacrifícios, o sangue é também o elemento essencial. Quer se trate de holocaustos, do sacrifício de comunhão ou dos ritos consecratórios, os sacerdotes o derramam sobre o altar e ao seu redor (Lv 1,5.11; 9,12). No rito pascal, o sangue do Cordeiro assume outro valor: é colocado na verga e nas soleiras da porta (Ex 12,7.22) para preservar a casa dos flagelos destruidores (12,13.23). Cf. SPICQ, C.; GRELOT, P. "Sangue" In LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 968.

original outrora rompida pelo pecado. É por causa da sua total obediência à vontade do Pai que Jesus obtém diante de Deus, em favor de nós, o perdão dos pecados. A nova aliança é então selada pela fidelidade de Cristo até a cruz.

Na Última Ceia, Jesus apresentou o cálice eucarístico como “o sangue da aliança derramado por uma multidão em remissão dos pecados” (26,28). Seu corpo oferecido e seu sangue derramado fazem, portanto, de sua morte um sacrifício duplamente significativo: sacrifício de aliança, que substitui a aliança do Sinai por uma nova; sacrifício de expiação, segundo a profecia do Servo de Javé. O sangue inocente injustamente derramado se torna assim o sangue da redenção⁶⁴.

Por sua vez, a finalidade teológica de Marcos é apresentar ao leitor a seguinte confissão cristológica: Jesus é verdadeiramente o Messias, o Filho de Deus. O objetivo do evangelista é conduzir a comunidade ao mistério de Jesus, mediante a experiência e participação concreta no Mistério Pascal. Com este intuito, Marcos quer mostrar à sua comunidade que os fatos da pregação de Jesus em sua vida terrena e sua paixão – fatos que o levaram à morte – devem ser interpretados à luz da fé e acolhidos no seu verdadeiro sentido⁶⁵.

O Evangelho de Marcos nos apresenta o relato de preparação da Ceia pascal (14,12-16). Este relato acerca da preparação da Ceia faz parte da intenção teológica do autor, onde ele quer definir o sentido da morte de Jesus. O autor começa sua exposição com uma informação cronológica: “No primeiro dia dos ázimos, quando se imolava a Páscoa” (v.12). Segundo o costume hebraico, este dia era destinado à preparação do cordeiro, retirando da casa qualquer sinal de pão fermentado⁶⁶.

Jesus envia dois de seus discípulos até a cidade e pede que lhe preparem a Ceia (v.13). Conforme o costume, a Ceia pascal deveria ser celebrada em Jerusalém e os compatriotas tinham o dever moral de acolher os peregrinos na cidade para a realização do banquete. Procurando mostrar os detalhes e as orientações de Jesus

⁶⁴ Cf. Ibid. , p. 968.

⁶⁵ Cf. BOOF, L. *A Ceia do Senhor nos une e nos reúne: Avanços e perspectivas no cinquentenário do Vaticano II*. Rio de Janeiro: Oikos, 2013, p. 22.

⁶⁶ Segundo Rinaldo Fabris, foi proposta a possibilidade de que Jesus não teria seguido o calendário oficial para a celebração da Páscoa, mas um calendário mais arcaico, de tipo solar, segundo o qual a páscoa, 15 de nisan, caía sempre na quarta-feira; nesta hipótese, a Ceia do cordeiro teria ocorrido na tarde do dia 14, terça-feira. Pode-se tirar um argumento a favor desta hipótese das descobertas de Qumran. Os membros desta comunidade tinham um calendário próprio para celebrar as festas (I QS 1,13-15); neste, a Páscoa caía de fato sempre na quarta-feira. Este duplo calendário resolveria a contradição entre João, que coloca a morte de Cristo na vigília da Páscoa, dia 14 de nisan (Jo 19,14), e os sinóticos, que a situam no dia da Páscoa, 15 de nisan. Além disso, a datação da Ceia na tarde da terça-feira permitiria situar melhor e de modo mais condizente com a praxe judicial judaica e romana os vários eventos que precederam a morte de Jesus ocorrida na sexta-feira. Cf. FABRIS, R. *Os Evangelhos I: O Evangelho de Marcos*. São Paulo, 2002. pp. 587-588.

acerca da preparação da Ceia, Marcos tem a finalidade teológica de mostrar que é o próprio Jesus quem prepara a sua páscoa. Nesta celebração derradeira, Jesus realizará a plena libertação e levará a bom termo a antiga aliança por meio de seu sangue.

Em Mc 14,22-25, o autor nos apresenta o desenvolvimento da Ceia, interrompido em 14,17-21 para apresentar o tema e o anúncio da traição de Judas. Marcos inicia a descrição ressaltando novamente o ambiente em que Jesus se encontrava com os seus discípulos (v.22). Marcos coloca à parte qualquer vestígio do rito judaico da páscoa, para destacar os gestos e palavras de Jesus durante a Ceia. Ele apresenta Jesus como o presidente daquela celebração litúrgica. Como chefe do grupo, Ele ocupa um lugar de proeminência na mesa, pronunciando a bênção de ação de graças sobre o pão, partindo-o e distribuindo-o aos comensais. Agindo desta forma, Jesus dá a esta refeição cultual um significado pleno. Os discípulos, acostumados a participarem de refeições com o Mestre durante o decurso de sua vida, podem perceber que este banquete recebe agora um significado completamente diferente e novo. Isto certifica-se mediante o pronunciamento das palavras de Jesus sobre o pão e sobre o cálice no momento da Ceia pascal.

“Isto é o meu corpo”, afirma Jesus, dando aos convivas o pão abençoado e partido. Nesse gesto, ele se entrega por completo nas mãos de seu Deus, sabedor de que nisso consiste a salvação de todos os homens, e isso na figura daquele pão oferecido a seus discípulos. Ali ele verdadeiramente se doa em Pessoa, consumando toda a sua existência pró-ativa, isto é, entregue pela salvação de seus irmãos. Agindo desta forma, Jesus antecipa o que está por enfrentar: a morte como entrega e como oferta total da sua Pessoa. Ao ordenar aos discípulos que tomem e comam do pão, Jesus associa os seus à participação no seu destino.

A finalidade dessa Ceia é a comunhão e a participação na vida de Jesus. Este fato é comprovado pelas palavras que Jesus pronuncia sobre o cálice. A distribuição do cálice durante o momento da refeição pascal não é mais sinal de alegria e festa pela libertação, como outrora era realizado durante a Ceia, mas, passa a expressar uma nova comunhão, selando a aliança entre Jesus, os seus e o Pai. Esse cálice passa a designar, a partir de então, o sangue da nova aliança que é derramado, caracterizando assim o amor que é fiel até o fim. Ao tomarem do cálice e beberem do sangue da nova aliança, os discípulos estão completamente associados ao destino de Jesus. De maneira sacramental, eles participam da morte cruel destinada ao

Cristo, o qual, por seu gesto supremo de fidelidade, obediência e amor ao seu Pai, dá início a uma nova comunhão entre Deus e os homens.

Também faz parte da perspectiva teológica de Marcos apresentar a última refeição de Jesus como prelúdio do banquete messiânico. O segundo evangelista faz questão de destacar o cenário de despedida que caracteriza a Última Ceia. Esta refeição que Jesus realiza com os seus, aponta para o banquete que será realizado no Reino de Deus. No versículo 25 da perícopes, o autor deixa transparecer um componente escatológico rico de significado: “Já não bebereis do fruto da videira até aquele dia em que bebereis o vinho novo no Reino de Deus”. Com esta afirmação, Marcos quer despertar em sua comunidade a consciência de que o Reino messiânico está sendo representado pela imagem de um banquete. Este sinal é designado pelo vinho, sinal da abundância dos bens futuros e do advento dos tempos messiânicos. Trata-se de um vinho novo que antecipa a realidade do festim último. Na Ceia, Jesus antecipa de maneira sacramental a nova e definitiva aliança que culminará com a recriação escatológica.

O olhar de Jesus, como nos diversos anúncios de sua morte iminente, não para na morte, mas vai além, ao tempo novo, que se inaugura na esperança. Nesta firme esperança ele promete solenemente – *amên* – aos seus amigos que beberá o vinho novo no reino de Deus. A sua morte não é a última palavra. Por meio da ressurreição ele abre o caminho para o reino de Deus. Por isso a Ceia eucarística não é a comemoração de um morto, mas a real participação ao dom que Jesus faz de sua existência, corpo-sangue, para fundar uma nova comunhão com Deus e entre os homens, uma comunhão que prepara e antecipa a união plena e última do reino⁶⁷.

O Evangelista Lucas, por sua vez, retoma da tradição de Marcos a explanação a respeito da preparação da Ceia pascal, acrescentando-lhe, porém, características peculiares que especificam o seu enfoque teológico sobre o tema. A narrativa da Ceia em Lucas pode ser dividida em dois blocos: o mandato para que Pedro e João preparem o local onde o Mestre deve comer a Páscoa com seus discípulos (v. 7-13) e a narrativa e a instituição propriamente dita, da Ceia pascal (v. 14-20). A intenção de Lucas é mostrar que o banquete hebraico era uma prefiguração da refeição agora realizada por Jesus e que a nova Ceia antecipa e prepara o banquete que há de vir⁶⁸.

⁶⁷ Cf. FABRIS, R. *Op.cit.*, p. 591.

⁶⁸ Cf. CONZELMANN, H. *El centro del tiempo*: estudio de la teología de Lucas. Madrid: Fax, 1974, p. 162.

Segundo Lucas, é Jesus quem toma a iniciativa de mandar preparar a Ceia que designa a sua páscoa, mostrando que Ele mesmo é quem está no controle de seu destino. Trata-se da hora decisiva de Jesus, hora esta que carrega em si a potência de realizar o projeto redentor, no qual, em plena liberdade, Jesus aceita e assume a vontade de Deus. Esta será a última páscoa do Cristo com os seus amigos, celebração que marca o começo da verdadeira libertação, na qual se cumprirão os anseios e as esperanças do antigo Israel, recordados todos os anos na celebração memorial da Ceia judaica. Como observado anteriormente, o termo “páscoa”, na herança judaica e na tradição bíblica, recorda a “passagem” que os filhos de Israel fizeram, passando da escravidão para a liberdade. Jesus também irá realizar esta passagem. Ele torna-se agora o centro da nova páscoa, o definitivo “Sacramento” onde se dá o decisivo trânsito da morte para a vida. Dessa forma, ele se torna o pontífice da nova e eterna aliança. A refeição realizada naquela “hora” derradeira tem a finalidade de recordar e atualizar o evento salvífico da libertação, anualmente rememorado na Ceia pascal judaica.

Há características comuns no relato da Ceia feito pelos Evangelhos Sinóticos. Merece destaque, entretanto, no relato de Lucas, o convite de Jesus transmitido aos seus discípulos, o qual parece se apresentar sob forma de um mandato de natureza litúrgica; ele é descrito no versículo 19, após a benção e a distribuição do pão: “Fazei isto como meu memorial”. Com esta ordem, quis Jesus que seus discípulos repetissem o seu gesto com a mesma força de um “zikkaron”⁶⁹, “anámnesis” ou memorial, como designavam os textos do Antigo Testamento. Portanto, o memorial bíblico – tão bem expresso nesse versículo – não é uma simples lembrança psicológica pela qual se recorda subjetivamente o passado, mas evocação memorial que atualiza a salvação operada no passado e antecipa a realidade definitiva dessa mesma salvação, a ser realizada no futuro⁷⁰.

⁶⁹ Esta palavra grega significa memorial, comemoração, recordação. Corresponde ao zikkaron hebraico (o “memorial”), e conota não só uma recordação subjetiva, mas uma atualização do fato que se recorda: a vontade salvadora de Deus, os acontecimentos salvíficos do AT, como o êxodo, e para os cristãos, sobretudo, o Mistério Pascal de Cristo. A anamnese aponta também para o futuro: de algum modo antecipa-o. Chama-se especificamente anamnese o conjunto de palavras que, na Oração Eucarística, seguem-se ao relato da instituição, e com as quais a comunidade “faz memória o próprio Cristo, relembrando principalmente a sua bem-aventurada Paixão, a gloriosa Ressurreição e a Ascensão aos céus”. Faz-se esse memorial obedecendo ao mandato do Senhor: “fazei isto em memória de mim” (em grego, eis tem emem anamnesim). Cf. ALDAZÁBAL, J. “Anamnese” In Id. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 28.

⁷⁰ Cf. ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da Fé.*, p. 310.

Ao pronunciar estas palavras no âmbito da Ceia judaica, Jesus eleva a uma nova realidade aquilo que outrora se celebrava na refeição pascal anual. As palavras “faça isto como meu memorial” devem ser interpretadas como palavras fundadoras, que, nos lábios de Jesus, marcam o começo da nova e definitiva aliança, pois a memória bíblica do homem tem por finalidade primaz uma tomada de consciência em relação à Aliança, realidade esta gravada no coração do povo. Realizando tal gesto pela primeira vez, Jesus não apenas eleva a um sentido novo a páscoa hebraica, mas mediante ao mandato, prescreve aos seus discípulos que realizem esta celebração cúlrica até a sua consumação definitiva. Jesus institui um memorial novo que será diferente do anterior no conteúdo e no sinal, mas não em seu poder representativo e em seu dinamismo atualizador⁷¹.

Obedecendo ao mandato do Senhor, os discípulos deverão celebrar a Ceia memorial para que Deus se recorde de seu Ungido e acelere o quanto antes a sua vinda. Por esta razão, a Ceia do Senhor possui um clima de tensão escatológica, pois ao mesmo tempo que atualiza a ordem de Jesus e renova o mistério de sua paixão, morte e ressurreição, implora também a sua vinda gloriosa. No memorial não somente está em jogo a capacidade de lembrança da comunidade, mas fundamentalmente a “boa memória” de Deus que é quem dá eficácia salvadora e atualizadora ao nosso memorial⁷².

Segundo Cantalamessa, o memorial da Ceia do Senhor possui dois significados: um teológico e o outro antropológico. No sentido teológico, o memorial consiste em fazer memória de Jesus ao Pai e de fazer com que o Pai recorde de tudo aquilo que o Filho realizou por amor da humanidade. Poderíamos parafrasear a ordem de Jesus ao dizer: “faça isto como meu memorial” como “faça isto para que o Pai se recorde de mim”. A anamnese, portanto, significa fazer memória de Jesus ao Pai, e a Ceia constitui o *locus* favorável deste memorial de louvor.

Se a memória, em sentido bíblico, se refere a toda a existência do homem pelo fato de que é, por natureza, relação com Deus, ela se exerce de maneira privilegiada no culto, instituição muito complexa que conserva seu verdadeiro sentido precisamente graças à sua relação com a memória⁷³.

⁷¹ Cf. LÓPEZ MARTÍN, J. *No espírito e na verdade II*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67.

⁷² Cf. ALDAZÁBAL, J. *Op.cit.*, p. 65.

⁷³ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 124.

Por sua vez, a dimensão antropológica do memorial consiste em lembrar de Jesus, não mais ao Pai, mas a nós mesmos, e em fazer que nós nos lembremos d'Ele⁷⁴. Ao participar do memorial da Ceia do Senhor, o homem entra em profunda relação de comunhão com Deus, fazendo assim uma experiência real e concreta com o Único que o pode constituir como pessoa. É fazendo memória de Deus que o homem reconhece as maravilhas divinas realizadas ao longo da história. É do memorial, portanto, que nasce o culto; o culto, por sua vez, está intimamente ligado ao memorial.

3.3

A práxis da Ceia do Senhor na Comunidade Primitiva

Nos Atos dos Apóstolos, a expressão “fração do pão” é mencionada como uma atividade que caracterizava a comunidade cristã desde a era apostólica. Embora não seja explicitamente detalhado por Lucas em At 2,42, este gesto era típico e constantemente realizado na comunidade primitiva⁷⁵.

A ação de partir o pão, como vimos na primeira parte deste trabalho, constituía entre os judeus o componente central de um rito doméstico que tinha como objetivo dar início à refeição familiar, tanto habitual, como solene. O chefe de família, sentado, tomava o pão e pronunciava a bênção; depois, partia o pão com as mãos (portanto, sem cortá-lo com faca); por fim, distribuía os pedaços aos convivas⁷⁶.

A perícopes bíblica de At 2,42 nos apresenta uma imagem ideal da vida da comunidade primitiva. O relato desta imagem inclui quatro elementos fundamentais da identidade dessa comunidade. São eles: o ensinamento dos apóstolos (*didakhé*), a comunhão fraterna (*koinônia*), a fração do pão e as orações. Estas expressões descrevem a vida celebrativa e cultural da comunidade primitiva.

Os cristãos se unem a Cristo não somente pela celebração litúrgica, mas também pela escuta aos ensinamentos dos apóstolos. É por isso que Lucas coloca que o que está em primeiro lugar é o ensino, *didakhé*. Esta breve exortação dos apóstolos serve normalmente de introdução à fração do pão. Este ensinamento não constituía o

⁷⁴ CANTALAMESSA, R. *O Mistério da Ceia*, p. 74.

⁷⁵ Cf. CASALENGO, A. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 127;

⁷⁶ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Op.cit.*, p. 28.

primeiro anúncio do Evangelho aos homens, mas designava instruções ulteriores que eram necessárias para a vivência e o amadurecimento da fé da comunidade.

O mais antigo relato sobre este ensinamento apostólico relacionado à celebração da fração nos é fornecido em Atos 20,7-11, em que se descreve uma reunião da comunidade de Trôade no primeiro dia da semana (domingo), justamente para realizar o partir do pão. O texto afirma que Paulo falou longamente, até a meia noite, a ponto que o jovem Eutico adormeceu durante a pregação do Apóstolo. Lucas ressalta que estava calor na sala da reunião, devido às inúmeras lâmpadas que ali foram acesas. O jovem estava sentado no parapeito da janela para refrescar-se. Em um determinado momento o moço caiu do terceiro andar, vindo a falecer. Paulo, que não terminara ainda sua *didakhé*, ressuscitou o jovem imediatamente; depois partiu o pão e prosseguiu com sua catequese.

Em segundo lugar temos a *koinonia*, que nos é traduzida por “comunhão fraterna”. Esta comunhão exprime-se muito naturalmente pela partilha comum dos bens que todos os participantes colocavam ao redor da mesa comum. Lucas afirma: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma... tudo era comum entre eles” (cf.: 2,44; 4,32). Percebe-se que a fração do pão está no mesmo nível de uma comunidade cujos membros estão como que fundidos por um mesmo amor num só coração, numa só alma⁷⁷. Porém, não podemos reduzir a comunhão fraterna apenas à partilha dos bens materiais. O que o autor dos Atos dos Apóstolos visa é à união de todos os membros da comunidade numa mesma fé e a adesão ao mesmo projeto de salvação. Relaciona-se, assim, a dinâmica entre o culto e a vida. A comunhão na mesma fé e no mesmo culto significa também colocar os bens materiais à disposição de todos os membros da comunidade.

Em seguida, Lucas menciona a característica essencial da comunidade: *a fração do pão*. Como já observamos no relato paulino, a Ceia do Senhor consiste na expressão mais comum do culto cristão, sendo vivenciado e celebrado desde o início da vida da Igreja. O texto de At 2,42 nos certifica que a comunidade cristã se reunia em assembleias de cunho litúrgico para celebrar a fração do pão. Segundo Basurko, esse rito se fundamenta como o ponto culminante da assembleia litúrgica, no qual a cristologização do culto adquire sua maior densidade⁷⁸.

⁷⁷ Cf. DEISS, L. *A Ceia do Senhor*: Eucaristia dos cristãos. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 25.

⁷⁸ Cf. BASURKO, X. “O culto na época do Antigo Testamento” In: BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja vol. I*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 53.

Partilhar o pão é bem mais do que uma mera refeição. Partir o pão e comê-lo de maneira eucarística, significa participar de modo pleno da vida de Jesus. À mesa, Cristo revela que a vida é compartilhamento – o dar e receber mútuo de dons⁷⁹. É por isso que os cristãos se reúnem constantemente para participar do mistério da Ceia do Senhor, pois todas as vezes que em nome d’Ele realizamos este memorial, estamos nos colocando em disposição de entrega; quando Jesus partiu o pão e partilhou o cálice, instituiu um novo modo de dar-se em alimento. Participando da mesa da Ceia do Senhor e do partir do pão eucarístico, os comensais descobrem que a exigência desta participação consiste em dar a vida como alimento em favor dos irmãos.

Enfim, Lucas menciona a *oração*. Esta característica, unida à Ceia do Senhor, constata que a comunidade cristã tem sua essência no louvor, no culto e na adoração. Esta atividade litúrgica nos faz supor a linha de continuidade que existe entre a comunidade cristã e a comunidade judaica, sobretudo, pela recitação dos salmos. Segundo Dufour, é possível associar também as orações às confissões de fé e aos hinos cristãos de que falam as cartas paulinas e também o Pai-Nosso⁸⁰.

Faremos agora algumas breves considerações sobre o lugar e o tempo da celebração. Segundo At 2,46, a assembleia celebrante tinha como lugar de culto a própria residência dos cristãos. O testemunho dos Atos dos Apóstolos não deixa sombra de dúvida de que os discípulos permanecem fiéis à tradição judaica ao frequentar o templo, para as orações que ali são realizadas. Porém, acontece aqui um rompimento com os costumes religiosos da época. Esta ruptura consiste no fato de que os discípulos não são vistos mais tomando parte dos sacrifícios rituais. Segue-se assim o exemplo de Jesus que em sua práxis evangelizadora, em momento algum aparece como participante destas cerimônias sacrificais. Os discípulos caminham, portanto, nesta linha de descontinuidade.

Tal era já a liberdade escatológica da Igreja primitiva. Se o Templo é respeitado como um lugar sagrado de oração e de pregação, o rito da fração do pão nas casas era independente; ele se realiza fora do domínio sagrado, como as aparições do Ressuscitado e do Pentecostes se haviam realizado fora⁸¹.

Quanto à execução dessas assembleias e aos dias de celebração, os textos do Novo Testamento são muito vagos. Os textos de At 2,46 e 6,1 comprovam, embora

⁷⁹ Cf. WIRZBA, N. *Alimento & Fé: Uma teologia da alimentação*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 224.

⁸⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento.*, p. 31.

⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 34.

de maneira obscura, a existência da reunião cotidiana dos cristãos nas casas e a partilha dos alimentos. Porém, observa-se a preferência do primeiro dia da semana (dia que seguia o *sabá*) para a realização dessas reuniões. Este dia torna-se especial para os cristãos, que se reuniam para celebrar a ressurreição do Senhor crucificado.

Portanto, se a Ceia do Senhor e a fração do pão substituem para os cristãos a antiga páscoa, colocando também de lado os antigos sacrifícios rituais, comprova-se que a refeição realizada por Jesus juntamente com seus discípulos tem um sentido concreto e forte para o novo povo de Deus. A fração do pão propriamente dita corresponde à iniciativa do Ressuscitado: ela nos une sempre de novo ao passado de Jesus e a seu presente em Deus⁸². A Ceia do Senhor e a fração do pão apresentam-se como símbolo de fé da comunidade cristã que vive na expectativa da vinda gloriosa do Senhor.

3.4 A Ceia do Senhor na teologia Paulina

Os Evangelhos Sinóticos, conforme verificado, dão um precioso testemunho a respeito da refeição pascal realizada por Jesus e seus discípulos, embora estes textos tenham sido elaborados posteriormente. É de autoria do apóstolo Paulo o mais antigo e o mais importante relato institucional a respeito da Ceia do Senhor no Novo Testamento⁸³.

Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim’. Do mesmo modo, após a Ceia, também tomou o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim. Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha’⁸⁴.

Procurando obedecer ao mandato do Senhor: “fazei isto como meu memorial”, a comunidade cristã, desde o princípio, compreendeu que esta refeição solene caracterizava a nova e máxima expressão cultica do Novo Testamento⁸⁵. A comunidade primitiva assume a prática da Ceia do Senhor e a celebra, com uma

⁸² Cf. *Ibid.*, p. 39.

⁸³ FEE, D.G. *Primeira epístola a los Corintios*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1994, p. 616.

⁸⁴ Cf. 1 Cor 11,23-26.

⁸⁵ CHAMPLIM, N.R. *O Novo Testamento interpretado*. Vol. IV. São Paulo: Milenium, 1980, p. 180.

nítida conexão à Ceia realizada por Jesus antes de morrer. Dedicaremos nossa atenção ao relato da Ceia do Senhor descrita por Paulo em sua primeira Carta aos Coríntios 11,23-26. Em seguida, iremos observar a realização desta mesma prática no âmbito das comunidades primitivas.

O relato bíblico de 1Cor 11,23-26 nos certifica que em Corinto, por volta dos anos 55-56, a Ceia do Senhor era celebrada no contexto de uma refeição comunitária: os cristãos se reuniam em casas particulares, onde cada membro da comunidade levava a sua provisão para a realização do banquete comum e para a celebração do memorial da Ceia do Senhor. Paulo foi o fundador da comunidade eclesial de Corinto e o ritual da Ceia fora por ele mesmo introduzido na práxis da vida litúrgica e celebrativa dessa comunidade. Na sua ausência, porém, foram introduzidas algumas práticas estranhas ao ensinamento apostólico e por ele condenado.

O ensinamento paulino em 1Cor 11,17-34 foi dirigido contra essas práticas que significavam que a refeição perdera o caráter de refeição em memória do Senhor⁸⁶. Paulo censura a postura da comunidade de Corinto a respeito de suas assembleias celebrativas. Em Corinto era possível constatar não apenas abusos de cunho litúrgico, mas também desregramentos que chegavam a comprometer gravemente o genuíno significado da celebração da Ceia do Senhor. Justamente no momento culminante em que a comunidade eclesial era chamada a testemunhar sua identidade, no momento da celebração da Ceia, os fiéis da comunidade de Corinto se comportavam de maneira inadequada, gerando assim escândalo e desunião.

O que Paulo adverte é que nem todos possuíam um lugar comum na mesa da Ceia, já que os cristãos que tinham mais posses realizavam a sua própria Ceia, excluindo assim os pobres que nada tinham a oferecer para a realização do ágape e da Eucaristia⁸⁷ (cf.: v. 21-22).

⁸⁶ MARSHALL, H. I. “Ceia do Senhor” In HAWTHORNE, F. G.; MARTIN, P. R.; REID, G. D. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 212-213.

⁸⁷ A partir daqui começaremos a usar o termo Eucaristia para referir-se ao memorial da Ceia do Senhor. A palavra vem do grego *eu* (bom) e *charis* (graça) = “boa graça” (em sentido descendente); ou “ação de graças” (em sentido ascendente). Quando os Evangelhos descrevem os gestos da última Ceia, recordam que Jesus “tomou o pão e deu graças” (*eucharistesas*). Não é de estranhar, portanto, que por volta do ano 100 o nome Eucaristia se acrescentasse às outras denominações usadas pelas primeira comunidades para designar esse sacramento: Fração do Pão e Ceia do Senhor. A seguir, chama-se *Synaxi* (reunião, ação conjunta), Missa etc. Cf.: ALDAZÁBAL, J. “Eucaristia” In BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja. Vol. II*. São Paulo: Loyola, p. 137.

Aqueles que tinham trazido provisões para a Ceia, em vez de esperá-los, comiam sozinhos. Faziam uma Ceia particular, inclusive com excessos desprezíveis, com a embriaguez de alguns; enquanto isso, aqueles que nada tinham trazido permaneciam com fome⁸⁸.

Com esta exortação, Paulo deixa evidente que a Ceia do Senhor deve ser realizada em uma celebração comum, em que todos os fiéis estejam reunidos e que possam viver a comunhão e o amor fraterno, pois esta é a natureza do ágape, justamente porque essa refeição deve exprimir o amor mútuo daqueles que creem. Em suma, o apóstolo quer enfatizar à comunidade de Corinto que o ambiente celebrativo da Ceia do Senhor é o centro e fonte de toda a unidade cristã⁸⁹. Os que dela tomam parte devem eliminar todas as distinções de classes e segregações humanas, pois participar da Ceia significa ter comunhão com o Senhor e também com seus irmãos. A comunidade de Corinto passa então por uma desvinculação da Eucaristia enquanto refeição comum, ou seja, do sinal sensível da fraternidade eclesial. A refeição que era comum tinha se privatizado⁹⁰. A assembleia eucarística deve se opor a qualquer tipo de cisão ou exclusão. O culto da Ceia do Senhor deve ser vivenciado pelos seus participantes como uma espécie de prolongamento da práxis de Jesus e do Evangelho, criando, portanto, uma relação de amor recíproco entre todos os que tomam parte da mesa comum.

Convém demonstrar alguns aspectos teológicos que o apóstolo Paulo ressalta em seu discurso sobre a Ceia do Senhor:

a) A Ceia enquanto refeição.

Paulo chama a Eucaristia de “Ceia do Senhor” e os que dela tomam parte participam da “mesa do Senhor”. Com isso, Paulo quer afirmar que a reunião dos cristãos tem por natureza o caráter de uma refeição. Como anteriormente visto, os judeus compreendem que todas as refeições possuem um dinamismo sagrado, na medida em que elas são acompanhadas do louvor e da ação de graças a Deus pelo alimento recebido. Paulo afirma que a refeição cristã possui um significado teológico muito importante: a Ceia do Senhor não é apenas uma refeição comum ou um mero ágape fraterno. Ela é a participação na própria mesa do Senhor e, com esse gesto, afirmar sua morte e ressurreição, uma vez que a comunidade cristã

⁸⁸ BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo vol. I*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 309.

⁸⁹ LEVORATTI, J. A. *Comentario Bíblico Latinoamericano: Nuevo Testamento*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003, p. 847.

⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 310.

encontra-se reunida neste festim para justamente fazer memória do Mistério Pascal. A Ceia traz em si um aspecto fundamental: Jesus está vivo e esta afirmação compromete a vida daqueles que tomam parte do memorial dela.

b) A Ceia enquanto parte integrante da Tradição Apostólica.

Paulo transmite aos seus ouvintes a catequese que ele recebeu do Senhor em Antioquia, quando foi introduzido e educado na fé a partir dos anos 35-40: “Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti” (v.23). Para o apóstolo, a celebração da Eucaristia é uma celebração que pertence à tradição da Igreja e que tem sua essência no próprio Senhor. Paulo afirma ter recebido e transmitido de maneira fidedigna à comunidade de Corinto a autêntica práxis de celebração da Ceia do Senhor. Paulo se apresenta como um elo na corrente da tradição, a qual remonta a Jesus e cuja autoridade continua presente na Igreja⁹¹. O relato da Ceia, apresentado por Paulo, mostra claramente que ela tem um cunho essencialmente litúrgico e celebrativo. O apóstolo exorta à comunidade para que se mantenha fiel à prática cultural herdada pela tradição dos apóstolos. Esse relato tem a finalidade de valorizar, recordando seu fundamento, um rito habitualmente praticado⁹².

c) A relação entre a Ceia do Senhor e morte de Cristo.

A refeição comunitária é designada por Paulo como lugar da viva manifestação do Senhor; no momento em que a comunidade celebra a recordação da cruz. Ele faz questão de lembrar à comunidade de Corinto que a celebração da Eucaristia proclama a “morte do Senhor” (cf.: 1Cor 11,26-29). Sendo o pão o corpo de Jesus entregue à morte e o cálice o sinal do seu sangue derramado, que confirma a nova aliança, esta refeição é verdadeiramente compreendida como um anúncio anamnético da morte de Jesus. Para o apóstolo, o mistério da cruz e ressurreição estão em íntima conexão, de modo que o memorial da cruz, celebrado na Ceia do Senhor, desemboca no anúncio da Ressurreição.

O comentário de Paulo, identificando “a memória de Cristo” com a “memória-proclamação de sua morte”, é sinal evidente de que para ele a participação na “Ceia do Senhor” é participação no “corpo-cálice” de Cristo, que se encontram sobre a “mesa-altar do Senhor” (1 Cor 10,16-21); com isso, ele põe em evidência a natureza “sacrificial” da celebração cristã. Assim, apresentando-nos a celebração como uma “Ceia do Senhor”, à qual todos são convidados para comerem e beberem, Paulo exorta a que se tenha cuidado, porque se trata de “comer este pão e de beber deste cálice”, isto é, não um pão e um cálice como os de qualquer outra

⁹¹ Cf. BROWN, E.; FITZMYER, A. J.; MURPHY, E. R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*., pp. 475-476.

⁹² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento*., p.36.

Ceia, mas um pão que é “o corpo de Cristo dado (em sacrifício)” e um cálice que é o “da nova aliança”. Por outro lado, para Paulo, as palavras com as quais Cristo deu seu corpo para ser comido e seu sangue para ser bebido, condensam todo o significado pascal de sua morte; e se a libertação e a aliança operadas por Cristo são o conteúdo real da Páscoa, o seu sinal externo é uma Ceia na qual “se come a Páscoa” (...) A celebração cristã, na apresentação de 1Cor 11, 23-26, não é, pois, ou Ceia ou sacrifício, mas uma Ceia na qual, ao se comer a vítima, participa-se do sacrifício⁹³.

d) A Ceia do Senhor é um memorial.

O memorial da Ceia do Senhor recorda e torna presente o único e definitivo sacrifício do Filho de Deus, que a Igreja reunida em assembleia atualiza na celebração do sacramento da Eucaristia. Ao celebrar este sacramento, a Igreja coloca no altar os sinais do sacrifício de Cristo, o pão e o vinho, o seu corpo e o seu sangue. Ela “faz memória” da obra redentora de Cristo e dá graças por tudo o que ele fez em nosso favor⁹⁴. A celebração cristã da Ceia retoma o memorial da Ceia judaica para afirmar que a antiga aliança foi plenamente realizada pela nova. Na fórmula “fazei isto como meu memorial”, Paulo afirma que esta refeição de ação de graças sempre foi compreendida pela Igreja como *locus* favorável onde se atualiza e renova o memorial da nossa redenção, conforme o próprio apóstolo descreve no versículo em 1Cor 11,26: “Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor”.

Concluimos este capítulo percebendo que toda práxis evangelizadora de Jesus, consistiu em reunir da mesa e da refeição todas as pessoas que se sentem atraídas a sua proposta de vida. As ceias realizadas por Jesus expressam a pertença do reino de Deus aos pobres e aos pequenos. A última refeição realizada em vida por Jesus consiste em uma espécie de síntese e, ao mesmo tempo, ápice de toda sua atividade messiânica. As primeiras comunidades celebrarão a Ceia do Senhor com a consciência de que a Ceia é este lugar de encontro, de partilha e solidariedade. Este mesmo espírito se manteve vivo na era Patrística como veremos a seguir.

⁹³ Cf. MARSILI, S. et al. *A Eucaristia: Teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 22-23.

⁹⁴ Cf. ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da Fé.*, p. 314.

4

Aspectos da Ceia do Senhor na reflexão teológica dos Padres da Igreja

4.1

Reflexões Introdutórias

O período histórico em que viveram os Padres da Igreja⁹⁵, o assim chamado “período patrístico”, pode ser definido, com propriedade, como um tempo áureo da era e da literatura cristã. Esta fase sucede ao tempo dos apóstolos e possui características singulares e marcantes no que tange a formulação da doutrina e dos dogmas cristãos. Desde os primórdios do cristianismo, a Ceia do Senhor constitui o ponto central da vida eclesial, não tanto como objeto de investigação, mas, sobretudo, como práxis litúrgica e celebrativa, que tem por finalidade o alimento e o cultivo da fé. Sob o véu dos sinais, os cristãos primitivos mantinham o seu encontro com o Senhor mediante a refeição celebrativa e consideravam esse momento como o lugar favorável para a experiência concreta com o Ressuscitado.

Conforme vimos acima, no testemunho dos Atos dos Apóstolos, os cristãos primitivos participavam de duas liturgias: a do Templo, da qual eles eram assíduos participantes e outra que lhes é própria, marcada pela fração do pão e pela celebração da Ceia. Esta segunda, não se limitava apenas ao âmbito do Cenáculo, mas encontra no recinto familiar e doméstico seu lugar privilegiado de realização.

O crescente número de adeptos ao cristianismo foi produzindo alterações no modo de celebrar a Ceia Eucarística. Os oriundos da Palestina herdaram uma compreensão da refeição relacionada com a bênção e a celebração religiosa; os

⁹⁵ O apelativo “Padre” não se refere ao que na língua portuguesa e em outras línguas modernas significa, a saber, ministro ordenado católico e, portanto, presidente de assembleias eucarísticas. Os escritores eclesiásticos dos primeiros séculos são “Padres” porque, exemplares na santidade de vida, insígnies na exposição da doutrina cristã e radicais na fidelidade à fé, receberam da Igreja este reconhecimento. São chamados “Padres” porque a Igreja tributa-lhes filial gratidão e respeito. Paralelamente, há de se observar que a maior parte dos Padres exerceu o pastoreio de comunidades eclesiais. Ao lado de grandes “leigos”, como Justino, por exemplo, encarnaram a autoridade apostólica e exerceram amplamente sua função litúrgica. Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11.

provenientes do helenismo aderem a certos hábitos diversos como, por exemplo, a celebração da Ceia do Senhor separada do ágape fraterno.

Nesta etapa refletiremos sobre o modo como os Padres da Igreja compreendiam a celebração da Ceia do Senhor, a fim de concluirmos que o lugar privilegiado para a reflexão acerca deste mistério era a própria celebração; em outros termos, os Padres estudavam os Sacramentos no culto e a partir do culto. A pedagogia destes grandes mestres da fé consistia em fazer com que os fiéis adquirissem uma compreensão orante daquilo que celebravam, a fim de atingirem o coração do Mistério. Em suma, podemos afirmar que os cristãos dos primeiros séculos refletiam e estudavam o mistério da Ceia do Senhor a partir da ação celebrativa e sacramental que eles mesmos realizavam.

No florescimento da doutrina dos Santos Padres percebe-se com clareza que a celebração da Ceia do Senhor era a principal manifestação da Igreja, local e universal. Segundo C. Giraudo, para os Padres, o lugar privilegiado onde se estudavam os Sacramentos era a Igreja; antes de tudo, a igreja entendida como edifício, e depois, a Igreja entendida a partir do momento em que se vê constituída como assembleia que celebra⁹⁶.

Dedicaremos nossa reflexão a partir deste momento ao pensamento de alguns autores mais célebres da literatura patrística dos séculos II, III, IV e V, no que diz respeito à teologia da Ceia do Senhor. Nossa abordagem sobre os escritos patrísticos e litúrgicos a respeito da celebração da Ceia não consistirá em um estudo completo nem sistemático. Ainda que de certa forma incompletos, os testemunhos dos Santos Padres recolhidos aqui, através de seus escritos, não deixam de nos apresentar uma visão bastante interessante do modo como a refeição Eucarística foi se desenvolvendo nos primeiros cinco séculos e como ela começou a ser para muitos dos teólogos primitivos fonte de especulação, oração e reflexão.

Veremos a seguir os testemunhos que acompanham este processo de evolução.

⁹⁶ Cf. GIRAUDO, C. *Redescobrimos a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 10.

4.2

A Ceia segundo o testemunho dos principais autores do século I, II e III

A Didaqué⁹⁷ é um dos documentos mais antigos, provavelmente do final do século I, que nos traz informações precisas sobre a vida da Igreja e a práxis celebrativa da Ceia do Senhor no âmbito da comunidade. Os capítulos 9 e 10 nos apresentam algumas orações de bênção que eram realizadas sobre o pão e o vinho, usados durante a celebração da refeição:

Quanto a Eucaristia, dai graças desse modo: primeiro sobre o cálice: “Nós te damos graças, nosso Pai, pela santa vinha de Davi, teu servo, que nos destes a conhecer pelo teu servo Jesus. Glória a Ti pelos séculos”. Depois sobre o pão partido: “Nós te damos graças, nosso Pai, pela vida e pela ciência que nos revelastes por Jesus, teu servo. Glória a Ti pelos séculos”⁹⁸.

A Didaqué nos apresenta a celebração da Ceia do Senhor ainda ligada a uma celebração realizada dentro de uma refeição, o que explica a ambivalência das expressões nas orações⁹⁹. Existem, portanto, dúvidas se estas preces se referem a uma espécie de “Oração Eucarística” ou se são apenas súplicas dirigidas a Deus por ocasião da celebração do ágape entre os cristãos.

Embora existam opiniões divergentes a respeito destas orações, é possível encontrar no testemunho fornecido pela Didaqué alguns elementos que se relacionam com a Liturgia da refeição Eucarística propriamente dita¹⁰⁰, embora seja difícil provar que essa celebração se trate da realização do Sacramento como tal. A Didaqué apresenta as três últimas orações de ações de graças, após a Ceia,

⁹⁷ A Didaqué é como um antiquíssimo manual de religião. Julga-se ter sido redigida entre os anos 90 e 100, na Síria, na Palestina ou em Antioquia. Traz no título o nome dos apóstolos, mas não pretende ser de autoria de algum deles. Dividi-se em três partes: a 1ª (cap. 1-6) é um tratado de moral (os “dois caminhos”, o da vida e o da morte, doutrina da Epístola do pseudo-Barnabé); a 2ª (cap. 7-10) é um antigo ritual litúrgico e a 3ª (cap. 10-15) contém as instruções sobre a vida comunitária. Os antigos Padres mencionaram muitas vezes a Didaché. Seu texto, porém, parecia perdido até que em 1883 foi descoberto um manuscrito em grego, e logo após foram descobertos ainda outros fragmentos (em copta, grego e latim). Cf. GOMES, F.C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo, Paulinas, 1980, p. 29.

⁹⁸ Cf. DIDAQUÉ. “Instrução do Senhor aos gentios” In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 97. (Por compilar as principais obras dos Santos Padres relativas a temas litúrgicos, este volume será muito usado em nosso trabalho. Passaremos a usar a sigla “AL” para indicá-lo após a menção do autor e da obra patrística consultados).

⁹⁹ Cf. HAMMAN, A. G. “Eucaristia” In DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.527.

¹⁰⁰ DANIÉLOU, J.; MARROU, H. *Nova História da Igreja*: Dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 94.

procedidas pela seguinte exclamação: “Venha à graça e passe este mundo. Hosana ao Deus de Davi. Se alguém é santo, aproxime-se; quem não é, faça penitência. *Maranatha*. Amém”¹⁰¹. A expressão *Hosana* foi retirada do Sl 117,25, um dos Salmos do *Hallel* recitados após a refeição pascal, antes do último cálice. Como já vimos anteriormente, essa última parte do *haggadá* pascal, consiste em suplicar a Iahweh que realize no futuro as mesmas promessas e a obra de libertação que realizou outrora e que são comemorados na realização da Ceia Pascal. Para os seguidores de Jesus, Deus realiza tal obra de salvação através de sua presença na celebração do memorial eucarístico. A invocação *Maranatha* pronunciada após a recitação do memorial comprova a realização desse acontecimento por ocasião da celebração litúrgica da Ceia do Senhor.

J. Aldazábal observa que apesar da terminologia “Eucaristia”, encontrada no texto citado, não há alusão alguma ao conteúdo mais específico da eucaristia cristã: a morte de Cristo, a Páscoa, o memorial, o corpo e o sangue de Cristo¹⁰². Antes, o texto litúrgico da Didaqué agradece pelo alimento, pela sabedoria, pelo conhecimento e implora a unidade e a liberdade da Igreja. Assim a prece Eucarística da Didaqué está formada por uma estrutura tripartida a saber:

- a) Ação de graças pelo cálice e pela vinha de Davi revelada por Jesus Cristo (9,2);
- b) Ação de graças sobre o pão partido, pela vida e pelo conhecimento revelados por Jesus (9,3);
- c) Intercessão a favor do crescimento da Igreja (9,4);

O que podemos constatar é que a comunidade primitiva fazia uso de algumas orações de estrutura judaica, mas completamente inovadas por um teor cristão. Esse fato comprova que existe ainda uma espécie de unidade entre as orações e bênçãos do povo de Israel que posteriormente se desenvolverá como “Oração Eucarística” do culto cristão. Aos poucos, no Século I, a reunião eucarística vai se separando da refeição familiar, para assumir um caráter celebrativo. É o que se percebe ao introduzir a expressão “Eucaristia” para designar a Ceia do Senhor como celebração de oração e ação de graças. Por volta do ano 100 dC esse termo se impõe como designação de uso geral para a celebração¹⁰³. A

¹⁰¹ Cf. DIDAQUÉ. “Instrução do Senhor aos gentios” In AL., p. 95.

¹⁰² Cf. ALDAZÁBAL, J. “Eucaristia”. BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja. Vol. II*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 208.

¹⁰³ Cf. NÖCKE, J.F. “Eucaristia” In SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Teologia Dogmática II*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.255.

Didaqué, portanto, representa um dos testemunhos mais antigos da Ceia do Senhor, uma vez que esta se apresenta como realização do mandato de Cristo: “Fazei isto em memória de mim”¹⁰⁴.

Ainda no Século I, somos convidados a contemplar o testemunho sobre a Ceia do Senhor oferecido por Santo Inácio de Antioquia. Inácio foi o terceiro bispo da Igreja de Antioquia. Em sua doutrina sobre a Ceia Eucarística, Inácio estabelece uma relação profunda entre a Ceia e o martírio, conforme atesta-se no relato de seu martírio:

Eu escrevo a todas as Igrejas e asseguro a todas elas que estou disposto a morrer de bom grado por Deus, se vós não o impedirdes. Peço-vos que não manifesteis por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser pasto das feras, pelas quais podereis chegar à posse de Deus. Sou o trigo de Deus e devo ser moído pelos dentes das feras para me transformar em pão imaculado de Cristo¹⁰⁵.

A Patrística valoriza muito a teologia do martírio, não apenas pelas perseguições sofridas por parte dos primeiros cristãos, mas, sobretudo porque toda a essência cristã consiste na profunda imitação do seguimento radical de Cristo. Esta total entrega do cristão conduz para a oferta da própria vida, à semelhança do Senhor, que não hesitou em dar a vida pelos irmãos. Em outras palavras, quando o mártir imita a Cristo, realizando a oferta da sua vida, ele encarna em seu próprio ser a força do mistério pascal. Na vida do mártir, Cristo continua a lutar, a sofrer, a morrer e a vencer.

Segundo A. Hamman, o martírio consiste em uma verdadeira liturgia¹⁰⁶, pois os mártires demonstram através da entrega voluntária da própria vida aquilo que eles celebram. A caminho do martírio, saíam espontaneamente dos lábios de muitos cristãos, as fórmulas e orações que esses haviam pronunciado em suas celebrações litúrgicas e às vezes, muitos assumiam até mesmo as atitudes, os gestos e as posturas que estavam acostumados a realizar durante as celebrações. Para Inácio, o desejo do martírio encontra sua raiz na vivência real do cristão na participação da Ceia Eucarística. Ele explicita que só seremos verdadeiramente testemunhas do Cristo quando o imitarmos realizando a oferta total da nossa vida, mediante ao martírio. Sendo assim, uma vez que a celebração da Ceia do Senhor é

¹⁰⁴ Cf. MAZZA, E. “Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja”. In BROUARD, M. (org.). Enciclopédia da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2007, p.122.

¹⁰⁵ Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA. “Cartas: Inácio aos Romanos” In AL., p.108.

¹⁰⁶ Cf. HAMMAN, A. G. A vida cotidiana dos primeiros cristãos. São Paulo: Paulus, 1997, p. 527.

o memorial da paixão e ressurreição de Cristo, fica estabelecida a profunda relação entre o martírio e a Celebração Eucarística da Ceia do Senhor.

Outro aspecto desenvolvido por Inácio referente à celebração da Ceia do Senhor é o da concretização da unidade. Segundo ele, a Ceia é fonte de comunhão com a hierarquia da Igreja e seus membros sendo, portanto, através da celebração desta que a comunhão da Igreja se manifesta de modo perfeito¹⁰⁷.

Procurai, portanto, ter uma só Eucaristia: porque uma só é a Carne de nosso Senhor Jesus Cristo, e um só é o cálice na unidade do Sangue, um o altar e um o bispo com o presbitério e os diáconos, meus colaboradores no ministério. Desta forma, tudo o que fizerdes será feito segundo a vontade de Deus¹⁰⁸.

Na celebração da Ceia, a função do bispo é compreendida como a totalidade da Igreja. Por ele, a Igreja local assegura seu vínculo de unidade, expressando assim a intrínseca relação que existe entre a Ceia Eucarística e a comunidade eclesial. Inácio, desejoso de fazer com que os cristãos vivam a Ceia do Senhor como mistério central e como vínculo de unidade entre os membros do Corpo de Cristo, incentiva a participação dos fiéis na celebração da Ceia sob a presidência do bispo com essas palavras:

Tenha-se por legítima a Eucaristia feita sob a presidência do bispo ou de um delegado seu. A comunidade deve reunir-se onde estiver o bispo, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo está a Igreja Católica. Sem união ao bispo não é permitido batizar nem fazer o ágape. Mas tudo o que ele aprovar será do agrado de Deus, e assim tudo quanto se fizer será firme e legítimo¹⁰⁹.

Dentre todos os Santos Padres do Século II, Justino de Roma é o mais célebre. Durante sua juventude, sempre desejoso de encontrar-se com a verdade, Justino frequentou progressivamente a filosofia estoica, a aristotélica, a pitagórica e a platônica. Porém, foi como um ancião que Justino teve um encontro com o cristianismo e conseqüentemente com o Novo Testamento, reconhecendo ter encontrado a verdadeira e única filosofia proveitosa. Temos em Justino de Roma um dos testemunhos mais importantes a respeito da Ceia do Senhor em meados do Século II.

¹⁰⁷ Cf. FIGUEIREDO, A. F. *Curso de Teologia Patrística I: A vida da Igreja primitiva. Séculos I e II*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 57.

¹⁰⁸ Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA. "Cartas: Inácio aos Filadelfos" In AL., p.110.

¹⁰⁹ Cf. Id. "Cartas: Inácio aos Esmirnenses" In AL., p.112.

No capítulo 67 de sua apologia, Justino nos descreve o testemunho a respeito da Ceia do Senhor tal como os cristãos a realizavam em dia de domingo.

E no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e lêem-se, na medida em que o tempo o permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas [...] Logo que as preces terminam, apresenta-se pão, vinho e água. Então, aquele que preside eleva, com todo fervor, preces e ações de graças, e o povo aclama: Amém [...] Reunimo-nos todos no dia do Sol, não só porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria criou o mundo, mas também porque Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse dia ressuscitou dos mortos¹¹⁰.

Através da descrição de Justino, temos acesso a informações importantes sobre o desenvolvimento da Ceia nas comunidades primitivas. Sua reflexão teológica se desenvolve no plano de que toda a celebração da Ceia do Senhor tem seu cerne na proclamação da Palavra e na participação da Mesa Eucarística que, embora distintas, formam um núcleo comum.

Outros dados que completam a reflexão da Ceia em Roma em meados do Século II são: além do celebrante que preside a refeição, existe a participação de outros fiéis que exercem funções ministeriais durante a reunião. Essa Ceia litúrgica não aparece como uma celebração isolada na vida da comunidade. Para tomar parte dela é preciso ingressar na comunidade mediante a recepção do Batismo: “Pela nossa parte, depois de assim termos mergulhado (na água) aquele que acreditou e se juntou a nós, conduzimo-lo até ao lugar onde encontram-se reunidos os que se chamam irmãos”¹¹¹. Para Justino, a participação na Ceia Eucarística é o ápice da iniciação cristã, onde o cristão alimentado pela Palavra e pelo pão e o vinho eucaristizados, vive conforme a doutrina que Cristo ensinou, configurando-se cada vez mais a Ele. Justino também aponta que não basta apenas uma mera participação na Ceia, sem que esta não conduza o participante à realização de atitudes concretas, sobretudo em favor dos pobres, prolongando desta forma na vida o que outrora foi celebrado no culto: “Desde então, nunca mais deixamos de trazer isto à memória uns dos outros; e os que possuem bens socorrem os que têm necessidades, e perseveramos sempre unidos uns com os outros”¹¹².

Além dos apontamentos sobre o modo como se realizava a celebração da Ceia, Justino nos fala também a respeito de sua teologia. Prosseguindo com sua

¹¹⁰ Cf. JUSTINO. “Apologia I”. In: AL., p. 140.

¹¹¹ Cf. Ibid., p.139.

¹¹² Cf. Ibid.

averiguação, Justino afirma que a Ceia do Senhor seria composta por duas dimensões: segundo uma dimensão ativa, a Ceia consiste em um ato de louvor e oferecimento. Segundo uma dimensão passiva, a Ceia se refere aos componentes oferecidos. Desta forma, a Ceia do Senhor, significa de um lado o rito litúrgico através do qual se oferece um culto de ação de graças a Deus, em sinal de gratidão e, do outro, indica as ofertas materiais que constituem o objeto do rito.

Na celebração da Ceia, o cristão em atitude de louvor e de agradecimento a Deus, através da oferta dos dons, assume a realidade cósmica e a oferece a Ele, reconhecendo assim a soberania divina sobre estas realidades. Ao mesmo tempo, o homem realiza o verdadeiro destino do cosmo, que consiste em chegar a Deus mediante o homem¹¹³. Sendo assim, o cosmo não se transforma em uma realidade sagrada, colocada de lado exclusivamente para Deus. O mundo não sai da sua condição profana, mas é santificado e reconhecido, então, como obra de Deus, dedicada a Ele de maneira especial, através da Celebração Eucarística.

Em seu Diálogo com Trifão, Justino nos apresenta duas breves referências sobre a Ceia do Senhor. Ambas possuem uma relação com a profecia de Malaquias 1,10-12. Ele tem a intenção de apresentar uma perspectiva sacrificial da Ceia, que é compreendida como prece de ação de graças pelo sacrifício que se oferece a Deus em memória da cruz de Cristo. Justino trabalha com a ideia de que a Celebração Eucarística é um sacrifício de ação de graças, realizado em forma de refeição, onde se renova o memorial da Paixão.

Portanto, é evidente que nesta profecia ele também fala sobre o pão que nosso Cristo nos mandou celebrar como memória dele se ter feito homem por amor dos que nele crêem – pelos quais também se tornou passível –, e do cálice que, como lembrança do seu sangue, nos mandou igualmente consagrar como ação de graças¹¹⁴.

Convém ainda destacar outros elementos teológicos relacionados à Ceia do Senhor, apresentados por Justino no capítulo 66 de sua apologia:

- a) A relação entre a Ceia Eucarística e a Encarnação do Verbo: da mesma forma em que o Verbo de Deus concedeu a Jesus Cristo a carne e o sangue; o mesmo

¹¹³ Cf. FIGUEIREDO, A. F. *Curso de Teologia Patrística I*, p.134.

¹¹⁴ Cf. JUSTINO. *Diálogo com Trifão*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995. p. 171.

Verbo consagra mediante as palavras da prece Eucarística o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo;

- b) Justino afirma que o alimento oferecido na refeição Eucarística é verdadeiramente a carne e o sangue do Jesus encarnado. Em sua descrição, Justino recorda que a Ceia é realizada em obediência a vontade do Senhor. As palavras sobre o pão reproduzem quase que de maneira literal o relato de 1Cor 11,24;
- c) Justino apresenta de maneira convincente a participação da assembleia cristã na liturgia da Ceia do Senhor: reúnem-se, escutam a proclamação da Palavra e a homilia, rezam as orações comuns, dão o ósculo da paz, respondem com o “amém” à oração e participam da mesa do pão e do vinho eucaristizados.

Em suma, o resultado teológico que podemos colher dos testemunhos de Justino a respeito da Ceia do Senhor resume-se nisto: a Ceia Eucarística tem sua origem na refeição pascal realizada por Jesus juntamente com seus discípulos antes de morrer. Justino defende que o pão e o vinho são eucaristizados mediante a oração de ação de graças que o Cristo pronunciou na Última Ceia. Segundo ele os sacrifícios do Antigo Testamento se definem como *typos* do sacrifício de Jesus, antecipado de maneira sacramental na última refeição, na qual ele ordena que os discípulos celebrem em sua memória. Pão e vinho oferecidos na Ceia não são, segundo Justino, alimentos ordinários, mas consistem na carne e no sangue de Jesus que se encarnou. Justino também estabelece uma relação entre a Ceia Eucarística e o Cosmo, afirmando que a santificação da realidade ocorre mediante o sacrifício de louvor que é oferecido do nascer ao pôr do sol, em cada celebração da Ceia.

Consideremos agora o testemunho de Irineu de Lião a respeito da celebração da Ceia do Senhor. Irineu é natural da Ásia Menor e foi discípulo de São Policarpo. Exerceu seu ministério episcopal em Lião, na Gália, onde combateu de modo vibrante o gnosticismo, doutrina que se caracteriza essencialmente por oferecer a salvação em âmbito ultramundano, mediante o conhecimento secreto de mistérios em torno de Deus e do homem, além de apregoar a rejeição radical deste mundo¹¹⁵. Os gnósticos sustentam a ideia de que Deus Pai não é o Criador do universo. Eles afirmam ser o demiurgo o criador do cosmo e da matéria, sendo essa então uma

¹¹⁵ Cf. PÉREZ, A. G. “Gnose” In PIKAZA, X.; SILANES, N. (orgs.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 376.

realidade corrompida, dominada pelas paixões, pois ela está voltada para corrupção do ser humano.

Irineu apresenta dois argumentos em sua refutação contra os gnósticos: primeiramente ele afirma a encarnação e a ressurreição de Cristo como mistérios que elevam a carne e a matéria ao mais alto nível de salvação. E em segundo, ele apresenta a Eucaristia como elemento do mundo material, devido a utilização de realidades humanas para a sua celebração (pão, vinho, água,). Tais elementos foram assumidos por Cristo e por esta razão não podem ser desprezados. Segundo a perspectiva teológica de Irineu, a realização da Ceia do Senhor consiste em uma espécie de “suma da história da salvação”, pois através da realização sacramental de tal ato, ocorre a recapitulação de todo o evento salvífico.

Irineu relaciona diversos pontos de vista a respeito do mistério cristão: quem não admite a criação divina como realidade positiva, também não pode aceitar o fato de que o Cristo, o Filho do Criador, tenha se encarnado. Quem rejeita as realidades da criação e da encarnação, como eventos da iniciativa divina, rejeita também a necessidade da Ceia do Senhor, porque os sinais desta refeição se baseiam em alimentos cósmicos.

Ao ensinar aos seus discípulos, a oferecer a Deus as primícias das suas criaturas, [...] nosso Senhor tomou o pão, que é fruto da criação, pronunciou a ação de graças e disse: Isto é o meu Corpo. De igual modo, tomando o cálice, que é fruto da criação à qual nós pertencemos, declarou que era o seu Sangue e ensinou que era a oblação da nova Aliança¹¹⁶.

Todo o mistério da Ceia do Senhor tem seu fundamento na criação. Segundo I. Zizoulas, todas as Orações Eucarísticas das origens do cristianismo, iniciavam a prece com um agradecimento pela criação e somente em seguida rendiam graças a Deus pela redenção por meio de Cristo¹¹⁷. Desta maneira, a Ceia do Senhor, mediante a oferta do pão e do vinho, recapitula todo o mundo e encaminha o cristão a apreciar a bondade divina e a inserir-se nessa realidade de maneira total e não apenas superficial. Contemplar as realidades do pão e do vinho oferecidos durante a Ceia do Senhor significa que não nos devemos nos aprisionar em sua materialidade, mas sim na realidade que tais elementos recordam e que, presentes neles, encontram-se o acesso que possibilita o homem a experiência concreta de

¹¹⁶ Cf. IRINEU. “Adversus Haereses” In AL., p. 171.

¹¹⁷ Cf. ZIZIOULAS, I. *A criação como Eucaristia: proposta teológica ao problema da ecologia*. Florianópolis: Itesc, 2001, p. 30.

comunhão com o seu Criador e com toda a criação. Quando o homem realiza a experiência do transcendente na participação dos dons do pão e do vinho eucaristizados, ele torna-se um ser incorruptível, pois participa de modo eficaz da vida do próprio Deus¹¹⁸.

Em sua exposição sobre a doutrina da Ceia do Senhor, Irineu afirma que a Ceia realizada por Jesus consiste em uma espécie de prefiguração da oblação da Igreja: “O sacrifício puro e agradável a Deus é a oblação da Igreja, que o Senhor mandou que se oferecesse em todo o mundo”¹¹⁹. Ao celebrar o memorial da nova aliança, a Igreja recapitula todos os sacrifícios do passado e expressa o mistério da sua fé, de sua ação de graças e de sua esperança. Por isso a Ceia Eucarística torna-se, na concepção de Irineu, o lugar por excelência da doxologia, pois (...) “só a Igreja pode oferecer ao Criador, com sincera ação de graças, esta oferenda pura que provém da criação (...)”¹²⁰.

Outro testemunho importante a respeito da celebração da Ceia do Senhor nos é fornecido através da “Tradição Apostólica” de Hipólito de Roma, escritor eclesiástico da primeira metade do Século III. Neste documento encontramos apenas uma descrição detalhada sobre segunda parte da Celebração da Ceia, no qual o autor descreve que são apresentados os dons do pão e do vinho sobre o altar e a recitação da Prece Eucarística por parte do presidente. Segundo J. Aldazábal, Hipólito é o primeiro autor a dar-nos um texto completo da Oração Eucarística realizada no momento da celebração da Ceia do Senhor:

Ele é a vossa Palavra inseparável, por quem tudo criastes e que, porque assim foi do vosso agrado, enviastes do Céu ao seio de uma Virgem. (...) Por isso, lembrando-nos da sua morte e ressurreição, nós vos oferecemos este pão e este cálice e vos damos graças, porque nos julgastes dignos de estar de pé diante de Vós e de vos servir como sacerdotes. Nós vos pedimos que envieis o vosso Espírito sobre a oblação da santa Igreja. Reunindo na unidade todos aqueles que participam nos vossos santos (mistérios), dai-lhes a graça de serem repletos do Espírito Santo, para fortalecerem a sua fé na verdade, a fim de que Vos louvemos e glorifiquemos pelo vosso Filho Jesus Cristo, pelo qual a Vós a honra e a glória (Pai e Filho), com o Espírito Santo, na santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém¹²¹.

No que tange à celebração ritual da Ceia, Hipólito descreve primeiramente o ágape e em seguida a Eucaristia: “Ao comerem, os fiéis presentes, antes de

¹¹⁸ Cf. FIGUEIREDO, A. F. *Curso de Teologia Patrística I*, p. 147.

¹¹⁹ Cf. IRINEU. “Adversus Haereses” In AL., p. 171.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ Cf. HIPÓLITO. “Tradição Apostólica” In AL., p. 230.

partirem o seu próprio pão, receberão da mão do bispo um pedaço de pão: é uma *eulogia* e não uma Eucaristia, símbolo do Corpo do Senhor”¹²². Com esta exortação, Hipólito quer advertir a comunidade para que compreenda a distinção entre o pão recebido no ágape e o pão eucaristizado recebido na Ceia Eucarística.

Quanto à teologia da Ceia descrita nessa obra, Hipólito afirma que a Oração Eucarística possui uma estrutura essencialmente cristológica, com uma invocação ao Espírito sobre as oferendas da Igreja e sobre aqueles que recebem os dons santificados. O autor ainda orienta os cristãos para que cuidem com reverência do pão e do vinho eucaristizados, pois estes adquirem uma nova realidade após a recitação da prece Eucarística e a invocação do Espírito Santo:

A Eucaristia deve guardar-se com cuidado (...) para que nenhuma parcela caia no chão e se perca, porque o Corpo de Cristo é para se comer e não se desprezar. Não se deve cair nada do cálice. Ao consagrar o cálice em nome de Deus, recebeste-o como o símbolo do Sangue de Cristo¹²³.

4.3

A Ceia do Senhor na reflexão dos Padres Orientais e Ocidentais

Passaremos a refletir a partir desta parte do trabalho, a compreensão que os Padres gregos e latinos tiveram a respeito da celebração da Ceia do Senhor. Esse período estende-se do Século IV ao Século V, sendo considerado, portanto, como tempo áureo do desenvolvimento da teologia e das informações a respeito da Ceia do Senhor. Começamos nossa reflexão sobre a Ceia nesse período histórico, considerando o testemunho de São Cipriano, bispo de Cartago.

Em sua carta contra os “aquarianos”, Cipriano faz uma apologia ao uso do vinho durante a realização da Ceia do Senhor. Considerando esse problema ele aproveita para apresentar sua visão teológica a respeito da Ceia; sobretudo, a intrínseca relação existente entre a Ceia e o sacrifício da cruz, pois “uma vez que fazemos a menção da sua Paixão em todos os sacrifícios, pois o sacrifício que oferecemos é a paixão do Senhor, não devemos fazer senão aquilo que Ele fez”¹²⁴.

Nessa defesa relacionada ao uso do vinho, Cipriano desenvolve uma verdadeira teologia da Eucaristia como memorial da Paixão do Senhor. Deste modo,

¹²² Cf. Ibid., p. 238.

¹²³ Cf. Ibid.

¹²⁴ Cf. CIPRIANO. “Cartas” In AL., p.301.

ele apresenta que a Ceia do Senhor possui uma verdadeira ligação com Cristo, pois nela quem preside deve realizar tudo de acordo como Cristo fez.

No pensamento de Cipriano, o que salvaguarda a unidade da Igreja é exatamente a repetição constante dos gestos, dos sinais e das palavras de Jesus durante a celebração. Paralelo a isso, Cipriano ressalta a importância e a função do presidente que no momento da Ceia age em nome de Cristo, afirmando que o mistério só ocorre quando o presidente tem a intenção de realizar o que Cristo fez durante a Ceia, pois:

Com efeito, se Cristo Jesus, nosso Deus e Senhor, é o sumo sacerdote de Deus Pai e o primeiro que se ofereceu a si próprio em sacrifício ao Pai, e mandou que se fizesse isto em sua memória, não há dúvida de que só se realiza o mistério de Cristo aquele sacerdote que reproduz o que Cristo fez, e então oferece na Igreja, a Deus Pai, o sacrifício verdadeiro e pleno, quando oferece segundo o modo como o próprio Cristo o ofereceu¹²⁵.

Podemos também considerar que neste desejo de salvaguardar a integridade do rito da Ceia, Cipriano tem a intenção de estabelecer a profunda relação dessa com a Igreja. Ele interpreta a mistura da água com o vinho, no momento da celebração, como sinal da aliança entre Cristo e sua Igreja. Segundo Cipriano, os elementos eucaristizados e o mistério da Igreja fazem parte de uma única realidade denominada “Corpo de Cristo”. Quem, portanto, participa da Ceia do Senhor está vinculado a esse profundo mistério.

Quando Cristo levava em Si os nossos pecados, a todos nos levava. Por isso vemos que na água está figurado o povo, e no vinho o Sangue de Cristo. Quando o vinho se mistura à água no cálice, o povo é unido a Cristo, o povo dos crentes adere e une-se Aquele em quem crê (...) Se alguém oferece só vinho, o Sangue de Cristo está sem nós; mas, se apenas se oferece água, o povo está sem Cristo (...) Por isso, o cálice do Senhor não é só água ou só vinho, mas a mistura de ambos, como o Corpo do Senhor também não pode ser só farinha ou só água, mas as coisas misturadas na fusão de um só pão¹²⁶.

Em sua reflexão teológica sobre a Ceia do Senhor, o bispo de Constantinopla, João Crisóstomo, procura apresentar através do uso da tipologia, que as realidades sacramentais devem ser vistas com os olhos corporais e compreendidas mediante os olhos da fé sendo este o elemento essencial e constitutivo de todo o processo mistagógico. Crisóstomo recorda que a fé nos

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Cf. Ibid., p.283.

concede outra visão, capaz de enxergar aquilo que os nossos sentidos humanos não são capazes de captar.

João Crisóstomo afirma que a antiga Páscoa, narrada no relato de Êx 11,1-11; 12,1-10, consiste em uma prefiguração da Ceia realizada por Jesus antes de morrer. Com isso, Crisóstomo afirma que a antiga Páscoa tem seu cumprimento e realização no culto da Ceia Eucarística realizada na Igreja como memorial do mistério de Cristo. João exemplifica essa realidade referindo-se ao sangue do cordeiro que salvou os filhos de Israel. Segundo sua interpretação, o sangue de tal cordeiro só possuía em si um valor salvífico pelo fato deste ter uma relação com o sangue de Cristo.

Queres conhecer o valor do Sangue de Cristo? Voltemos às figuras que o profetizaram e recordemos a narrativa do Antigo Testamento: Imolai, diz Moisés, um cordeiro de um ano e assinalai as portas com o seu sangue. Que dizes, Moisés? O sangue de um cordeiro tem poder para libertar o homem racional? Certamente, responde ele, não porque é sangue, mas porque prefigura o Sangue do Senhor (...)¹²⁷.

Também os cristãos (prefiguração do povo hebreu) podem experimentar o poder libertador deste sangue, uma vez que carregam em seus lábios a marca desta preciosa seiva: “Se hoje o inimigo, em vez de sangue simbólico aspergido nos umbrais, vir resplandecer nos lábios dos fiéis, portas do templo de Cristo, o Sangue da nova realidade, fugirá ainda mais para longe”¹²⁸.

Outro aspecto que João Crisóstomo desenvolve em seu testemunho sobre a Ceia é a relação dessa com os pobres. Ele afirma que a Ceia do Senhor é uma refeição destinada aos carentes, pois esses constituem os membros mais elevados do Corpo de Cristo. A liturgia Eucarística é a uma ação de serviço aos mais necessitados, pois de acordo com a compreensão de Crisóstomo, na assistência ao desprovido realiza-se o verdadeiro culto de louvor a Deus. Em uma de suas homilias, João comenta:

Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: *Isto é o meu Corpo*, confirmando o fato com a sua palavra, também afirmou: *Vistes-me com fome e não me destes de comer*; e ainda: *Na medida em que o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o recusastes*. No

¹²⁷ Cf. JOÃO CRISÓSTOMO. “Catequese III” In AL., p. 599.

¹²⁸ Cf. Ibid.

templo, o Corpo de Cristo não precisa de mantos, mas de almas puras; mas na pessoa dos pobres, Ele precisa de todo o nosso cuidado (...) Ao dizer isto, não quero impedir que se façam ofertas ao templo; o que quero é pedir que, além dessas, e antes dessas, se pense na esmola aos pobres (...) No primeiro caso, a oferta pode ser motivo de ostentação; no segundo, é apenas sinal de compaixão e amor¹²⁹.

Com esse testemunho, João Crisóstomo não nega a sacralidade do culto e o desprezo pelas coisas a ele relacionado. Sua exortação tem o objetivo de conscientizar a comunidade cristã a respeito da presença viva e real de Cristo, nos membros do seu corpo que mais padecem. Para João, o pobre é uma escola onde o cristão aprende verdadeiramente cultuar a Cristo, através do exercício do amor e da caridade, pois segundo ele, “do que serviria, afinal, a mesa de Cristo com vasos de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Primeiro dá de comer a quem tem fome e depois ornamenta a sua mesa com o que sobra”¹³⁰. Portanto, a participação na Ceia do Senhor será verdadeiramente eficaz na vida da comunidade que a celebra, se essa estiver impregnada do amor para com os excluídos e indigentes, que por vezes não tem acesso a ela. “Por conseguinte, enquanto adornas o templo, não esqueças o teu irmão que sofre, porque este templo é mais precioso que o outro”¹³¹.

No século IV, a comunidade de Jerusalém já celebrava de maneira consciente e intensa o mistério da Ceia do Senhor. Esta maturidade celebrativa era o fruto de uma fé amadurecida e centrada no Mistério Pascal. Esta vivência litúrgica, sacramental e espiritual se dá na vida da comunidade através do ilustre bispo e pregador Cirilo de Jerusalém, que procurou desempenhar seu ministério apostólico como um verdadeiro mistagogo da fé para a igreja de Jerusalém. A este insigne pregador são atribuídas as famosas “Catequeses Mistagógicas”, precioso documento referente à prática litúrgica e sacramental no final do século IV.

O processo catequético-mistagógico de Cirilo era desenvolvido em duas etapas: a primeira etapa era marcada por 18 catequeses ministradas no tempo da quaresma, onde os catecúmenos eram instruídos a respeito da vivência batismal, enquanto a segunda etapa era constituída de 5 catequeses, proferidas após o batismo

¹²⁹ Cf. JOÃO CRISÓSTOMO. “Homilias sobre São Mateus” In AL., p.626.

¹³⁰ Cf. Ibid.

¹³¹ Cf. Ibid.

aos neófitos, com o intuito de introduzi-los na práxis celebrativa e mistagógica da comunidade.

Após uma longa exposição de ensinamentos relacionados à preparação dos catecúmenos ao Batismo, Cirilo nos expõe, em sua quarta catequese mistagógica, uma teologia da Ceia Eucarística, em que exprime de maneira convicta a presença real de Cristo nos elementos do pão e do vinho eucaristizados:

Por isso, não debes olhar para o pão e o vinho eucarísticos, como se fossem elementos simples e vulgares. São realmente o Corpo e o Sangue de Cristo, segundo a afirmação do Senhor. Muito embora os sentidos te sugiram outra coisa, tens a firme certeza do que te ensina a fé. Não julgues estas coisas segundo o gosto, mas tem a firme certeza, de que pela fé, de que fostes julgado digno do Corpo e Sangue de Cristo¹³².

A partir da quinta catequese, Cirilo procura descrever e comentar todo o percurso celebrativo da Ceia do Senhor. O autor nos descreve as seguintes partes da celebração: apresentação da água para a ablução das mãos (v.2), o ósculo da paz (v.3), o diálogo e o prefácio que antecedem a prece Eucarística, a aclamação do “Sanctus” (v.4-6), a anáfora e a epiclese (v.7), as intercessões pelos vivos e falecidos (v.8-10), a recitação da Oração do Senhor (v.11-18) e ainda orienta aos neófitos sobre o procedimento durante a recepção da comunhão (v.19-23).

Convém destacar, também, o protagonismo que Cirilo dá ao Espírito Santo no momento a celebração da Ceia. Sua presença e sua força são invocadas para que, através de sua intervenção se realize o mistério da presença de Cristo no pão e no vinho:

Depois de santificados por estes hinos espirituais, supliquemos a Deus, amigo dos homens, que envie o Espírito Santo sobre os dons colocados no altar, para que faça do pão Corpo de Cristo e do vinho Sangue de Cristo. Pois tudo o que o Espírito Santo toca é santificado e transformado¹³³.

Os Padres anteriores a Cirilo atribuíam a eficácia da eucaristização do pão e do vinho mediante a repetição das palavras do Senhor. A partir de agora, aparece outra linha complementar que, a seguir, vai ser própria dos orientais: a ação misteriosa do Espírito Santo sob os dons Eucarísticos¹³⁴.

¹³² Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. “Quarta Catequese Mistagógica” In AL., p. 490.

¹³³ Cf. Ibid.

¹³⁴ Cf. ALDAZÁBAL, J. “Eucaristia” In BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja. Vol. II.*, p. 220.

Concluimos este breve testemunho, destacando alguns dos elementos mistagógicos sobre a dimensão da Eucaristia na reflexão teológica de Cirilo de Jerusalém, de acordo com a reflexão de R. Fernandes:

- a) Embasamento na Sagrada Escritura;
- b) Integração entre Catequese-Liturgia-Palavra de Deus-vida prática;
- c) Centralidade no Mistério Pascal;
- d) Foco na experiência litúrgica;
- e) Motivação à atitude contemplativa e orante do Mistério do qual os neófitos já participam;
- f) Construção pedagógica dos conceitos centrais da fé cristã;
- g) Conscientização da pertença eclesial.

Tais elementos reunidos, tornam-se para os cristãos de todos os tempos, segundo R. Fernandes, uma teologia normativa, referencial, que faz com que as instruções litúrgico-catequéticas de Cirilo sejam um verdadeiro itinerário mistagógico¹³⁵.

No final do Século IV o grande Bispo Ambrósio de Milão, em suas catequese mistagógicas *De Sacramentis* e *De Mysteries*, procura ressaltar aos neófitos o significado da Ceia Eucarística. A finalidade da catequese de Ambrósio é fazer com que os iniciados possam ter um conhecimento profundo do mistério celebrado e, com isso, tomar posse do mistério salvífico outrora revelado por Deus através de Jesus Cristo. Sua demonstração catequética a respeito da mistagogia da Ceia é uma das mais eruditas. Seguindo a linha da Tradição, Ambrósio procura desenvolver uma espécie de teologia da presença real de Cristo mediante a eficácia das palavras do Senhor no momento da Ceia:

Talvez tu digas: o meu pão é comum. Mas este pão é pão antes das palavras sacramentais. Porém, a partir da consagração, o pão muda-se no Corpo de Cristo. Provemos isto. Como é que o pão pode ser o Corpo de Cristo? Quais são as palavras com que se faz a consagração e de quem são essas palavras? São do Senhor Jesus (...) É pois a palavra de Cristo que produz este sacramento (...) Antes da consagração não havia o Corpo de Cristo; mas depois da consagração digo-te que doravante é o Corpo de Cristo. Ele disse, e isso foi feito, ele mandou, e isso foi criado¹³⁶.

¹³⁵ Cf. COSTA, F. R. “Mistagogia na Eucaristia: recaminhar na fonte dos Padres da Igreja” In BOOF, L. (org.). *A Ceia do Senhor nos une e nos reúne.*, pp. 56-57.

¹³⁶ Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO. “Os Sacramentos” In AL., pp. 524-525.

O objetivo de Ambrósio, ao expor com tanta veemência a questão da presença real no âmbito da Ceia, não é de caráter apologético, pois no Século IV ninguém atacava esta convicção¹³⁷. A intenção do autor consiste em expor aos neófitos a natureza e a importância da recordação das palavras do Senhor durante o desenvolvimento da prece eucarística. Para Ambrósio, fica claro que o pão e o vinho tornam-se realidades eucaristizadas, mediante a repetição das palavras de Cristo, pronunciadas em âmbito eclesial.

O exímio pregador e bispo, Santo Agostinho de Hipona, desenvolve um duplo aspecto ao tratar a respeito da Ceia do Senhor em sua reflexão teológica. Por um lado ele procura explicar a Ceia do ponto de vista “simbólico”¹³⁸. Para o Bispo a Ceia do Senhor é sacramento, distinguindo o corpo eucarístico de Cristo do seu corpo histórico. Através desse aspecto, Agostinho gosta de realçar a interdependência entre a Ceia e a Igreja, reiterando o aspecto ativo da celebração, repleto de conteúdos, significados e simbolismos. Para Agostinho a Ceia está orientada a constituir a Igreja, corpo de Cristo, que expressa nessa imagem seu maior simbolismo:

A estas realidades, meus irmãos, chamamos-lhe sacramentos, porque uma coisa é o que se vê e outra o que se reconhece (...) Portanto, se quereis compreender o que é o corpo de Cristo, ouvi o Apóstolo quando diz aos fiéis: Vós sois o corpo de Cristo e seus membros. Por conseguinte, se sois o corpo de Cristo e seus membros, a misteriosa realidade do que sois está posta sobre a mesa do Senhor, e o que recebeis é o vosso mistério¹³⁹.

Por outro lado, Agostinho preconiza um convincente realismo Eucarístico. A Ceia, compreendida como realidade simbólica que tem por objetivo formar a unidade eclesial, não impossibilita Agostinho de crer que através da participação na refeição Eucarística nos nutrimos do verdadeiro corpo de Cristo:

Este pão que vedes sobre o altar, santificado pela palavra de Deus, é o Corpo de Cristo. Este cálice, ou antes, o que o cálice contém, santificado pela palavra de Deus, é o Sangue de Cristo. Cristo Senhor quis, por meio destas coisas, deixar-nos o seu Corpo e Sangue, que por nós derramou em remissão dos pecados¹⁴⁰.

¹³⁷ Cf. ALDAZÁBAL, J. “Eucaristia” In BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja. Vol. II.*, p.221.

¹³⁸ Etimologicamente, o termo grego *sumballein* significa a junção de duas partes complementares que, unidas constituem um só todo. Essa junção das partes complementares servia de meio para se identificarem. Cf. JONG, J.P. “*A Eucaristia: realidade simbólica*”. São Paulo: Herder, 1969, p. 53.

¹³⁹ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA. “Sermão 272” In AL., p. 954.

¹⁴⁰ Cf. Ibid., p. 918.

Agostinho em sua visão teológica, não acentua o mistério da Ceia em si mesmo, mas procura estabelecer a relação dessa com aquele que recebe o alimento oferecido através da participação da Ceia Eucarística. Desta forma, acentuam-se ainda mais a dimensão simbólico-sacramental da Ceia, que tem por objetivo formar através da união dos membros, o Corpo místico de Cristo. Essa compreensão, longe de reduzir ou rejeitar a presença de Cristo no mistério Eucarístico da Ceia, alarga a dimensão de presença real, afirmando que a presença Cristo encontra-se presente também de maneira sacramental, em outros aspectos do Culto. Agostinho enfatiza, portanto, a presença real de Cristo na assembleia, que reunida pela força de sua palavra e mediante a ação pneumática do Espírito, torna-se a Igreja, Corpo místico do Cristo ressuscitado. A refeição Eucarística constitui, portanto, o lugar favorável da manifestação do “*totus Christi*”, ou seja, do Cristo total (cabeça e membros), sendo ela o sinal mais expressivo desta união mística.

A linguagem simbólico-sacramental que Agostinho desenvolve em sua reflexão sobre a Ceia, infelizmente, torna-se algo escandaloso, sobretudo, nas controvérsias sobre a Ceia Eucarística, desenvolvida em séculos posteriores, rejeitando severamente a harmonia entre realidade e símbolo.

5

A Ceia do Senhor a luz do Concílio Vaticano II

5.1

O Concílio Vaticano II: um resgate a teologia da ceia

Passados cinquenta anos do Concílio Ecumênico Vaticano II muitos fiéis ainda desconhecem o espírito de renovação que este trouxe para a vida litúrgica e espiritual da Igreja. Por esta razão, é justo refletir primeiramente sobre o resgate do tema da Ceia do Senhor à luz do referido Concílio, rememorando de maneira breve o percurso que o Movimento Litúrgico fez até a reforma conciliar da liturgia.

O Movimento Litúrgico tem sua origem em meados do século XIX e seu embrião encontra-se na renovação da vida monástica¹⁴¹. Nos mosteiros, a renovação da vida espiritual teve como foco a liturgia sendo esta sua mais fecunda fonte de inspiração. Isto se entende pelo fato de que a vida monástica centrada, sobretudo, na oração da Igreja, inspirava por si mesma uma redescoberta desta forma de oração em suas fontes mais genuínas, que são: a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja, tendo por base o ensinamento dos Santos Padres.

Não é objetivo do presente trabalho deter-se na evolução e nas controvérsias ocorridas nos períodos anterior e posterior à reforma litúrgica empreendida pelo Concílio de Trento, em que a liturgia e suas ações sagradas limitaram-se aos ritos e suas prescrições. O legalismo e o rubricismo litúrgico tornaram-se, então, uma muralha contra as reformas culturais, antropológicas e devocionais das ações litúrgicas¹⁴², rejeitando-se, assim, qualquer introdução de símbolos e gestos na liturgia ligados à cultura e identidade dos povos.

Um dos precursores da renovação promovida pelo Movimento Litúrgico foi o abade de Solesmes, Dom Prosper Guéranger. No contexto da reforma a Igreja encontrava-se em luta contra fortes correntes teológicas de sua época, tais como o jansenismo, galicanismo e laicismo, o abade de Solesmes procurou encontrar na

¹⁴¹ SILVA, J. A. *O Movimento Litúrgico no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1974.

¹⁴² Cf. BOGAZ, S.A.; HANSEN, H.J. *Liturgia no Vaticano II: Novos tempos da celebração cristã*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 21.

liturgia romana o alicerce do qual se estruturaria a espiritualidade monástica. A descoberta da liturgia significou para Dom Guéranger e seus seguidores a redescoberta do mistério da Igreja como corpo de Cristo unido à Cabeça¹⁴³, na oração, em contraposição ao subjetivismo e à piedade individualista da época. A influência de Solesmes estendeu-se rapidamente a outras comunidades monásticas, tais como: Beuron; Mont-César; Silos; Farnborough; Maredsous; Emaús; em Praga, dentre outras.

O cerne de todo o Movimento Litúrgico consistia em promover a Sagrada Liturgia, tendo como lema a participação mais ativa, consciente e plena dos fiéis¹⁴⁴. Desse modo, o Movimento desejava despertar na consciência do povo que os sacramentos não constituíam apenas meios objetivos para a recepção da graça divina, mas que através deles ocorria e ocorre a atuação salvífica na obra da redenção, em que os seres humanos de todos os tempos são convidados a aderir. O impulso renovador do Movimento Litúrgico colaborou de maneira eficaz para a promoção e crescente pesquisa bíblica, litúrgica e histórico-dogmática, com o seu florescimento eficaz no século XX.

O Papa Pio X (1903-1914), tendo por base o longo período de ação pastoral, fortaleceu a corrente de renovação litúrgica ao promover a reforma da música sacra ao incentivar a participação freqüente do povo na celebração da Missa. Além disso, concedeu a participação das crianças na mesa da Ceia Eucarística, desde que elas pudessem já contar com o uso da razão. Em seu motu próprio *Tra le sollecitudini* sobre a música sacra, o Pontífice ressalta na introdução uma preocupação com a participação do povo de Deus nas celebrações litúrgicas:

Sendo de fato nosso vivíssimo desejo que o espírito cristão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fiéis, é necessário prover antes de mais nada à santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública solene da Igreja¹⁴⁵.

Podemos afirmar que o fundamento de toda a natureza do Movimento Litúrgico se encontra no apelo do Pontífice para uma participação consciente dos

¹⁴³ Cf. RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 19.

¹⁴⁴ Cf. CONGAR, Y. M. J. “La Iglesia, pueblo sacerdotal”, p. 45.

¹⁴⁵ Cf. PIO X, *Motu proprio Tra le sollecitudini sobre a Música Sacra*, 1903. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/motu_proprio/documentes/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini_po.html>. Acesso em 18 jan.2015.

fiéis nos Santos Mistérios. A ideia da participação ativa nas celebrações litúrgicas como fonte de vida autenticamente cristã, incentivada por Pio X, permanecia quase desconhecida, sendo descoberto o seu valor muito posteriormente. Inspirado por seu lema “Instaurar todas as coisas em Cristo”, Pio X foi um grande reformador em seu tempo, tornando-se o pioneiro de toda obra que seria continuada de forma satisfatória em momentos seguintes. Sua ação reformadora inspira e fundamenta os passos iniciais do Movimento Litúrgico.

Mais ligado ao Movimento Litúrgico e ao seu desenvolvimento está à figura do Papa Pio XII. Este fato não ocorre apenas pelo fato dele exercer o seu pontificado em uma fase avançada do movimento, mas porque reconhece oficialmente a proposta da reforma litúrgica e apoia seus idealizadores em um momento crítico de resistência ao movimento¹⁴⁶. Na encíclica *Mediator Dei*, o Pontífice emite palavras de afeição pelos trabalhos dos peritos e estudiosos do Movimento desenvolvidos desde o final do século XIX e, ao mesmo tempo, adverte para os desvios e exageros cometidos. O ponto crucial da intervenção de Pio XII continua sendo indubitavelmente a reforma geral da liturgia da Semana Santa e da reintrodução da Vigília Pascal, imprimindo um significado mais vivo, original e nítido às suas cerimônias e ao seu simbolismo.

O Movimento Litúrgico mostrou-se em rica expansão, expressando de maneira mais evidente o desejo de uma reforma litúrgica, que tivesse por objetivo tornar as celebrações mais claras e autênticas ao destacar o significado genuíno de cada uma. Nesse momento não se discute mais sobre a possibilidade de uma mera educação para a liturgia, mas de uma própria reforma da mesma¹⁴⁷. A rápida visão do Movimento Litúrgico nos permite perceber o processo de gestação e o começo da renovação geral da liturgia romana, sentida como uma realidade necessária, tanto pelos membros que impulsionaram a reforma, como pela autoridade competente. Portanto, podemos afirmar que, segundo as palavras de Pio XII:

¹⁴⁶ Críticas sempre acompanharam a evolução do Movimento Litúrgico, sobretudo pelo desconhecimento do lugar da liturgia na vida cristã e na reflexão teológica. Alguns críticos da fase inicial acreditavam que se dava importância exagerada àquilo que era somente a demonstração cerimonial do conteúdo doutrinal. Nos anos 20, o estudo de Dom Odo Casel sobre influências de cultos místéricos da antiguidade na compreensão e vivência litúrgica do mistério de Cristo, provocou pesadas críticas de meios acadêmicos e hierárquicos. Alguma resistência foi criada contra todo o movimento a partir de então. No pós-guerra alemão, reacendem-se polêmicas ao redor de reflexões que sugeriam mudanças no cânon e no momento do ato penitencial. Cf. BOTTE, B. *O Movimento Litúrgico*. Testemunho e recordações. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 104.

¹⁴⁷ Cf. NEUNHEUSER, B. *História da Liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 104.

O Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica¹⁴⁸.

Em suma, o Movimento Litúrgico responde aos anseios de grupos e setores da Igreja que almejavam uma participação mais viva nas celebrações litúrgicas. Desta forma, o caminho mostrava-se aberto, o que conduziria ao Concílio Vaticano II e a tão almejada renovação litúrgica, em que esta última teria por dedicação primordial dos padres conciliares.

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII e solenemente inaugurado no dia 11 de outubro de 1962. O primeiro tema estudado pelos padres conciliares foi o referente à Sagrada Liturgia, demonstrando a urgente necessidade de uma renovação que tivesse como meta o incremento da liturgia, para que a vida cristã pudesse ser verdadeiramente fomentada e a vida litúrgica adaptada às necessidades da época vigente¹⁴⁹.

O esquema proposto para a revisão da liturgia entrou na assembleia dos padres conciliares no dia 22 de outubro de 1962 e foi discutido até 13 de novembro do mesmo ano. Um ano depois, no dia 4 de dezembro de 1963, sua Santidade o Papa Paulo VI promulgava a constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, carta magna de todo o Concílio Vaticano II.

Diferentemente do Concílio de Trento, que dedicou três seções com a finalidade de expor a doutrina católica sobre a Ceia Eucarística, o Vaticano II não empregou nenhum documento especial, mas apenas um capítulo da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, destinado à reflexão da Ceia Eucarística. A intenção do Concílio é mostrar que a celebração da Ceia do Senhor constitui o centro de todo mistério eclesial, pois a genuína natureza da Igreja se manifesta de modo excelso na reunião da Ceia Eucarística, que é fonte e ápice de toda vida

¹⁴⁸ “Le mouvement liturgique est apparu ainsi comme un signe des dispositions providentielles de Dieu sur le temps présent, comme un passage du Saint-Esprit dans son Église, pour rapprocher davantage les hommes des mystères de la foi et des richesses de la grâce, qui découlent de la participation active des fidèles à la vie liturgique”. Cf. PIO XII, Discurso do Pontífice aos participantes do I Congresso Internacional de Liturgia e Pastoral. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1956/documents/hf_pxii_spe_19560922_liturgia-pastorale.html >. Acesso em 21 jan. 2015.

¹⁴⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia” In KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (orgs.). *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 1. (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “SC”).

cristã¹⁵⁰. A *Sacrosanctum Concilium* não se concentra nos ritos em si, mas toda sua natureza se posiciona num plano teológico, o que é também diverso dos outros documentos de natureza litúrgica. O interesse do documento se concentra no conteúdo de fé que eles devem exprimir e não nos ritos em si. Pela primeira vez, um Concílio enquadrou a liturgia em uma perspectiva estritamente teológica¹⁵¹. Com a promulgação de um documento voltado para a reta compreensão da natureza da Liturgia, o Vaticano II coroou os esforços do Movimento Litúrgico e desempenhou, o que deveria ter sido realizado em fins da Idade Média com o Concílio de Trento. Este último, por falta de tempo e pelo decurso dos acontecimentos, não se preocupou em dar à Liturgia uma compreensão verdadeiramente teológica, limitando-se apenas ao caráter jurídico e rubricista das celebrações. O Concílio realizava, portanto, a passagem de uma realidade litúrgica excessivamente rígida para outra completamente reflexiva, teológica e espiritual.

O Vaticano II levou a sério a reforma litúrgica, sobretudo no que se refere à renovação da liturgia da Ceia Eucarística, e indicou o posicionamento em que a reflexão teológica dessa teria de se enriquecer. Podem ser destacadas duas características do trabalho desenvolvido pelos padres conciliares. Em primeiro lugar, o desejo de centralizar a liturgia no mistério pascal de Cristo, no intuito de que os fiéis possam configurar suas vidas a vida de Cristo, mediante a participação na celebração da Ceia do Senhor e demais ações sagradas:

Pois a Liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra de nossa redenção, contribui de modo mais excelente para que os fiéis expressem suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja¹⁵².

O cerne de toda teologia litúrgica promovida pelo Concílio é a redescoberta da liturgia como elemento proveniente da revelação divina, que ocupa um lugar essencial na história da salvação. Segundo a *Sacrosanctum Concilium*, a obra da salvação continuada pela Igreja se realiza na liturgia, tendo como seu lugar privilegiado a celebração da Ceia Eucarística:

¹⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II, “Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja” In KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (orgs.). *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1991, n.3 (daqui em diante, faremos referência a este documento usando a sigla “LG”)

¹⁵¹ Cf. AUGÉ, M. *A Liturgia: História, Celebração, Teologia e Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 2013, pp. 71-72.

¹⁵² Cf. SC., n.2.

[...] E perseveraram na doutrina dos Apóstolos, na comunhão da fração do pão e nas orações louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo (cf. At 2,41;42,47). Nunca, depois disto, a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras (cf. Lc 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual se torna novamente presente a vitória e o triunfo de sua morte e, ao mesmo tempo, dando graças a Deus pelo dom inefável em Jesus Cristo, para louvor de sua glória, pela força do Espírito Santo¹⁵³.

A liturgia encontra, assim, seu ponto culminante na celebração da Ceia do Senhor, já que é nela que se realiza o memorial do Mistério Pascal e é quando ocorre sua transformação no sacramento da comunhão eclesial¹⁵⁴. Tal fato permite sejamos colocados em profundo contato com a obra salvífica realizada por Cristo e continuada pela Igreja, como sinal da Sua presença no mundo. É na reunião eucarística da Ceia do Senhor que a Igreja manifesta por excelência a sua natureza como povo de Deus. A liturgia em sua obra de salvação associa os batizados na doxologia que, no Espírito, o Filho oferece ao Pai. As ações litúrgicas, particularmente a Ceia Eucarística, edificam a Igreja enquanto comunidade viva, ação de todo o corpo de Cristo. Desse modo, a celebração eucarística fundamenta e nutre toda a vida cristã.

Segundo o Concílio, a Ceia do Senhor é o sacramento central, pois ela ocupa um lugar especial entre os demais sacramentos. Isso se deve ao fato de sua instituição ser expressamente remetida à vontade de Cristo antes de Sua morte, o que não ocorre com os demais sinais sacramentais. Na Ceia nos é comunicada uma presença pessoal de Jesus, ou seja, o Seu próprio Ser, realidade que os demais sacramentos não realizam da mesma maneira, nem no mesmo grau. A Ceia Eucarística, por sua vez, é a fonte de toda a existência cristã, bem como o ápice de toda ação evangelizadora da Igreja¹⁵⁵. A Ceia do Senhor é, deste modo, a ação litúrgica por excelência, que torna o Mistério Pascal presente e atuante.

Na celebração da Ceia Eucarística manifesta-se a presença real¹⁵⁶ e misteriosa de Cristo em sua Igreja e no mundo. O Vaticano II superou o limitado conceito

¹⁵³ Cf. SC., n.6.

¹⁵⁴ Cf. LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 162.

¹⁵⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, “Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos Presbíteros” In KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (orgs.) *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1991, n.5. (Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “PO”).

¹⁵⁶ O Concílio Vaticano II propôs duas perspectivas teológicas a respeito da presença real. Uma é a bíblica, a do “memorial” (SC 47 e UR 22.3): é Deus que atualiza em nossa história temporal o mistério permanente de seu Filho. A outra procura integrar a presença sacramental de Jesus num conjunto litúrgico, o dos diversos modos pelos quais Cristo está presente nas celebrações

tridentino, que reduzia a presença de Cristo apenas ao das espécies eucarísticas. A reflexão teológica do Concílio procurou alargar este conceito limitado, afirmando que a presença real nas espécies eucarísticas é garantida pela presença antecedente de Cristo, que preside toda ação litúrgica e sacramental, o que estendeu essa compreensão a outras realidades que fazem parte do mesmo Mistério. Sobre as diversas formas da presença misteriosa de Cristo no âmbito da Ceia, o Concílio nos diz:

Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo, nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz, quanto, sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo quem batiza. Presente está pela sua palavra, pois é ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia. Ele que prometeu: onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles (cf. Mt 18,20)¹⁵⁷.

Graças ao Concílio é possível afirmar que a Eucaristia da Igreja é a própria e verdadeira Ceia do Senhor. Deste modo, revela-se uma teologia eucarística muito antiga¹⁵⁸, que procura demonstrar o genuíno mistério Eucarístico, não a partir de especulações e conceitos tirados de uma filosofia desconectada do Mistério, mas a partir de sua própria realidade ontológica.

Há uma realidade ontológico-escatológica entre a celebração da Igreja e a Ceia de Jesus com os discípulos. É essa identidade que faz da Eucaristia memorial da morte e ressurreição do Senhor, porque essa era a realidade significada pela Ceia de Jesus¹⁵⁹.

A segunda característica do Concílio visa uma preocupação puramente pastoral. Preocupados com o crescimento da vida espiritual, os padres conciliares almejavam aquilo que o Movimento Litúrgico outrora tinham pregado: tornar acessíveis e compreensíveis as riquezas da liturgia aos cristãos. Porém, para que

eclesiais. Cf. SESBOÜÉ, B; BOURGEOIS, H; TIHON, P. *História dos Dogmas tomo 3: Os Sinais da Salvação*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 265.

¹⁵⁷ Cf. SC., n.7.

¹⁵⁸ Alguns teólogos denominam essa teologia arcaica *mimesis* ou imitação. Não se pede expressamente a transformação dos dons, porque pelo fato de estarem os seguidores do Cristo realizando o gesto de Jesus na Ceia, em obediência ao seu mandato, os dons são já o Corpo e o Sangue do Senhor. Pelo fato de a oblação da Igreja ser a Ceia do Senhor, espera-se que seja aceita por Deus. Cf. RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p.191.

¹⁵⁹ Cf. Ibid., p. 190.

essa realidade pudesse se tornar algo verdadeiramente concreto, era necessário fazer com que a liturgia pudesse se tornar acessível à compreensão do povo. Isso possibilitaria que os fiéis redescobrissem o seu lugar na celebração e pudessem usufruir das fontes de graças que jorram deste manancial, a partir de uma participação ativa e consciente. Aparece, assim, um tema tão relevante ao Concílio: o sacerdócio comum dos fiéis, sendo que essa redescoberta já se encontrava no centro da perspectiva e da reforma empreendida pelo Vaticano II:

A assembleia que celebra é a comunidade dos batizados, os quais, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual e sacerdócio santo e para poderem oferecer um sacrifício espiritual toda atividade humana do cristão. Este “sacerdócio comum” é o de Cristo, único sacerdote, participado por todos os seus membros¹⁶⁰.

Revalorizado pelo Vaticano II, este múnus concede ao fiel leigo o privilégio de tornar-se ele também celebrante, no que lhe diz respeito e segundo a sua capacidade. A *Sacrosanctum Concilium* assinala que é necessário que os fiéis se aproximem das ações litúrgicas com reta disposição de espírito e coloquem a alma em consonância com aquilo que celebram, para que não recebam em vão a graça divina e possam colher com eficácia, na própria vida, os frutos da participação na liturgia na vida.

Deseja ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciência e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão “geração escolhida, sacerdócio régio, gente santa, povo de conquista (cf. 1Pd 2,9; 4,4-5), tem direito e obrigação¹⁶¹.

Em suma, segundo o espírito do Vaticano II, a participação dos batizados consiste no engajamento dos membros do povo de Deus, nas ações litúrgicas, de acordo com sua condição eclesial, como verdadeiros protagonistas dessas ações - de maneira responsável, consciente, plena e ordenada. Essa participação tem como intuito o amadurecimento da vida cristã que, sob a ação do Espírito, transforma e eleva os membros do povo de Deus em oferenda santa. A ação participativa dos batizados, especialmente na Ceia Eucarística, transforma a vida espiritual, em culto

¹⁶⁰ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2005, n. 1141.

¹⁶¹ Cf. SC., n.14.

de louvor agradável a Deus (cf. 1Pd 2,5), ao realizar eficazmente a santificação do homem e a glorificação de Deus (cf. SC 10; LG 11).

O Concílio Vaticano II, como também o Magistério Eclesiástico, procurou auxiliar as comunidades cristãs a redescobrirem a Palavra de Deus e o seu valor perene no âmbito da celebração litúrgica e no exercício da vida cristã, imbuídos pelo espírito dos Movimentos Bíblico e Litúrgico. Por isso, o Concílio exorta que é necessário nas celebrações litúrgicas dar a máxima importância à Sagrada Escritura, bem como promover “o suave e vivo afeto por ela” (SC 24). Renovação Litúrgica reencontra, portanto, uma valiosa base na recuperação da primazia da Palavra de Deus.

Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura¹⁶².

A Palavra de Deus, proclamada na liturgia, expõe a continuidade da economia salvífica realizada no Evangelho de Jesus Cristo (DV 2; 4;7). Na Palavra proclamada e compreendida se manifesta o projeto de salvação que Deus quis realizar, preparado no Antigo Testamento e realizado no Mistério Pascal.

O Deus que se comunica e atua, revelando-se mediante a fatos e palavras (DV 2; 14), continua se comunicando aos homens para que não lhes falte nunca a compreensão dos fatos, já realizados na vida e na morte de Cristo, como explicação desses fatos na Igreja e a recordação das profecias que os anunciaram. Por isso o Evangelho significa o ápice da revelação divina e da proclamação das Sagradas Escrituras (Cf. DV 18). A presença do Cristo Ressuscitado e de seu Espírito na liturgia da Palavra faz dela um verdadeiro acontecimento, novo e salvífico, que dá um “hoje” sempre atual à proclamação da Palavra de Deus¹⁶³.

Certamente Deus, ao se revelar, pretende estabelecer relação com todos os homens de ontem, de hoje e de sempre; mas muitos ainda não chegaram ao conhecimento deste dom, e, por este motivo, a igreja e a porção da humanidade que, tendo sido misericordiosamente antecipada pela benevolência divina, foi reunida e convocada por essa Palavra, e, por conseguinte, mediante a fé se coloca à escuta, abre-se ao diálogo, deixa-se questionar e também interpelar, quando é necessário. Trata-se de

¹⁶² Cf. SC., n. 51.

¹⁶³ Cf. ALDAZÁBAL, J. *A mesa da palavra I - elenco das Leituras da Missa*. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 6.

um momento extremamente importante não só no desenvolvimento do rito, mas em todo arco da história da salvação [...] ¹⁶⁴.

Outro precioso fruto da reforma conciliar relacionado à teologia da Ceia do Senhor, foi a redescoberta da íntima conexão entre a Mesa da Palavra e a Mesa Eucarística, até então celebradas em profunda desconexão dentro do âmbito litúrgico. Fruto da reforma conciliar, a nova Instrução Geral ao Missal Romano promulgada pelo Papa Paulo VI afirma que na Celebração da Ceia do Senhor se prepara tanto a mesa da Palavra de Deus como a do Corpo de Cristo, para ensinar e alimentar os fiéis. Ambas as partes estão de tal forma relacionadas entre si que formam um só ato de culto ¹⁶⁵. Trata-se, portanto, de uma única mesa, onde o Ressuscitado se dá a assembleia em alimento como palavra viva de Deus e em seguida os faz participar de sua oferta pascal em forma de alimento eucarístico.

Como vimos anteriormente, a Celebração da Ceia do Senhor é a celebração da nova aliança (cf. Mt 26,28). Jesus, retomando as palavras de Moisés no Sinai: “Este é o sangue da Aliança...” (cf. Ex 24,8) afirma esta nova realidade. A celebração ritual da Ceia Eucarística reproduz exatamente a estrutura da celebração do Sinai, tal como a tradição transmitiu. De um lado este ato celebrativo compreende a proclamação da Palavra, e de outro, o sacrifício de comunhão na liturgia Eucarística. É exatamente a respeito desta realidade que o Vaticano II se refere ao expressar a profunda intimidade entre ambas as mesas. Palavra e Eucaristia formam, portanto, o coração da nova aliança. Este único ato de culto do qual nos fala o Concílio, é a celebração da Aliança nova ao mesmo tempo na Palavra que é proclamada e no pão e no vinho que são consagrados ¹⁶⁶.

A nova Aliança, da mesma forma que a primeira, é firmada sobre a Palavra. Fica claro, portanto, a profunda relação esponsal entre a Palavra e a Ceia Eucarística, não existindo jamais a possibilidade da celebração Eucarística ser desvinculada da celebração da Palavra e vice versa. A comunidade cristã reunida em torno do Ressuscitado renova a Aliança Pascal através da escuta da Palavra e compromete a segui-la mediante a uma resposta de fé e compromisso semelhante à comunidade do Sinai: “Tudo o que Iahweh falou, nós o faremos e obedeceremos”

¹⁶⁴ Cf. VISENTIM, P. “Eucaristia” In SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *História dos Dogmas tomo 3: Os Sinais da Salvação*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 404.

¹⁶⁵ Cf. ALDAZÁBAL, J. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007, n.28. (A partir deste ponto, a referência a este documento será feita pela sigla IGMR).

¹⁶⁶ Cf. DEISS, L. *A Palavra de Deus Celebrada*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 52.

(cf. Ex 24,8). A Instrução Geral ao Missal Romano afirma: Na Liturgia da Palavra Deus fala ao seu povo; Cristo continua a anunciar o seu Evangelho. E o povo responde a Deus com o canto e a oração¹⁶⁷.

Tendo em vista os aspectos observados, constatamos que a intenção do Concílio é fazer com que a comunidade dos crentes compreenda que o lugar privilegiado para o anúncio da Palavra é o âmbito da Ceia Eucarística, embora existam outras modalidades para a leitura e proclamação da mesma, tais como a Liturgia das Horas a Lectio Divina os demais Sacramentos e Sacramentais. No ato de culto da Ceia do Senhor a celebração da Palavra de Deus é sempre proclamada e interpretada situando em primeiro lugar o Mistério Pascal e explicando, a partir dele, todos os fatos e palavras que conduzem a bom termo a história da salvação. O Papa Bento XVI em sua exortação apostólica pós sinodal *Verbum Domini* fala a respeito do Mistério Pascal como núcleo fundamental da história salvífica:

No centro de tudo, refulge o Mistério Pascal, ao qual se unem todos os acontecimentos de Cristo e da história da salvação atualizados sacramentalmente. Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de torná-los como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contato com eles, se encham de graça¹⁶⁸.

Outra recuperação importante realizada com ousadia pelo Concílio Vaticano II foi o retorno da comunhão sob as duas espécies para os fiéis. Depois de séculos era restituída aos participantes da Ceia Eucarística a possibilidade de comungar no cálice. Esta participação direta dos fiéis, expressa a unidade sacramental do Corpo Místico de Cristo e ainda visibiliza a participação plena, na mesa da Eucaristia e a obediência ao mandamento do Senhor que ordena: “tomai e comei... tomai e bebei...” O Papa Paulo VI no proêmio da nova introdução geral ao Missal Romano exorta:

Movido pelo mesmo desejo e zelo pastoral, o Concílio Vaticano II pôde reexaminar o que o Tridentino determinara a respeito da comunhão sob as duas espécies. Com efeito, como hoje já não se põem mais em dúvida os princípios doutrinários quanto à plena eficácia da comunhão recebida apenas sob a espécie do pão, permitiu ele que se dê algumas vezes a comunhão sob as duas espécies, a fim de que, através de uma apresentação mais elucidativa do sinal sacramental, haja uma oportunidade para se compreender melhor o mistério de que os fiéis participam¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Cf. IGMR., n. 9.

¹⁶⁸ BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 107.

¹⁶⁹ Cf. IGMR., n. 14.

A constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, respaldada pela Tradição, motiva o desejo da participação dos fiéis sob a comunhão nas duas espécies: “Salvaguardados os princípios dogmáticos estabelecidos pelo Concílio Tridentino a comunhão sob as duas espécies pode ser concedida, nos casos a serem determinados pela Santa Sé, tanto para clérigos e religiosos quanto para leigos, a juízo dos Bispos [...]”¹⁷⁰. A mesma constituição ainda prevê três casos bastante significativos, onde se pode realizar a comunhão sob as duas espécies: na sagrada ordenação, na Missa de profissão religiosa para os religiosos e para os neófitos, na Missa que segue a celebração do Batismo¹⁷¹.

Segundo Aldazábal, a lista com as possibilidades para a realização da comunhão eucarística sob as duas espécies ampliou-se de maneira notória¹⁷². A Instrução Geral ao Missal Romano, prevê além das possibilidades citadas na *Sacrosanctum Concilium*, outras circunstâncias onde se pode ocorrer a comunhão na em ambas espécies, das quais podemos exemplificar: os membros de uma comunidade religiosa, durante a missa conventual, os alunos dos seminários, os que fazem exercícios espirituais ou que participam de alguma reunião espiritual e pastoral, etc. O Concílio concedeu faculdade as Conferências Episcopais de cada país para que pudessem ampliar e determinar mais casos em que esse modo de se administrar a comunhão eucarística pareça mais oportuno¹⁷³. Com isso se reafirma o desejo de que através da participação dos fiéis na comunhão sob as duas espécies

¹⁷⁰ Cf. SC., n. 55.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Cf. ALDAZÁBAL, J. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 234.

¹⁷³ Conforme o posicionamento da 33ª Assembleia Geral da CNBB, aprovada pela Santa Sé, a ampliação do uso da comunhão sob as duas espécies pode ocorrer nos seguintes casos: 1) A todos os membros dos institutos religiosos e seculares, masculinos e femininos, e a todos os membros das casas de formação sacerdotal ou religiosa, quando participarem da missa da comunidade. 2) A todos os participantes da missa da comunidade por ocasião de um encontro de oração ou de reunião pastoral. 3) A todos os participantes em missas que já comportam para alguns dos presentes a comunhão sob as duas espécies, conforme o n. 243 dos Princípios e normas para o uso do Missal Romano: a) quando há uma missa de batismo de adultos, crisma ou admissão na comunhão da Igreja; b) quando há casamento na missa; c) na ordenação de diácono; d) na bênção da abadessa, na consagração das Virgens, na primeira profissão religiosa, na renovação da mesma, na profissão perpétua, quando feitas durante a missa; e) na missa de instituição de ministérios, de envio de missionários leigos e quando se dá na missa qualquer missão eclesial; f) na administração do viático, quando a missa é celebrada em casa; g) quando o diácono e os ministros comungam na missa; h) havendo concelebração; i) quando um sacerdote presente comunga na missa; j) nos exercícios espirituais e nas reuniões pastorais; l) nas missas de jubileu de sacerdócio, de casamento ou de profissão religiosa; m) na primeira missa de um neo-sacerdote; n) nas missas conventuais ou de uma “comunidade”. 4) Na ocasião de celebrações particularmente expressivas do sentido da comunidade cristã em torno do altar. Cf. IGMR, n. 283.

se demonstre a natureza da Igreja, formada pela unidade dos membros do Corpo de Cristo, pois a participação da comunidade na comunhão do corpo e do sangue do Senhor, expressa a sua transformação no corpo eclesial. O que foi pedido na epiclese de comunhão¹⁷⁴ durante a recitação da oração eucarística, tem seu ponto culminante na participação dos fiéis no rito da comunhão¹⁷⁵.

A Igreja nos é apresentada como comunidade sacramental que se manifesta por excelência ao redor da Ceia do Senhor e o sinal básico desta reunião consiste na participação dos fiéis em torno da mesa Eucarística, comendo do mesmo pão e bebendo do mesmo cálice, sinal que une os participantes entre si e com Deus. Desde a aliança do Êxodo até a reunião da comunidade dos batizados na experiência do Mistério Pascal, a Ceia sempre se constitui como sacramento da aliança. Este pacto de Deus com os homens se manifesta quando homens se aliam entre si. No comer e beber em comum o pão e o vinho, corpo e sangue Dele oferecido¹⁷⁶ a comunidade dos batizados recebe a vida do Ressuscitado e, celebra-se esta aliança que possibilita a vida nova.

A nova edição do Missal Romano em algumas orações pós-comunhão, faz alusões à participação dos fiéis na comunhão eucarística sob as espécies do Corpo e Sangue de Cristo, tais, por exemplo: “Ó Deus, vós quisestes que participássemos do mesmo pão e do mesmo cálice; fazei-nos de tal modo unidos em Cristo, que tenhamos a alegria da salvação (oração pós-comunhão, V Domingo Comum); “Ó Deus, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, que oferecemos em sacrifício e recebemos em comunhão, nos transmita uma vida nova...” (oração pós-comunhão, XIII Domingo Comum); “Possamos, ó Deus saciar-nos do pão celeste e inebriar-nos do vinho sagrado, para que sejamos transformados naquele que agora recebemos” (oração pós-comunhão, XXI Domingo Comum). Essas expressões no novo missal, além de expressar o desejo dos padres conciliares que se retome o costume da comunhão eucarística sob as duas espécies, supõem uma realização mais plena do sinal sacramental, e não só da fé em que “Cristo está inteiro em cada

¹⁷⁴ Um modelo de epiclese de comunhão encontra-se descrito na Oração Eucarística III quando o sacerdote ora suplicando a vinda do Espírito Santo sobre a comunidade reunida, a fim de que ocorra sua transformação no Corpo de Cristo: “Olhai com bondade para a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco e concedei que alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito”. Cf. MISSAL ROMANO. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 476.

¹⁷⁵ Cf. GIRAUDO, C. *Admiração Eucarística*: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 113.

¹⁷⁶ MISSAL ROMANO. *Trecho da Oração Eucarística V* In Id. *Op.cit.*, p. 490.

espécie”, o que é certamente verdade¹⁷⁷. A Igreja acredita que tendo cessado o perigo de qualquer redução acerca da presença de Cristo no sacramento da Ceia Eucarística, às comunidades voltem o quanto antes a realizar a participação na comunhão sob as duas espécies, tendo em vista a obediência ao mandato expresso do Senhor, bem como a fidelidade a Tradição e ao cumprimento das normas litúrgicas vigentes.

5.2

O Domingo: dia da experiência pascal em torno da Ceia do Senhor

Impelidos pela força do Espírito do Ressuscitado, os primeiros cristãos escolheram o domingo como seu principal dia de reunião e de celebração da Ceia do Senhor. O Novo Testamento nos apresenta a celebração deste dia como alicerce da vida litúrgica da comunidade. Este fundamento apóia-se no testemunho dos Evangelhos, que nos certificam de maneira unânime que a ressurreição do Senhor ocorreu no dia denominado como “primeiro da semana” (cf. Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1; Jo 20,21). Além dos relatos da ressurreição, os Evangelhos também nos comprovam que este dia foi escolhido por Cristo para se manifestar aos discípulos através das suas aparições (cf. Mt 28,9; Lc 24,13ss.36; Jo 20, 19ss.). Este dia também foi dedicado pelo Senhor, para conferir a sua Igreja o dom prometido do Espírito Santo (cf. At 2,1ss; Jo 20,22) e o envio da comunidade como mensageiros e ministros da salvação, mediante a força do mesmo Espírito (cf. Jo 20,21-23; At 1,8; 2,4). Sendo assim o primeiro dia da semana está presente na consciência da comunidade primitiva como um dia particularmente escolhido pelo Cristo com o objetivo de marcar a existência cristã através da experiência concreta com o Ressuscitado dentro do âmbito da Ceia Eucarística, pois nela Ele manifesta o desejo de reunir os seus em torno da mesa e da refeição. O domingo torna-se assim o “dia que o Senhor fez para nós” (cf. Sl 118,4)¹⁷⁸.

Os vários relatos em que se falam a respeito desse dia nas páginas do Novo Testamento, nos ajudam a compreender seus valores teológicos e espirituais desde já presentes na vida da primitiva comunidade cristã. Escolhemos neste trabalho, três passagens da Escritura que nos ajudam a compreender o Domingo como dia

¹⁷⁷ Cf. ALDAZÁBAL, J. *Op.cit.*, p. 235.

¹⁷⁸ Cf. ADAM, A. *O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1982.

especial da manifestação do Ressuscitado e como dia do memorial da páscoa realizado pela comunidade cristã¹⁷⁹.

O Evangelho de Lucas 24,13-35 nos apresenta o famoso episódio dos discípulos de Emaús. Dois discípulos de Jesus caminhavam ao entardecer do primeiro dia da semana rumo a um povoado chamado Emaús, após os acontecimentos relacionados à paixão do Senhor. Desesperançados e “com olhos fechados”, os dois peregrinos, encontram-se com o Mestre e não o reconhecem. Jesus passa a caminhar com eles e percorrendo as passagens da Escritura, explica-lhes o sentido do plano salvífico de Deus que incluía a morte do Messias. Após a caminhada, os dois convidam Jesus para cear e então o reconhecem na fração do pão. Voltando as pressas para Jerusalém, local de onde haviam fugido encontram-se com os Onze reunidos e testemunham que verdadeiramente o Senhor ressuscitou e que O haviam reconhecido ao redor da mesa. O relato de Emaús trata da presença e da manifestação do Ressuscitado no meio da comunidade¹⁸⁰.

No episódio de Emaús, a cena do partir do pão representa o momento culminante da aparição: justamente naquele instante “abriram-se os seus olhos e o reconheceram”. Observa-se que Lucas designa essa refeição com o Ressuscitado com o mesmo nome dado às refeições cultuais da comunidade: o “partir do pão”. Podemos, portanto, concluir que a fração do pão, ou eucaristia, se entrelaça com as refeições tomadas pelos discípulos com Cristo ressuscitado¹⁸¹.

A profunda relação existente entre a epifania do Ressuscitado e a celebração Eucarística da Ceia, fica evidentemente clara nesta narração do Evangelho. Os gestos de Jesus (tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles) são os mesmos daquela última refeição realizada na véspera de sua paixão, com alusão à expressão “fração do pão”, como é denominada a Ceia do Senhor na geração da primeira comunidade cristã.

Podemos concluir que a intenção teológica de Lucas consiste em realizar uma catequese a respeito da importância do “primeiro dia da semana” para a comunidade cristã. Ele quer ressaltar, que a verdadeira experiência com o Ressuscitado, se realiza na observância de três atitudes fundamentais: a escuta e a explicação da Palavra, a fração do pão e a participação na assembleia dominical reunida em nome de Cristo.

¹⁷⁹ RYAN, V. *O domingo: história, espiritualidade e celebração*. São Paulo: Paulus, 1997.

¹⁸⁰ Cf. DEISS, L. *A Ceia do Senhor: Eucaristia dos cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 26.

¹⁸¹ Cf. AUGÉ, M. *Domingo: festa primordial dos cristãos*. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 29.

Em Atos Lucas também testemunha a respeito da reunião da comunidade cristã no primeiro dia da semana com o Apóstolo Paulo:

No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão, Paulo entretinha-se com eles. Estando para partir no dia seguinte, prolongou suas palavras até a meia-noite. Havia muitas lamparinas na sala de cima, onde estávamos reunidos. Um adolescente chamado Êutico, que estava sentado no peitoril da janela, adormeceu profundamente enquanto Paulo alongava sua exposição. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo. Quando foram levá-lo, estava morto. Paulo desceu, debruçou-se sobre ele, tomou-o nos braços e disse: não vos perturbeis: a sua alma está nele! Depois subiu novamente, partiu o pão e comeu; e discorreu por muito tempo ainda, até o amanhecer. Então partiu. Quanto ao rapaz, reconduziram-no vivo, o que os reconfortou sem medida¹⁸².

Esta perícopé bíblica é digna de reflexão, pelo fato do autor ser considerado uma testemunha ocular e por redigir o texto em primeira pessoa. Estamos por volta dos anos 57 e 58. Paulo encontra-se em Trôade e ali é acolhido como hóspede pela comunidade cristã por ele mesmo fundada. O último dia de sua estadia coincide com o primeiro dia da semana e toda assembleia encontra-se reunida para a celebração da fração do pão, expressão que indica a celebração eucarística da Ceia do Senhor (cf. 1Cor 10,16; At 2,42-46). O que comprova o encontro da comunidade para este fim, está na referência que o autor nos dá da assembleia reunida no andar superior (cf. Mc 14,15) e a grande quantidade de lâmpadas que iluminam a sala. Estes sinais constituem uma indicação do caráter cútico da reunião. Tudo nos leva a crer que é habitual esta reunião celebrativa entre os membros da comunidade e que este encontro trata-se da celebração da Ceia Eucarística num dia bem definido¹⁸³. Ao acentuar os aspectos da reunião, do partir o pão, da ressurreição e do consolo, Lucas quer ressaltar os traços de uma cena que não se narram sem uma intenção objetiva.

Outro testemunho é o de João descrito no livro do Apocalipse. Estando na Ásia Menor, no final do século I, o autor escreve: “No dia do Senhor fui movido

¹⁸² Cf. At 20,7-12

¹⁸³ Alguns estudiosos discutem sobre a interpretação deste texto em referência à história do domingo. O problema consiste em certificar-se se a reunião realizou-se na noite de sábado ou na de domingo. Pode-se tomar como ponto de referência o cálculo helenístico comum, que vai do alvorecer ao alvorecer, ou judaico, que vai do anoitecer ao anoitecer. A reunião poderia, portanto, ter lugar na noite de sábado para o domingo, ou então do domingo para segunda-feira. Em qualquer hipótese, o que é fundamental no testemunho de Atos 20,7-12 é o caráter eucarístico da assembleia no primeiro dia da semana. A opinião de alguns, segundo os quais a reunião de Trôade teve lugar ao anoitecer do primeiro dia da semana, isto é, domingo à noite, é atraente e digna de consideração; essa interpretação, porém, não parece a mais solidamente fundada na leitura do texto em questão. Cf. AUGÉ, M. *Op.cit.*, p. 26.

pelo Espírito, e ouvi atrás de mim uma voz forte como de trombeta” (cf. Ap 1,10). Esta cena, por conseguinte, remete a uma esplendorosa visão escatológica tida pelo autor, a qual ele situa no “dia do Senhor”. Desta forma, João deixa entrever uma ligação com a Ceia. Sendo o Apocalipse uma visão da glória futura, a liturgia celeste descrita por ele é de certo modo antecipada na celebração da litúrgica terrena, cujo centro é a Ceia do Senhor. O “dia do Senhor”, além de referir-se a celebração da Ceia, alude também ao Cristo glorioso e ao “dia de Iahweh” expressão que no Antigo Testamento é rica de um sentido eminentemente escatológico, que designa a manifestação de Deus e o início dos tempos messiânicos¹⁸⁴. Aplicada ao Domingo, esta expressão, anuncia a concretude do Mistério Pascal de Cristo e o ápice de toda história da salvação em sua Pessoa. O domingo como “Dia do Senhor” é um dia dedicado a celebração e de certo modo antecipa na vida dos crentes o banquete das núpcias celestes¹⁸⁵.

Sendo o domingo a Páscoa semanal que evoca e torna presente o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos, ele é também o dia que revela o sentido do tempo. Não tem qualquer afinidade com os ciclos cósmicos que, seguindo a religião natural e a cultura humana, poderiam ritmar o tempo, fazendo crer talvez ao mito do eterno retorno. O domingo cristão é diferente! Nascendo da Ressurreição, ele sulca os tempos do homem, os meses, os anos, os séculos como uma seta lançada que os atravessa, orientando-os para a meta da segunda vinda de Cristo. O domingo prefigura o dia final, o da Parusia, já antecipada de algum modo pela glória de Cristo no acontecimento da Ressurreição¹⁸⁶.

Como vimos a expressão “Dia do Senhor” sempre foi usada pelos cristãos para designar o domingo, levando assim a substituição do Shábbat¹⁸⁷ que para os judeus é o dia da renovação da aliança pascal de Deus com o seu povo. Os hebreus realizam neste uma verdadeira anámnese, recordando a libertação e a aliança que

¹⁸⁴ VANNI, U. *L'Uomo dell'Apocalisse*. Roma, Edizioni AdP, 2008, p. 37.

¹⁸⁵ A expressão “no dia do Senhor” também pode ser compreendida no plano histórico como a indicação de uma circunstância precisa, isto é, da celebração litúrgica da Páscoa. Tal significado, melhor ainda, é sustentado por alguns como o único possível, dada a expressão usada por João (kyriaké heméra, lat. dominica dies, de onde provém o nosso termo “domingo”. Cf. CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*: Grande comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 93.

¹⁸⁶ Cf. JOÃO PAULO II. *Dies Domini*: Sobre a santificação do domingo. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 76. (A partir desta citação, o referido documento será representado pela sigla “DD”).

¹⁸⁷ A palavra hebraica sabbat indica o sétimo dia da semana no calendário judaico. Desde os primitivos tempos israelitas, o sábado foi um dia sagrado, marcado pela observância religiosa, e mais provavelmente por alguma outra espécie de observância cultural; mas, sua antiguidade e a natureza das mais antigas observâncias não podem ser determinadas com toda clareza. As leis do Pentateuco recuam o sábado ao período mosaico; isso parece historicamente improvável, pelo menos com respeito ao tipo de observância que aparece mais tarde, visto parecer impossível que nômades observem um dia de completa abstenção do trabalho (...) O nome shabbat está ligado à raiz SHBT, que significa repousar ou cessar. Cf. McKENZIE, JOHN L. “Sábado”. op. cit., p. 739.

historicamente Deus realizou com o povo tanto no Êxodo como na doação da Lei no Sinai (cf. Dt 5,14-15). Na tradição cristã, o domingo passa a ser o “cumprimento” do sábado judaico, sendo ele apenas uma espécie de “profecia” preparatória que terá seu ápice com a Ressurreição do Senhor. No domingo de maneira definitiva, celebramos a nova criação inaugurada por Jesus Cristo mediante a realização do Mistério Pascal. Para os cristãos de todos os tempos, o domingo é o dia da “nova e definitiva Páscoa” onde resgatado do poder das trevas somos introduzidos na luz do Ressuscitado. Do sábado, portanto, passamos ao primeiro dia depois do sábado, do sétimo dia passa-se ao primeiro de todos os dias, ou seja, o Dia do Senhor.

Se os que viviam no antigo estado de coisas passaram a uma nova esperança, deixando de observar o sábado e vivendo segundo o dia do Senhor, dia em que a nossa vida despontou por meio Dele e da sua morte (mistério que alguns negam, mas do qual recebemos a fé e no qual perseveramos para sermos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo nosso único Mestre) como poderemos viver sem Ele, se inclusive os profetas, que são seus discípulos no Espírito, O aguardavam como Mestre? E porque era por eles justamente esperado, quando veio ressuscitou-os dos mortos¹⁸⁸.

Segundo a perspectiva do Novo Testamento, o domingo, é o dia em que a comunidade reunida, celebra a vitória pascal de Jesus sobre o pecado e a morte. A característica teológica e fundamental do domingo consiste em ver nele o memorial sacramental da páscoa do Senhor conforme nos certifica a Constituição Litúrgica Sacrosanctum Concilium: “(...) a Igreja celebra cada oitavo dia o Mistério Pascal. Esse dia chama-se justamente dia do Senhor ou domingo”¹⁸⁹. Sabemos que o Senhor ressuscitado está sempre presente à sua comunidade, mas desde os primórdios, enfatiza-se de modo especial sua manifestação, força e presença no dia do domingo, que se traduz como dia da experiência da comunidade cristã com o Senhor glorioso.

A cada oito dias os cristãos celebram o memorial da vitória pascal de Cristo, vivendo este dia como verdadeiro “sacramento da páscoa do Senhor”. A Ceia Eucarística ocupa neste dia seu lugar de proeminência, pois através dela a Comunidade dos crentes forma a Igreja, pois é precisamente nesta Ceia em que os batizados revivem com maior intensidade a experiência feita pelos Apóstolos na

¹⁸⁸ Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA. “Cartas: Inácio aos Magnésios” In AL., p.103.

¹⁸⁹ Cf. SC., n. 106.

tarde daquele primeiro dia da semana, quando estando eles reunidos, o Ressuscitado lhes apareceu.

Naquele pequeno núcleo de discípulos, primícia da Igreja, estava, de algum modo, presente o Povo de Deus de todos os tempos. Pelo seu testemunho, estende-se a cada geração de crentes a saudação de Cristo, transbordante do dom messiânico da paz, conquistada pelo seu sangue e oferecida juntamente com o seu Espírito: “A paz esteja convosco!” No fato de Cristo voltar ao meio deles “oito dias depois” (Jo 20,26), pode-se ver representado, na sua raiz, o costume da comunidade cristã de reunir todos os oito dias, no “dia do Senhor” o domingo, para professar a fé na sua ressurreição e recolher os frutos da bem-aventurança prometida por Ele: “Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!”¹⁹⁰.

Portanto, na celebração da Ceia do Senhor o domingo encontra seu núcleo, fundamento e sua existência. Na participação da Ceia “memorial da morte e ressurreição do Senhor, sacramento de unidade, vínculo de caridade e banquete pascal”¹⁹¹ os fiéis se configuram ao Ressuscitado, tornando-se assim verdadeiras testemunhas de seu Evangelho e toda a vida cristã encontra nela o seu ápice, bem como todos os demais trabalhos e atividades apostólicas devem convergir para este fim¹⁹².

A participação na Ceia do Senhor edifica a comunidade pascal, segundo as palavras do Apóstolo Paulo: “Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos deste único pão”¹⁹³. A assembleia reunida realiza a Ceia Eucarística, mas a própria Ceia gera a Igreja e vai transformando-a como sacramento do Ressuscitado. O Concílio Vaticano II redescobriu que a celebração da Ceia está no centro do desenvolvimento e do crescimento da Igreja.

Exerce-se a obra da nossa redenção sempre que o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nossa Páscoa foi imolado (1Cor 5,7), se celebra no altar. Ao mesmo tempo a unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo (1Cor 10,17) é significada e realizada pelo sacramento do pão eucarístico. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, que é a Luz do mundo, do qual procedemos, por quem viemos e para quem tendemos¹⁹⁴.

A Ceia do Senhor tornar-se assim o centro de toda a comunhão entre Deus, a Igreja e os homens, pois neste âmbito se realiza a renovação da nova e definitiva

¹⁹⁰ Cf. DD., p. 37.

¹⁹¹ Cf. SC., n. 47.

¹⁹² Cf. PO., n.5.

¹⁹³ Cf. 1Cor 10,17.

¹⁹⁴ Cf. LG., n.3.

aliança e o fermento que faz crescer esta massa é a força do Espírito do Ressuscitado manifestada na reunião dominical dos cristãos. Podemos assim afirmar que o coração do Domingo é a Ceia do Senhor, pois neste dia e nesta celebração, realiza-se o nosso encontro com o Ressuscitado e com a experiência da Páscoa, que consiste na vitória definitiva do bem sobre o mal e da vida sobre a morte. Por esta razão, toda celebração dominical da Ceia Eucarística, deve orientar a comunidade para que realize verdadeiramente esta experiência concreta com o Senhor. Toda clima celebrativo deve manifestar um prelúdio da festa eterna que se celebra no céu¹⁹⁵. O Domingo é, portanto o começo daquele grande dia em que toda humanidade será conduzida para o encontro face a face com o Senhor.

5.3

“Até que Ele venha”: uma visão escatológica da Ceia do Senhor

Como a ceia em Israel e como a última ceia de Jesus, também a Ceia do Senhor celebrada pelos cristãos é sinal escatológico¹⁹⁶. A natureza escatológica da celebração não significa que sua realização seja anti-histórica, mas sua pedagogia consiste em impregnar a história de uma perspectiva escatológica. A comunidade dos crentes deve ser diante do mundo, um sacramento visível do Reino de Cristo que virá. A refeição em memória do Senhor evocava sua presença na tríplice dimensão do tempo (passado, presente e futuro) estando este horizonte sobre a tensão escatológica vivida no seio da comunidade primitiva. Segundo Carlo Rocchetta, a primeira comunidade cristã vivia à espera desse retorno. Absorvidos pela alegria futura, os espíritos já estavam como que transportados para o outro lado do tempo. E a espera atingia o máximo de sua intensidade exatamente na celebração eucarística¹⁹⁷.

A celebração da Ceia do Senhor é revestida de uma característica profundamente escatológica. Após a eucaristização dos dons, a assembleia reunida aclama de maneira uníssona: “Anunciamos, Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus!” O clamor: *Maranatha* que se

¹⁹⁵ Cf. PAGLIA, V. “La assemblea eucarística, corazón del domingo”. In: PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS. *Redescubri la Eucaristía*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 97.

¹⁹⁶ Cf. NOCKE, J. F. “Eucaristia” In SCHNEIDER, T. (org.), *Manual de Teologia Dogmática* vol. II. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 252.

¹⁹⁷ Cf. Cf. ROCCHETA, C. *Os Sacramentos da Fé.*, p. 300.

pronunciava durante a celebração da Ceia nos primórdios do cristianismo, era o modo com que os cristãos demonstravam a expectativa da iminente volta de Cristo¹⁹⁸. Este brado suplicante continua a ser no hoje da nossa história uma verdadeira profissão de fé da comunidade que celebra através do memorial da Ceia Eucarística esta tensão dialética entre a vinda gloriosa de Cristo e de seu Reino e a realidade já antecipada de modo sacramental.

Ao descrever a fórmula “até que ele venha” (v. 26) Paulo quer reafirmar no coração da comunidade a expectativa e a esperança em relação à segunda vinda do Senhor. A Ceia Eucarística está entre a morte de Jesus e a sua vinda final. É, pois, expressão do tempo histórico da Igreja, do seu árduo caminhar neste mundo, não podendo transformar-se em evasão, fuga, libertação dos dramas e contradições da existência terrena¹⁹⁹.

Bento XVI afirma que, ao escrever aos Coríntios, Paulo usa a mesma súplica na sua formulação aramaica, mas cuja expressão se pode decompor e, por conseguinte, ser compreendida de dois modos diferentes²⁰⁰. Tal expressão pode ser explicada da seguinte forma: “*Marana tha* – vinde, Senhor” ou “*Maran atha* – o Senhor veio”. Segundo o Papa nesta dupla forma de interpretação, fica evidente o distintivo da expectativa cristã a respeito da vinda de Jesus: é ao mesmo tempo o clamor “Vinde!” e a confiança, repleta de gratidão que “Ele veio”.

Na celebração da Ceia Eucarística se concretiza a promessa do Senhor Ressuscitado aos discípulos: “Eis que eu estarei convosco todos os dias até a consumação dos tempos” (cf. Mt 28,20). Cristo continua entre nós, de forma particular, através de sua presença no pão e no vinho eucaristizados. Essa manifestação de Cristo presente nos dons da Ceia Eucarística traz consigo esta tensão escatológica, que nos conduz para a sua presença definitivamente real. A presença de Cristo ainda não é completa. A Ceia do Senhor nos coloca a caminho do definitivo.

A conclusão do livro do Apocalipse se encerra com esta promessa de retorno por parte do Senhor e com a invocação para que esta vinda se concretize: “Aquele que atesta estas coisas diz: Sim, venho muito em breve! Amém. Vem, Senhor

¹⁹⁸ Cf. MAGRASSI, M. *Vivere la liturgia*. Noci: La Scala, 1978, pp. 317-325.

¹⁹⁹ Cf. BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo vol. I.*, p. 315.

²⁰⁰ Cf. RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p.258.

Jesus!” (cf. Ap 22,20). Este brado é o grito do cristão confiante, que diante das situações de opressão, anseia pela volta do Senhor, que tem o poder de fazer novas todas as coisas, rompendo com a violência e inaugurando o tempo da salvação. Segundo Bento XVI este brado é o grito repleto de esperança que anela pela proximidade de Jesus numa situação de perigo, em que só Ele pode ajudar²⁰¹.

O anseio pela vinda do Senhor era uma realidade almejada desde o Antigo Testamento. Os judeus viviam de certa forma esta tensão escatológica ao celebrar a cada ano a Páscoa. Como observamos no relato bíblico de Ex 12,11, o cordeiro pascal deveria ser comido às pressas, como se a comunidade estivesse prestes a partir. Como vimos anteriormente à própria expressão “*pesách*” indicava a passagem dos filhos de Israel do Egito para a terra prometida. Agora, mediante a celebração do Mistério Pascal em cada Ceia Eucarística, a Igreja comunidade daqueles que esperam a vinda do Senhor, vive esta passagem, que nos transportará deste mundo para o Pai onde passaremos de uma mesa de peregrinos para a mesa de participantes das núpcias eternas. Deste modo, a celebração Eucarística não se reduz apenas ao seu caráter comemorativo, mas antecipa a vinda do Senhor, porque o Mistério Pascal já é vitória segura sobre a morte e sobre todas as potências adversas, já é libertação-reconciliação-unificação de tudo em Cristo²⁰².

Deste modo a Ceia do Senhor manifesta o genuíno significado da existência cristã neste mundo. Ao redor do banquete eucarístico, a Igreja compreende sua vocação como povo escatológico que caminha rumo à pátria celeste e graças à força renovadora do Mistério Pascal, pode desde já saborear nesta terra as realidades divinas conforme afirma a *Sacrosanctum Concilium*: “Na Liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos caminhamos [...]”²⁰³.

Em outra parte a *Sacrosanctum Concilium* confirma a índole escatológica da Ceia quando assegura que o banquete eucarístico deve ser celebrado pela Igreja até a volta do Senhor²⁰⁴ na esperança de ver o dia sem ocaso onde toda humanidade repousará junto Dele. A *Lumen Gentium* também afirma esta relação entre a liturgia e a escatologia, ressaltando a Igreja como sacramento de comunhão e de unidade,

²⁰¹ Cf. Ibid., p.258.

²⁰² Cf. VISENTIM, P. “Eucaristia”. op. cit., p. 414.

²⁰³ Cf. SC., n. 8.

²⁰⁴ Cf. SC., n. 47.

tendo como lugar privilegiado para a confirmação desta aliança a Ceia Eucarística. A presença e a manifestação do Senhor Ressuscitado, une as realidades terrestres com as realidades celestes, promovendo através da participação da Mesa Eucarística, a comunhão entre a Igreja peregrina e a celeste. Desta forma, o tempo da Igreja torna-se o lugar privilegiado onde a comunidade dos batizados aguarda na fé a espera e a vinda gloriosa de Cristo.

Mas nossa união com a Igreja celeste se realiza de modo nobilíssimo, mormente na sagrada Liturgia, em que a força do Espírito Santo atua sobre nós por meio dos sinais sacramentais, quando em comum exaltação cantamos os louvores de divina majestade [...] É portanto, na celebração do sacrifício eucarístico que certamente nos unimos mais estreitamente ao culto da Igreja celeste, uma vez que a ela nos unimos, sobretudo, venerando a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, vem como do bem-aventurado São José, dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires e todos os Santos²⁰⁵.

No centro da celebração eucarística, bem como da escatologia, situa-se o Mistério Pascal de Cristo, sendo o acontecimento da sua ressurreição gloriosa a ponte de acesso para a vivência das realidades futuras. Podemos assim afirmar que a escatologia encontra na liturgia um âmbito privilegiado para sua reflexão e celebração. A ressurreição do Senhor, celebrada em cada Ceia Eucarística, inaugura o mundo futuro e desde já podemos viver o estado de glória dos novos céus e da nova terra.

A partir da Eucaristia, o domingo é, com efeito, o memorial eficaz, a anamnese fecundante que nos torna presentes e participantes da liturgia eterna. É o dia da assembleia em que antecipamos realmente a comunhão de todos os santos, na Santíssima Trindade²⁰⁶.

Ao celebrar os mistérios de Cristo em cada ação litúrgica, sobretudo, na realização da Ceia do Senhor, a Igreja descobre sua vocação como comunidade escatológica que, a partir da epifania do Espírito do Ressuscitado, descobre que a Ceia Eucarística é o sacramento da escatologia realizada e que, por meio dela, se realiza na Igreja uma verdadeira “parusia sacramental” aonde o Reino chega até nós com a força da Ressurreição²⁰⁷. Sendo assim, a celebração da Ceia do Senhor, constitui a antecipação real da segunda vinda de Cristo. Esta antecipação torna-se

²⁰⁵ Cf. LG., n. 50.

²⁰⁶ Cf. CORBON, J. *A fonte da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999, p. 139.

²⁰⁷ Cf. CLÉMENT, O. “Teologia. ‘Maranatha’”. Notas sobre a Eucaristia na tradição ortodoxa”. In BROUARD, M. *Enciclopédia da Eucaristia*., p. 580.

definitiva graças à oblação do Filho ao Pai, pois através de sua oferta pascal, se cumpre todo o desígnio salvífico, anunciado desde o começo dos tempos (cf. Ef 1,3-10). A Liturgia celebra no hoje da realidade humana, o cumprimento das promessas do Pai, dentro do tempo da Igreja, período este inaugurado em Pentecostes, constituindo assim a última etapa da história da salvação que nos possibilita o contato direto com a liturgia celeste.

A vinda da liturgia celeste começou na Igreja com a efusão do Espírito Santo; e, contudo não vemos em que é que a criação começa a estar libertada da corrupção que escraviza (cf. Rm 8,21). Na manhã de Pentecostes, o tempo novo inaugurado pela Ascensão surge “neste mundo” como advento da Igreja: tal encontro constitui “os últimos tempos” em que estamos (At 2,17), e é a última etapa da economia da salvação²⁰⁸.

Em suma, na celebração da Ceia do Senhor, se realiza de maneira sacramental, a consumação de toda história, conforme as palavras do Apóstolo Paulo: “E quando todas as coisas lhe houverem sido submetidas, então o próprio Filho será submetido Àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos”²⁰⁹. A nossa participação no mistério de Cristo, realizada de maneira peculiar em cada Ceia Eucarística, realiza em nós esta submissão. Através dela, nos submetemos a Cristo que nos oferta ao Pai, mediante a força do Espírito Santo. A oração doxológica realizada no término de cada Cânon Eucarístico, está revestida desta força, que possibilita a eucaristização de toda vida humana em um culto de louvor agradável ao Pai, alcançando assim a sua finalidade última que consiste na glorificação de Deus. Portanto, em cada Ceia “o Pai, por Cristo e no Espírito Santo santifica a Igreja e, por ela o mundo; o mundo e a Igreja, por sua vez, por Cristo e no Espírito Santo dão glória ao Pai”²¹⁰.

Segundo I. Zizioulas A Ceia do Senhor consiste no mais dramático testemunho entre história e escatologia²¹¹ consistindo sua natureza uma realidade profundamente escatológica. Toda realidade humana está presente no memorial da Ceia do Senhor e toda sua existência é conduzida através dela para o grande *escaton*, para o começo dos novos céus e da nova terra, mas desde já, toda existência

²⁰⁸ Cf. CORBON, J. *Op.cit.*, p.57.

²⁰⁹ Cf. 1Cor 15,28.

²¹⁰ Cf. DOCUMENTO DE PUEBLA In *Documentos do CELAM* (Conselho Episcopal Latino-Americano): Conclusões das conferencias. São Paulo: Paulus, 2004, n.917.

²¹¹ ZIZIOULAS, I. *A criação como Eucaristia.*, p.94.

humana é configurada em uma espécie de nova criação mediante a força renovadora do Espírito Santo.

Desde então, em cada celebração da Ceia Eucarística, o ser humano além de saborear dos alimentos da Palavra e do Corpo e Sangue do Cristo glorioso, pode também sentir o sabor das realidades escatológicas que adentra a história através da reunião Eucarística tornando possível em nosso espaço temporal nossa participação na natureza divina. Sendo assim, sem essa dimensão, oferecida ao mundo como Eucaristia, nenhuma práxis pastoral e missionária, nenhuma habilidosa diplomacia no “diálogo com o mundo” e nenhum sistema ético conseguirão transfigurar o mundo moderno em Cristo²¹².

Na Ceia do Senhor, acontece de maneira concreta a profunda união entre o céu e a terra. Nela encontra-se a iminência entre o eterno e o tempo, entre o Reino de Deus almejado, cujo centro é o Ressuscitado, e nossa história de cada dia²¹³. Por isso podemos afirmar que a Ceia do Senhor é o nascente da vida divina ofertada gratuitamente aos homens por amor, para que nós envolvidos por esta graça possamos retribuir com amor a sua iniciativa amorosa. Através de cada celebração da Ceia Eucarística, o amor de Deus jorra de maneira copiosa ao mundo o coração de toda humanidade, expande-se em culto de louvor e adoração “em espírito e em verdade” (cf. Jo 4,14).

Esta expansão do coração, segundo J. Corbon, torna-se em epiclese sobre o mundo, o que significa participar do grande missão de Cristo, que consiste no derramamento do Espírito Santo no coração da humanidade para atraí-los a si. Desta forma o coração do mundo transforma-se na mesa da Ceia Eucarística, onde a comunhão com as pessoas divinas acontece sem cessar através do Corpo de Cristo, para que todo o cosmos se transforme nele, antecipando desta forma aquele derradeiro acontecimento em que Cristo recapitulará em si todas as coisas.

A mesa da Ceia do Senhor passa então a designar nesta nossa realidade, o lugar onde todos os seres humanos, podem saciar sua fome e o seu desejo de Deus. Esta mesa é a mesa do festim do ágape, onde vivemos na esperança de encontrar ao redor dela, todos aqueles que se encontram excluídos de sua participação. Através

²¹² Cf. Ibid.

²¹³ BELLOSO, J.M.R. *Os Sacramentos símbolos do Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 185.

da comunhão dos Santos, todos os seres humanos podem tomar parte da mesa e da festa das núpcias do Cordeiro que convoca todos sem distinção a si.

Na verdade, aquilo que a oração celebra na fé pura e no amor silencioso é a profundidade oculta da Comunhão Eucarística: ela mergulha na densidade dos últimos tempos e convida para o festim da sabedoria os homens insensatos que dela se afastam²¹⁴.

Como vimos até aqui, as imagens do banquete e das núpcias associam-se de maneira intrínseca ao mistério da Ceia do Senhor. Essas imagens são compreendidas como um sinal, de uma realização plena do ser humano em comunhão definitiva com Deus. Por esta razão, a Ceia do Senhor é o sacramento do Reino de Deus, pois “por seu sacrifício, Jesus oferece aos discípulos um penhor da vinda escatológica do Reino. É ele mesmo que encarna esse Reino: seu corpo e seu sangue”²¹⁵. Desta forma a Ceia do Senhor é sinal de convocação do Reino onde todos os povos são chamados para a perfeita participação no sacramento de Cristo. A primeira fase da concretização do Reino de Deus acontece na própria realização da Ceia do Senhor. Nesta realidade terrestre a refeição Eucarística ocupa o cerne da vida espiritual deste Reino inaugurado por Jesus. Na parusia, acontecerá então a segunda parte desta concretização, que culminará com a entronização do Reino na vida do Ressuscitado. Enquanto peregrina neste mundo a Igreja se nutre pela Ceia do Senhor e na penumbra da fé coloca-se a caminho das realidades futuras aguardando com confiança o retorno glorioso do Senhor. A Ceia do Senhor torna-se para nós que aguardamos sua manifestação gloriosa, um antegozo da vinda do Reino de Deus e por esta razão nos reunimos até que Ele venha na alegre esperança de ouvirmos sua voz a nos dizer: “Eis que preparei meu banquete, meus touros e cevados, já foram abatidos e tudo está pronto. Vinde às núpcias!”²¹⁶.

²¹⁴ Cf. CORBON, J. *A fonte da Liturgia*, p.163.

²¹⁵ Cf. DHAVAMONY, M. “Teologia cristã das religiões e Eucaristia” In BROUARD, M. *Enciclopédia da Eucaristia*, p. 941.

²¹⁶ cf. Mt 22,4.

6 Conclusão

Como pudemos observar no decorrer do trabalho, celebrar consiste em um ato profundamente humano, pelo qual se deseja manifestar algum aspecto importante da vida. Celebrar consiste em um desejo profundo do coração do homem, que acaba por sua vez encontrando em Deus a razão e o motivo pelo qual festeja. Por esta razão, a celebração da Ceia do Senhor não pode ser caracterizada como uma celebração triste. Ao redor do altar encontra-se reunida em festa a família de Deus que celebra através da liturgia Jesus Cristo e sua obra redentora. A celebração é portanto uma manifestação do divino na ação celebrativa.

Aquele que tem consciência de que a fé celebrada no culto é ação de graças a Deus pelo dom da salvação, não deve ter outro sentimento senão aquele de profunda alegria, capaz de romper com todo esquema ou superficialidade, que o impede de viver verdadeiramente o regozijo da celebração. Quando a celebração da Ceia do Senhor torna-se um encontro festivo, pode-se dizer que a fé está sendo vivida de maneira madura, pois através dos gestos externos se expressa a natureza genuína do culto que é a ação de graças e o louvor. Desta forma a celebração torna-se natural e já não se corre o perigo de cair em um legalismo ou numa instrumentalização do culto.

O caráter festivo traz à tona a compreensão de que a Ceia do Senhor é um ato cúllico profundamente relacionado com a vida humana, pois segundo as palavras de São Paulo, o verdadeiro culto cristão, consiste em transformar a vida em uma verdadeira liturgia (cf. Rm 12,1). Podemos assim afirmar, que a vida cristã é um culto, pois na medida em que a fé é vivida de maneira dinâmica o cristão realiza a oferta total de sua pessoa a Deus. A celebração da Ceia do Senhor é, portanto, o sacramento de uma vida em profunda comunhão com Deus. Ela consiste no sinal eficaz de que a existência humana, pela comunhão de vida com Jesus é inteiramente orientada pelo Espírito ao Pai.

A celebração da Ceia do Senhor, indica que a vida cristã deve ser toda orientada para Deus. Desta forma a vida cristã dá a Ceia o seu fundamento, sua

causa e sua razão. Liturgia e vida estão intimamente em comunhão se o Ressuscitado ao qual celebramos e comungamos na fração do pão, está verdadeiramente presente na vida ordinária e nos demais momentos de nossa existência. A Ceia Eucarística e a vida humana estão em profunda interação: a Ceia alimenta e edifica a vida cristã e a vida cristã por sua vez, garante a identidade da Ceia do Senhor. Jesus torna-se portanto o Senhor da Ceia e o Senhor da vida. Se na Ceia, ele é celebrado, na vida ele deve ser seguido. Por esta razão que ao escutar sua Palavra e ao participarmos da mesa de seu Corpo e Sangue, estamos ouvindo-o e o festejando-o.

Para que esta dimensão da celebração penetre a vida cristã é preciso fazer com que os fiéis compreendam o mistério da Ceia a partir de sua própria celebração. É exatamente o que deseja o Concílio Vaticano II, ao insistir na participação ativa e consciente dos fiéis na liturgia. Urge então em nossa práxis pastoral a necessidade de uma evangelização acerca da mistagogia da Ceia que faça com que os fiéis penetrem verdadeiramente na essência deste grandioso mistério. É o que na prática pastoral podemos chamar de “catequese litúrgica e sacramental”, conforme a Constituição *Sacrosanctum Concilium* orienta:

Procure-se também inculcar por todos os modos uma catequese mais diretamente litúrgica, e prevejam nos próprios ritos, quando necessário, breves admoções, feitas só nos momentos mais oportunos, pelo sacerdote ou outro ministro competente, com as palavras prescritas ou semelhantes²¹⁷.

Portanto, a celebração litúrgica torna-se o local privilegiado para a formação catequética-mistagógica do povo de Deus. A catequese está de maneira unida à ação litúrgica sacramental, porque é exatamente através dos sacramentos, sobretudo, no sacramento da Ceia do Senhor, que Cristo age em plenitude para a transformação de todo o gênero humano. O benefício desta catequese para a vida do povo de Deus é que partindo dos símbolos e sinais visíveis da celebração podemos penetrar no mistério invisível que cercam tais realidades. Uma celebração litúrgica e pedagógica, pretende introduzir a assembleia no mistério de Cristo, realizando a passagem do plano visível ao invisível, do símbolo ao significado e dos sinais sacramentais ao próprio mistério que é Cristo.

²¹⁷ Cf. SC., n. 35.4.

Convém também salientar na conclusão deste trabalho, a relação entre a Ceia do Senhor e o seu aspecto social. A dimensão social está perfeitamente vinculada a este mistério. Nossa participação ativa, consciente e plena no memorial da redenção, deve despertar em nós a consciência de que o mistério celebrado deve ser levado para todas as dimensões da vida cristã, incentivando o serviço como concretização daquilo que celebramos no culto. A Ceia não pode ser reduzida apenas a uma mera celebração sacramental, mas sua realização deve impelir nos batizados o desejo de lutar pela transformação da realidade. Não se pode professar uma fé sem um compromisso ético com a vida. Não se pode crer em Deus, crer em Jesus e amá-los sem criar, entre as pessoas relação de amor, sem se fazer pão para a vida dos outros²¹⁸. É o que exatamente expressamos no culto através da prece Eucarística que diz:

Dai-nos olhos para ver as necessidades e sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs. Inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda humanidade se abra a esperança de um mundo novo²¹⁹.

²¹⁸ Cf. LIMA, J. M. *Jesus nossa paz*. São Paulo: Loyola, 2004, [p. ?]

²¹⁹ MISSAL ROMANO. Trecho da Oração Eucarística VI-D. In Id. Op. cit., p. 846.

7

Referências Bibliográficas

7.1

Documentos do Magistério

BENTO XVI. *Spe salvi*. Carta encíclica sobre a esperança cristã. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Verbum Domini*. Exortação pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.

7.2

Fontes

AGOSTINHO DE HIPONA. Sermão 227 In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 918-920.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Os Sacramentos In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 519-528.

CIPRIANO. Cartas In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 282-312.

CIRÍLO DE JERUSALÉM. Quarta Catequese Mistagógica In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 489-491.

DIDAQUÉ. Instrução do Senhor aos gentios In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 93-99.

HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 228-241.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Cartas: Inácio aos Romanos In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 107-110.

_____. Cartas: Inácio aos Efésios In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 101-103.

_____. Cartas: Inácio aos Esmirnenses In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 107-110.

_____. Cartas: Inácio aos Filadelfos In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp. 110-111.

IRINEU DE LION. Contra as heresias In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 167-174.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre São Mateus: homilia 50 In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 626-628.

_____. Catequese III. Aos neófitos In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 598-600.

JOÃO PAULO II. *Dies Domini*: Sobre a santificação do domingo. São Paulo: Paulinas, 2005

JUSTINO. Apologia I In CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 137-141.

_____. *Diálogo com Trifão*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

MISSAL *Romano*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS. *Redescubri la Eucaristía*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005.

7.3 Livros

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

AUGÉ, M. *A Liturgia: História, Celebração, Teologia e Espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 2013.

AUGÉ, M. *Domingo: festa primordial dos cristãos*. São Paulo: Ave Maria, 2000.

BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo vol. I*. São Paulo: Loyola, 1989.

BAUER. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2004.

BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

- BELLOSO, J.M.R. *Os Sacramentos símbolos do Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BERGAMINI, D.; KARRIS, J. R. *Comentário Bíblico I: Introdução, Pentateuco e Profetas Anteriores*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BETZ, J. *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-salvífica*. Vol. IV/5: “A Igreja: Eucaristia: Mistério central”. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOGAZ, S.A.; HANSEN, H.J. *Liturgia no Vaticano II: Novos tempos da celebração cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja. Vol. II*. São Paulo: Loyola, 1993.
- BOOF, L. *A Ceia do Senhor nos une e nos reúne: Avanços e perspectivas no cinquentenário do Vaticano II*. Rio de Janeiro: Oikos, 2013.
- BOTTE, B. *O Movimento Litúrgico*. Testemunho e recordações. São Paulo: Paulinas, 1978.
- BROUARD, M. (org.). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BROWN, E.; FITZMYER, A. J.; MURPHY, E. R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CANTALAMESSA, R. *O Mistério da Ceia*. Aparecida: Santuário, 2003.
- CASALENGO, A. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CHAMPLIM, N.R. *O Novo Testamento interpretado*. Vol. IV. São Paulo: Milenium, 1980.
- CHILDES, S.B. *Pentateuco*. El Libro del Éxodo: Comentario crítico y teológico. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003.
- CONGAR, Y. M. J. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CONZELMANN, H. *El centro del tiempo: estudio de la teología de Lucas*. Madrid: Fax, 1974.
- CORBON, J. *A fonte da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999.
- CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*: Grande comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1984.
- DANIÉLOU, J.; MARROU, H. *Nova História da Igreja: Dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- DEISS, L. *A Ceia do Senhor: Eucaristia dos cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____. *A Palavra de Deus Celebrada*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FABRIS, R. MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1992.

- FALSINI, R. *Celebrare e vivere il mistero eucarístico*. Bologna: EDB, 2009.
- FEE, D.G. *Primeira epístola a los Corintios*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1994.
- FIGUEIREDO, A. F. *Curso de Teologia Patrística I: A vida da Igreja primitiva. Séculos I e II*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- FONTBONA, J. *Ministerio de comunión*. Barcelona: Centre de Pastoral Liturgica, 1999.
- FRIRES, H. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1983.
- FUGLISTER, N. *Il valore salvifico della pasqua*. Brescia: Paideia, 1976.
- GIRAUDO, C. *Admiração Eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GOMES, F.C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo. Paulinas, 1980.
- GOPEGUI, R. J. *Eukharistia: Verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- HAMMAN, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HAWTHORNE, F. G.; MARTIN, P. R.; REID, G. D. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- JOHANNY, R. *A Eucaristia, caminho de ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- JONG, J.P. *A Eucaristia: realidade simbólica*. São Paulo: Herder, 1969.
- JUNGSMANN, J. A. *Missarum sollemnia*. Origens, liturgia, história e teologia da missa romana. São Paulo: Paulus, 2009.
- KLOPPENBURG, B. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____.; VIER, F. (orgs.) *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LADARIA, L. *O Deus vivo e verdadeiro. O mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. *Leitura do Evangelho segundo São João*. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *O Pão da Vida: Um estudo sobre a Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984.
- LEVORATTI, J. A. *Comentario Bíblico Latinoamericano: Nuevo Testamento*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003.
- LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LÓPEZ MARTÍN, J. *No espírito e na verdade II*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LURKER, M. *Dicionário de símbolos e figuras bíblicas*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MAERTENS, T. *Reúne o meu povo*. São Paulo: Paulinas, 1977.

- MAGRASSI, M. *Vivere la liturgia*. Noci: La Scala, 1978.
- MARSILI, S. et al. *A Eucaristia: Teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MATEOS, D. M. *O Sacramento do Pão*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012.
- _____. *Lucas em João: Uma nova leitura dos Evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo editor, 2004.
- McKENZIE, JOHN L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2013.
- NEUNHEUSER, B. *História da Liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.
- PIKAZA, X.; SILANES, N. (orgs.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.
- RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.
- RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.
- RAVASI, G. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ROCCHETA, C. *Os Sacramentos da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ROUET, A. *A Missa na História*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- SAMANES, F.C.; ACOSTA, T. J.J (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, 1999.
- SANTI, D.C. *Liturgia Judaica: Fontes, estrutura, orações e festas*. Paulus, 2012.
- SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Teologia Dogmática II*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SESBOÜÉ, B; BOURGEOIS, H; TIHON, P. *História dos Dogmas tomo 3: Os Sinais da Salvação*. São Paulo: Loyola, 2005.
- STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TABORDA, F. *O Memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos e teológicos sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987.
- TEPE, V. *Pequeno rebanho, grande sinal: Igreja hoje*. São Paulo: Paulus, 2000.
- VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- VANNI, U. *L'Uomo dell'Apocalisse*. Roma, Edizioni AdP, 2008.

VOLK, H. *A liturgia renovada: fundamentos teológicos*. Petrópolis: Vozes, 1968.

VV.AA. *Chave Bíblica Católica*. São Paulo: Ave Maria, 2013.

WIRZBA, N. *Alimento & Fé: Uma teologia da alimentação*. São Paulo: Loyola, 2014.

ZIZIOULAS, I. *A criação como Eucaristia: proposta teológica ao problema da ecologia*. Florianópolis: Itesc, 2001.

7.4

Artigos

CONGAR, Y. M. J. La Iglesia, pueblo sacerdotal In *Phase* 147 (2004), pp. 3-68.

CRAGHAN, J. F. Êxodo In BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (orgs.). *Comentário bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999, v. I, pp. 91-120.